

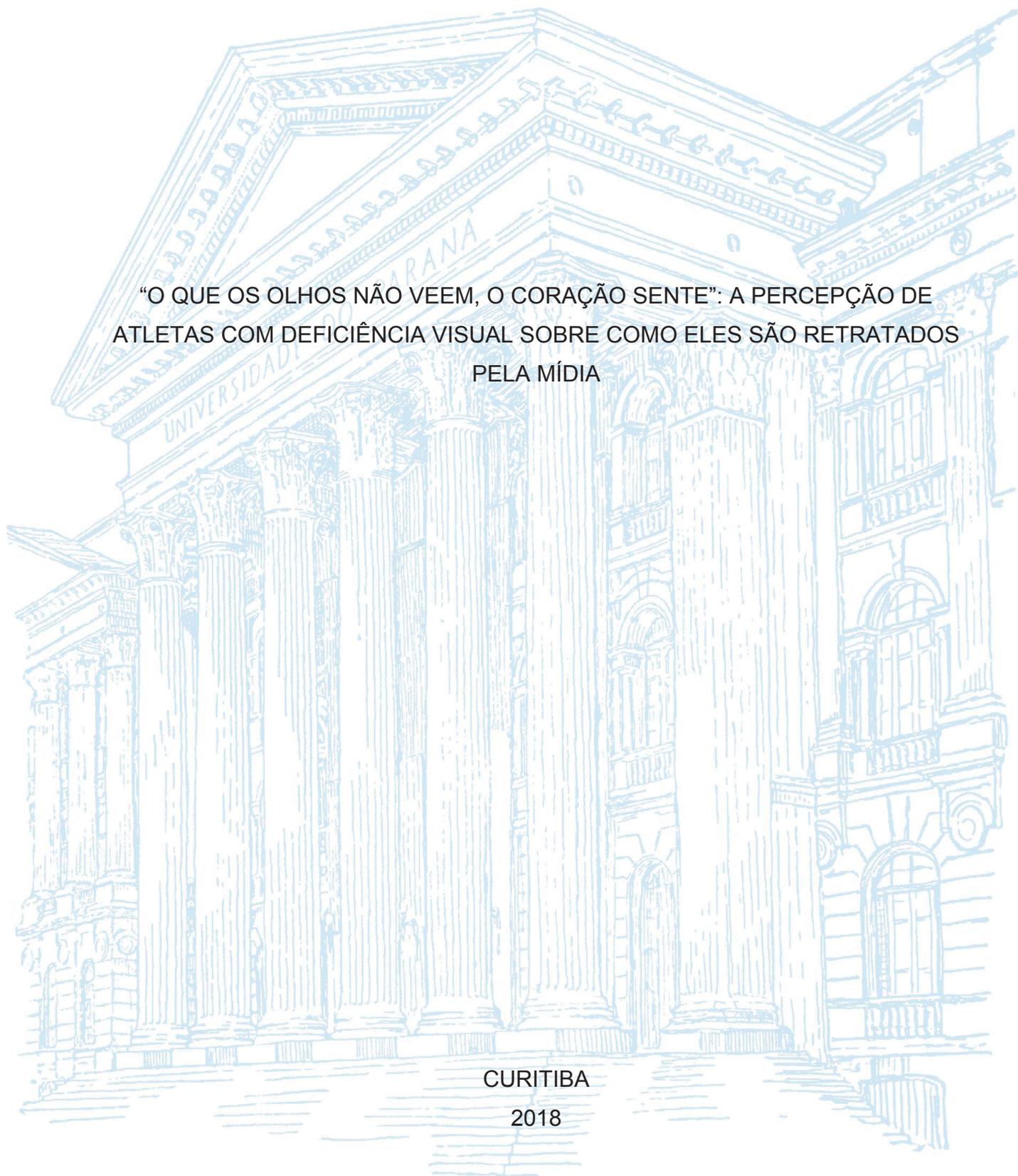
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AMANDA PAOLA VELASCO DE OLIVEIRA

“O QUE OS OLHOS NÃO VEEM, O CORAÇÃO SENTE”: A PERCEPÇÃO DE
ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL SOBRE COMO ELES SÃO RETRATADOS
PELA MÍDIA

CURITIBA

2018



AMANDA PAOLA VELASCO DE OLIVEIRA

“O QUE OS OLHOS NÃO VEEM, O CORAÇÃO SENTE”: A PERCEPÇÃO DE
ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL SOBRE COMO ELES SÃO RETRATADOS
PELA MÍDIA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Doralice Lange de Souza

CURITIBA

2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca de Ciências Biológicas.
(Telma Terezinha Stresser de Assis –CRB/9-944)

Oliveira, Amanda Paola Velasco de

“O que os olhos não veem, o coração sente”: a percepção de atletas com deficiência visual sobre como eles são retratados pela mídia. / Amanda Paola Velasco de Oliveira. – Curitiba, 2018.

114 p.: il. ; 30cm.

Orientadora: Doralice Lange de Souza

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Deficientes visuais. 2. Atleta. 3. Mídia social. I. Título. II. Souza, Doralice Lange de. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.0456



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

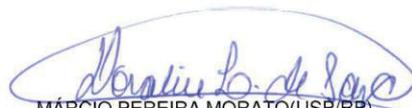
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **AMANDA PAOLA VELASCO DE OLIVEIRA**, intitulada: "**O QUE OS OLHOS NÃO VEEM, O CORAÇÃO SENTE**": A PERCEPÇÃO DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL SOBRE COMO ELAS SÃO **RETRATADOS PELA MÍDIA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Fevereiro de 2018.


DORALICE LANGÉ DE SOUZA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


MÁRCIO PEREIRA MORATO(USP/RF)


RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES(UFPR)

Dedico esta dissertação ao meu marido Philipe por todo o incentivo no decorrer deste processo, à minha filha Isabela por ser a minha maior motivação e aos meus pais Sônia e Cidinho por serem a minha inspiração.

Também dedico à minha vó Adaltiva que ao longo da vida me incentivou a estudar e a buscar crescimento pessoal e profissional, e que infelizmente, ao longo do desenvolvimento deste trabalho nos deixou para brilhar no céu.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, bênçãos e proteção.

À professora Doralice Lange de Souza, pela orientação, apoio, incentivos, confiança e principalmente pela amizade.

Aos meus amigos Aline e Cauê que presencialmente ou não estiveram ao meu lado me apoiando e me dando força para seguir em frente.

Aos amigos Bianca, Nadyne, Silvan, Sabrina, Antônio e André que a Pós-graduação me deu de presente e que muito me ajudaram e me incentivaram durante este processo.

Aos demais colegas que de alguma forma contribuíram no desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu tio Wilson por todo o apoio desde a graduação. Sem o seu apoio nada disso seria possível.

Ao Rodrigo Waki, secretário da pós-graduação, que está sempre disponível para ajudar e facilitar a vida dos alunos.

RESUMO

A mídia tem um papel fundamental na construção do imaginário da sociedade em relação às pessoas com deficiência e o conteúdo veiculado por ela ajuda a construir ou desconstruir estereótipos relacionados à pessoa com deficiência. Frente a isso, o objetivo deste trabalho foi o de analisar a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência visual sobre a forma que eles são retratados pela mídia. A pesquisa foi de cunho qualitativo e exploratório. Utilizamos entrevistas semiestruturadas com auxílio de vídeos para a coleta de dados. Entrevistamos cinco atletas e dois ex-atletas com deficiência visual das modalidades Atletismo, Goalball e Futebol de 5. Realizamos uma análise temática dos dados. A partir dessa análise, três temas principais emergiram das entrevistas: 1) Representação dicotômica do atleta paralímpico ou como um super-herói ou como uma vítima. Os atletas disseram que esta abordagem não os agrada pois não os representa como eles de fato são. No entanto, eles preferem ser retratados como super-heróis do que não ter nenhuma visibilidade na mídia. 2) Ênfase na deficiência em detrimento dos feitos esportivos. Isto, de acordo com os atletas, não valoriza o esforço que eles realizam para chegar ao alto rendimento esportivo. 3) Reprodução ou perpetuação, por parte veículos midiáticos, de preconceitos e estigmas relacionados às pessoas com deficiência visual. Conforme os entrevistados, a mídia tende a reproduzir estigmas que não condizem com a sua realidade, como por exemplo, que as pessoas com deficiência visual “vivem na escuridão”. Esse estigma remete a um sentimento de pena e de tristeza, induzindo as pessoas a pensarem nesses indivíduos como pessoas tristes e solitárias. Em suma, os atletas entrevistados acreditam que a mídia não os retrata conforme a sua realidade e reproduz estigmas e estereótipos. Eles desejam ser vistos pela mídia, primeiramente, como atletas e como seres humanos, que possuem tantas potencialidades quanto quem não possui deficiência. Este trabalho oferece subsídios que podem ajudar a qualificar a cobertura midiática do esporte paralímpico de forma a valorizar a esportividade dos atletas paralímpicos, bem como pode contribuir para com a desconstrução de preconceitos e estigmas existentes na sociedade, contribuindo para a inclusão social das pessoas com deficiência visual.

Palavras-chave: Esporte Paralímpico. Pessoas com Deficiência Visual. Mídia. Representação.

ABSTRACT

The objective of this work was to analyze the perception of visually impaired athletes and ex-athletes on the way they are portrayed by the media. The research was qualitative and exploratory. We used semi-structured interviews using videos as an aid to collect data. We interviewed five athletes and two with visually impaired ex-athletes from the Athletics, Goalball and Football 5 modalities. We did a thematic analysis of the data. Three main themes emerged from the interviews: 1) Dichotomous representation of the Paralympic athlete as a superhero or as a victim. The athletes said that this approach does not please them because it does not represent them as they really are. However, they prefer being portrayed as superheroes than having no media visibility; 2) Emphasis on their disability at the expense of their sports. This, according to the athletes, does not value their effort to be elite athletes. 3) Reproduction or perpetuation of prejudices and stigmas related to people with visual impairment. According to the interviewees, the media tends to reproduce stigmas that do not match with their reality, for example, that people with visual impairment "live in the dark". This stigma refers to a feeling of pity and sadness, inducing people to think of these individuals as sad and lonely. In summary, the athletes interviewed believe that the media does not portray them according to their reality and reproduces socially perpetuated stigmas and stereotypes. They want to be seen by the media, primarily as athletes and as human beings, who have as many potentialities as those who do not have disabilities. This work offers subsidies that can help to qualify the media coverage of the Paralympic sport in order to value the sportiness of Paralympic athletes. It can also help to deconstruct existing prejudices and stigmas, contributing to the social inclusion of people with visual impairments.

Keywords: Paralympic Sport. People with Visual Impairment. Media. Representation.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | PERCURSO METODOLÓGICO | 16 |
| 2.1 | APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA..... | 20 |
| 3 | É MELHOR SER SUPER-HERÓI DO QUE SER A VÍTIMA: EXPLORANDO DOIS EXTREMOS NA REPRESENTAÇÃO DOS ATLETAS PARALÍMPICOS | 24 |
| 3.1 | A VITIMIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA..... | 24 |
| 3.2 | O ATLETA COM DEFICIÊNCIA COMO SUPER-HERÓI..... | 30 |
| 3.3 | É MELHOR FICAR INVISÍVEL OU SER VISTO COMO UM SUPER-HERÓI? | 37 |
| 4 | A DEFICIÊNCIA SE SOBREPONDO AO ESPORTE | 41 |
| 4.1 | A ÊNFASE NA SUPERAÇÃO DA DEFICIÊNCIA | 43 |
| 4.2 | O ATLETA PARALÍMPICO COMO EXEMPLO | 49 |
| 4.3 | A DESVALORIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DOS ATLETAS PARALÍMPICOS | 54 |
| 5 | “SAINDO DA ESCURIDÃO”: PRECONCEITOS E ESTIGMAS RELACIONADOS ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL | 66 |
| 5.1 | OS PRECONCEITOS | 66 |
| 5.2 | O CONSTANTE QUESTIONAMENTO DAS CAPACIDADES DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL..... | 73 |
| 5.3 | ESTIGMAS SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL..... | 80 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 92 |
| | REFERÊNCIAS | 98 |
| | ANEXO 1 – NOTÍCIA REFERENTE A VITIMIZAÇÃO | 103 |
| | ANEXO 2 – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA | 107 |
| | APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA | 108 |
| | APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) | 112 |

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência (PCD) é denominado esporte adaptado. De acordo com Winnick (2004), as primeiras referências de experiências de pessoas com deficiência praticando esportes se deu nos Estados Unidos com atividades esportivas para pessoas com deficiência auditiva e visual. Neste período, a reabilitação era feita por meio de ginástica médica, cabendo ao esporte um papel predominantemente educativo (MARQUES, R. F. R., 2010).

A partir da metade do século XX, houve a inclusão do esporte adaptado em programas de reabilitação (CASTRO, 2005). Posteriormente, o esporte adaptado adquiriu características competitivas, o que contribuiu significativamente para o desenvolvimento e internacionalização do esporte para pessoas com deficiência.

O esporte adaptado engloba diversos tipos e graus de deficiência, e entre elas está a deficiência visual. Segundo o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, a deficiência com maior ocorrência no Brasil é a deficiência visual. O resultado do Censo apontou que 18,6% da população brasileira possui algum tipo de deficiência visual. Para o IBGE, no entanto, uma pessoa com deficiência visual é aquela que mesmo com advento de lentes corretivas tem alguma ou grande dificuldade de enxergar, ou ainda, que não consegue enxergar. Esta definição, portanto, inclui em seu escopo pessoas com alguma dificuldade de enxergar, mas que talvez não se enquadrem nos parâmetros de acuidade e campo visual para serem consideradas pessoas com deficiência visual. O Relatório Mundial sobre a deficiência (2012) aborda a dificuldade de se quantificar a população com deficiência no mundo devido à complexidade de conceituar, determinar e padronizar os critérios pelos quais o indivíduo pode ser considerado uma pessoa com deficiência.

Para Matsui (2007), uma pessoa com deficiência visual é aquela que mesmo com a utilização de lentes corretivas, tem a sua capacidade visual severamente comprometida. Neste trabalho, adotaremos tal definição de deficiência visual.

Dentre as diferentes formas de manifestação do esporte adaptado, há uma vertente direcionada ao alto rendimento, denominada esporte paralímpico. O esporte paralímpico é a manifestação do esporte adaptado mais reconhecida popularmente por ser a mais presente na mídia (MARQUES, R. F. R. et al., 2009). Essa vertente do esporte adaptado começou a ficar conhecida somente após a segunda guerra mundial como forma de reabilitação de soldados, na metade do século XX, na Inglaterra, com o neurocirurgião alemão Ludwing Guttman (ARAÚJO, 1997).

Guttman realizava um trabalho de reabilitação física e social através do esporte, e iniciou as competições para pessoas com deficiência em 1948, a partir dos Jogos de Stoke Mondeville. *A priori* competiam somente pessoas com deficiência física. Depois de algumas edições realizadas apenas com pacientes do hospital inglês, os Jogos passaram a receber atletas de outros países. A edição de 1960, posteriormente, ficou conhecida como os primeiros Jogos Paralímpicos (JP) da história (MARQUES, R. F. R. et al., 2009).

A primeira edição dos Jogos Paralímpicos ocorreu em 1960 na cidade de Roma e contou com a participação de 400 atletas provenientes de 23 países. Na ocasião, foram disputadas oito modalidades que envolviam apenas pessoas com lesão medular. Após 56 anos da primeira edição, nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, participaram 4350 atletas de 176 países¹, em que competiram atletas com deficiência física, visual, intelectual ou múltipla em 22 modalidades² (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2016). Os atletas com deficiência visual competiram nas modalidades de natação, ciclismo, atletismo, triatlo, goalball, futebol de 5, judô e remo (BRASIL2016, 2016).

O esporte paralímpico é um movimento recente se comparado ao esporte olímpico (MARQUES, R. F. R. et al., 2009). Para se desenvolver e conquistar espaço no meio esportivo, o movimento paralímpico passou a adotar nos últimos anos os ideais mercadológicos e do profissionalismo (MARQUES, R. F. R., 2010).

¹ Os dados numéricos da quantidade de atletas participantes dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 foram encontrados no site do *International Paralympic Committee* (IPC).

² Nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 foram disputadas as seguintes modalidades: Atletismo, Basquete em Cadeira de Rodas, Bocha, Canoagem, Ciclismo de Estrada, Ciclismo de Pista, Esgrima em Cadeira de Rodas, Futebol de 5, Futebol de 7, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Remo, Rúgbi em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa, Tênis em Cadeira de Rodas, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Vela e Vôlei Sentado.

Apesar dos esforços das entidades organizadoras em promover as modalidades paralímpicas e difundi-las na sociedade, segundo Betti (2001), a mídia tende a dar preferência a esportes que já têm um certo grau de conhecimento e aceitação pela sociedade. Isso acaba gerando uma monocultura esportiva, que no caso do Brasil, é centrada no futebol.

O esporte paralímpico costuma ter pouco espaço na mídia, e quando comparado com a quantidade de horas dedicadas ao esporte olímpico, a discrepância é evidente (BRITAIN, 2012; BRUCE, 2014; COAKLEY; PIKE, 2014; SOLVES; SÁNCHEZ; RIUS, 2016). Figueiredo e Guerra (2005) ilustram essa discrepância a partir do número de horas de transmissão dedicadas aos Jogos Olímpicos e aos Jogos Paralímpicos. Embora tenha ocorrido um aumento significativo no tempo de transmissão dos Jogos Paralímpicos de Sydney (marco do início de transmissão de imagens dos JP) para Atenas – de 100 para 3000 horas -, quando esse número é comparado às 16033 horas de transmissão dos Jogos Olímpicos de Atenas, a desigualdade é evidente. Outro exemplo mais recente referente à discrepância de espaço ocupado na mídia entre o esporte olímpico e o paralímpico, é a quantidade de horas relativas à transmissão dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. A Sportv, canal fechado de televisão, transmitiu mais de quatro mil horas dos Jogos Olímpicos, distribuídas em dezesseis canais (SPORTV, 2016a), enquanto os Jogos Paralímpicos tiveram apenas quatro canais transmitindo um total de pouco mais de cento e cinquenta horas (SPORTV, 2016b). Esses dados corroboram com os estudos citados anteriormente sobre a escassez da cobertura midiática em Jogos Paralímpicos.

Outros estudos indicam que a cobertura midiática do esporte paralímpico além de ser feita de forma insuficiente, é permeada por alto apelo emocional e informações triviais (BRUCE, 2014; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; SILVA; HOWE, 2012; PAPPOUS et al., 2009). São recorrentes as histórias de superação de atletas que ultrapassam barreiras e com isto, se tornam vencedores no esporte, na vida, e exemplos para a sociedade. Além disso, a mídia costuma tratar o atleta com deficiência como um super-herói, que mesmo tendo desvantagens físicas, consegue realizar feitos incríveis (FIGUEIREDO, 2014; FIGUEIREDO; NOVAIS, 2011; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HARDIN; HARDIN, 2004; HILGEMBERG, 2014; MARQUES,

R. F. R. et al., 2014; 2015). Esse tipo de abordagem é problemática, porque cria um imaginário acerca das pessoas com deficiência que muitas vezes não condiz com a realidade das mesmas, o que acaba reforçando estigmas reproduzidos pela sociedade.

Tendo em vista o exposto, esse trabalho se propôs a responder, a partir de uma perspectiva qualitativa, a seguinte pergunta: Qual a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência visual sobre a forma que eles são retratados pela mídia? Para obter dados que possibilitem responder essa pergunta, entrevistamos cinco atletas e dois ex-atletas com deficiência visual de três modalidades paralímpicas com diferentes idades, contextos sociais e tempos de prática. Escolhemos ex-atletas para participar da pesquisa para que pudéssemos trazer à tona relatos de atletas com deficiência visual que viveram outro momento do esporte paralímpico brasileiro e da mídia. Os critérios de seleção dos participantes do estudo serão explicados com mais detalhes posteriormente no capítulo de metodologia.

Alguns autores (HARDIN; HARDIN, 2004; MARQUES, R. F. R. et al., 2014; MARQUES, R. F. R. et al., 2015; PURDUE; HOWE, 2012) desenvolveram estudos no sentido de analisar a opinião dos atletas sobre a cobertura midiática do esporte paralímpico. Esses autores entrevistaram atletas com deficiência física em sua maioria, e alguns atletas com deficiência visual. Os autores concluíram que a maioria dos atletas não estavam satisfeitos com o modo com que a mídia retrata os atletas pois ela tende a exaltar as deficiências deles e as barreiras por eles enfrentadas, deixando os seus feitos esportivos em segundo plano.

Quando verificamos a produção brasileira sobre o esporte paralímpico na área sociocultural, a quantidade de trabalhos é expressivamente menor do que as áreas da saúde e do treinamento (SOUZA; MORAES E SILVA; MOREIRA, 2016). Indo mais a fundo na temática deste trabalho, sobre a representação dos atletas paralímpicos na mídia, encontramos alguns autores que realizaram estudos no sentido de investigar a opinião de atletas sobre como são representados na mídia (BERGER, 2008; HARDIN; HARDIN, 2004; MARQUES, R. F. R. et al., 2014; MARQUES, R. F. R. et al., 2015; SILVA; HOWE, 2012). Porém, não encontramos estudos que investigam especificamente a opinião de

peças com deficiência visual e que aprofundam na forma que atletas com este tipo de deficiência são retratados na mídia.

De uma forma geral, a produção científica sobre o esporte paralímpico é escassa quando comparada à produção científica sobre o esporte olímpico. Segundo Marques, R. F. R. et al. (2009), o esporte paralímpico é um movimento recente, que data da metade do século XX, enquanto o esporte olímpico foi criado entre os séculos XVIII e XIX. Essa diferença de mais de um século de origem pode justificar a escassez de produção científica do esporte paralímpico, já que conforme Brittain (2012), foi somente nos últimos quinze anos que o movimento paralímpico ganhou força. Dessa forma, podemos inferir que só então os pesquisadores começaram a se interessar por esse objeto de estudo.

A mídia tem um papel fundamental na construção do imaginário da sociedade em relação às pessoas com deficiência. O conteúdo veiculado por ela ajuda a construir ou desconstruir estereótipos relacionados à pessoa com deficiência (MARQUES, R. F. R., 2016). Frente a isso, este trabalho se debruçou a problematizar não só os estereótipos e estigmas por vezes reproduzidos pela mídia, mas também a forma como a mídia tem retratado as pessoas com deficiência visual.

É preciso destacar que a visão é um sentido primordial na relação social e pessoal dos indivíduos e é através da adaptação que as pessoas com deficiência visual estabelecem sua forma própria de perceber o mundo, baseada principalmente em referências sonoras e cinestésicas (MORATO et al., 2011a). Ao considerar as especificidades do grupo estudado, como aponta Morato et al. (2011a), e ao observar a incipiência dos estudos que abordam o tema, buscamos oferecer subsídios para que a sociedade entenda não só um pouco das especificidades desse grupo, como também, os estigmas e estereótipos que são produzidos e reproduzidos sem o conhecimento da realidade dessas pessoas. Além disso, esperamos contribuir com elementos empíricos para que a mídia realize uma cobertura mais qualificada do esporte e das pessoas com deficiência, de forma a exercer um papel informativo e formador e a desconstruir preconceitos e estigmas existentes e reproduzidos na sociedade.

A ideia desse trabalho surgiu pelo meu envolvimento com pessoas com deficiência visual em âmbito pessoal e profissional. Meus pais são pessoas com

deficiência visual e a minha mãe é atleta de goalball. Também sou técnica de uma equipe feminina de goalball, além de ser árbitra da modalidade há 5 anos e já ter participado como auxiliar técnica por 8 anos em outras equipes. A convivência com esse público me trouxe algumas inquietações sobre como eles eram vistos pela sociedade e como alguns estigmas eram/ são produzidos e reproduzidos sem conhecimento da realidade das pessoas com deficiência visual. Em paralelo à essa experiência, eu também comecei a observar de forma crítica o conteúdo proveniente da mídia e verifiquei um certo padrão na forma de representação das pessoas com deficiência, do esporte e dos atletas paralímpicos. E esse padrão por vezes me incomodava, uma vez que as reportagens costumavam trazer um apelo emocional e muitas vezes não condiziam com a realidade das pessoas ali representadas. Desta forma, nos propusemos a investigar qual a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência visual sobre como eles são retratados pela mídia.

Este trabalho foi dividido em seis capítulos. O primeiro se constitui na introdução. O segundo capítulo apresenta os percursos metodológicos utilizados para a realização deste trabalho e apresenta os participantes da pesquisa. O terceiro discute a representação do atleta paralímpico como um super-herói e como uma vítima. O quarto engloba temas que giram em torno do foco na deficiência, como a ênfase na superação, a desvalorização da trajetória esportiva no esporte paralímpico e a transformação do atleta paralímpico em um exemplo a ser seguido. O quinto traz à tona questões relativas à preconceitos enfrentados e estigmas produzidos e reproduzidos sobre as pessoas com deficiência visual. O sexto retoma as principais ideias do trabalho e apresenta as considerações finais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa se configurou como um estudo de cunho qualitativo e caráter exploratório. Dividimos o estudo em duas etapas: Coleta de materiais audiovisuais relacionados com o esporte paralímpico a fim de utilizá-los como fontes para fomentar discussões durante as entrevistas, e a realização de uma entrevista semiestruturada com cada um dos participantes da pesquisa.

Durante o período de 07 de setembro de 2016 a 18 de setembro de 2016, coletamos, em três portais de notícia *online*, matérias divulgadas sobre os Jogos Paralímpicos Rio-2016, e mais especificamente, sobre as modalidades para pessoas com deficiência visual. Todas as notícias que faziam menção a pessoas com deficiência visual foram coletadas para serem analisadas posteriormente. Os portais de notícia consultados foram: o portal de notícias da Rede Globo (<http://globoesporte.globo.com/>); o portal de notícias da Band (<http://band.uol.com.br/>); e o portal de notícias da Rede Record (<http://www.r7.com/>). Escolhemos os mesmos por serem os portais de notícia das três principais redes televisivas do Brasil. Ao todo copilamos 164 notícias.

Lemos e/ou assistimos todo o material copilado buscando identificar as principais características das notícias. Para isto, nos pautamos no trabalho de alguns autores que vem discutindo as características da cobertura midiática acerca do esporte paralímpico. De acordo com estes autores, a cobertura midiática referente ao esporte paralímpico tende a ter as seguintes características: (1) o enfoque das notícias tende a ser mais na deficiência do atleta ou na superação da mesma do que na trajetória esportiva (HILGEMBERG, 2014; PURDUE; HOWE, 2012); (2) os atletas tendem a ser representados como vítimas (FIGUEIREDO; NOVAIS, 2011; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2012; MARQUES, R. F. R. et al. 2015) ou como super-heróis por superarem limitações provenientes da deficiência e realizarem “feitos incríveis” (HARDIN; HARDIN, 2004; HILGEMBERG, 2012; MARQUES, R. F. R. et al., 2014; MARQUES, R. F. R. et al. 2015; SILVA; HOWE, 2012). Ao analisarmos o material copilado, identificamos essas características e ainda observamos uma outra que não havíamos encontrado na literatura: estigmas relacionados especificamente às pessoas com deficiência visual, como o estigma de que a

pessoa com deficiência visual vive na escuridão ou que ela “vê” o mundo de uma forma diferente.

Dentre todo o material coletado para fomentar discussões sobre a vitimização da pessoa com deficiência, selecionamos uma reportagem (Anexo 1) proveniente do portal de notícias da Rede Globo. Esta foi divulgada dia 12/09/2016 e foi intitulada “Unida ao irmão por doença, Regiane dá volta no destino para nadar no Rio”. Escolhemos esta notícia por tratar ao longo de seu conteúdo, a deficiência como um destino trágico que acarreta tristeza e sofrimento.

Concomitante à busca de materiais nos portais de notícia, acompanhamos as reportagens referentes aos Jogos Paralímpicos Rio 2016 pelo canal de televisão Rede Globo³. Selecionamos três vídeos sobre a representação da pessoa com deficiência visual, que contém trechos emblemáticos que ressaltam a deficiência e estigmas associados a ela. Os vídeos foram coletados via internet nas respectivas páginas dos jornais ou programas televisivos.

O primeiro vídeo intitulado “Equipe feminina do Brasil ganha prata no revezamento 4x100 metros” ([http://g1.globo.com/jornal-
hoje/edicoes/2016/09/15.html](http://g1.globo.com/jornal-hoje/edicoes/2016/09/15.html)) foi exibido no Jornal Hoje, dia 15 de setembro de 2016. Escolhemos esse vídeo porque ele exemplifica o estigma de que as pessoas com deficiência visual vivem na escuridão. Nele pode-se ouvir um trecho em que o jornalista afirma que “são elas [as atletas com deficiência visual] que brilham, embora vivam em um mundo de escuridão”. O segundo vídeo intitulado “Clipe reúne grandes momentos dos Jogos Paralímpicos Rio 2016” (<https://globoplay.globo.com/v/5314814/programa/>), foi exibido no programa Esporte Espetacular, dia 18 de setembro de 2016. Selecionamos esse vídeo por ter uma ênfase na superação das limitações em todo o seu desenvolvimento e por transformar o atleta em um super-herói. Esse vídeo contém trechos como: “Eles são mais do que super, são demais! É a superação em tudo!” e “Não é fácil! Tem que ser super mesmo para fazer aquilo que eles fazem dentro da arena”. O terceiro vídeo foi exibido no Jornal Nacional, no dia 31 de agosto de 2012 e é referente aos Jogos Paralímpicos de Londres 2012. Selecionamos esse vídeo, pois ele contém trechos que enfocam a desvalorização dos resultados

³ A Rede Globo foi escolhida para coleta de dados por ser a emissora brasileira com maior influência no país (CÂNDIDO; PALMA; ASSIS, 2016).

esportivos em prol de um enfoque na superação da deficiência, como o trecho que o jornalista diz: “o gol aqui é detalhe, o que eles fazem vale muito mais”. Também há outro trecho que exemplifica o estigma mencionado anteriormente, quando o jornalista afirma que: “dessa escuridão total brotam lances incríveis”. Vale salientar que este último vídeo já havia sido coletado e faz parte do material audiovisual que o nosso grupo de pesquisa LEPSCEA⁴ (Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais sobre o Esporte Adaptado) tem coletado e armazenado para pesquisas e elaboração de materiais pedagógicos.

A partir da leitura das notícias copiladas nos portais de notícia e da visualização dos vídeos selecionados, elaboramos um roteiro de entrevista (Apêndice 1) semiestruturado. Conforme observávamos um tema recorrente nos materiais coletados, perguntas referentes a esse tema eram elaboradas com a finalidade de saber a opinião dos atletas entrevistados a respeito do mesmo.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com cinco atletas e dois ex-atletas de três modalidades paralímpicas: Goalball, Futebol de 5 e Atletismo. Durante as entrevistas, exibimos os vídeos e apresentamos a reportagem citados anteriormente a fim de explorar temáticas relacionadas com a cobertura midiática sobre o esporte paralímpico que já foram discutidas por outros autores. A grande vantagem desta abordagem foi que ela nos ajudou a aprofundar discussões que abordaram estes temas. Por outro lado, este procedimento pode ter enviesado, até certo ponto, as respostas dos participantes. Caso não tivéssemos mostrado estes materiais, talvez a abordagem deles em relação às perguntas que levantamos teria sido diferente.

Os entrevistados foram selecionados a partir de contatos que proporcionaram acesso a atletas de relevância nacional dentro do cenário esportivo brasileiro. A pesquisa contou com cinco atletas que já participaram de pelo menos uma edição dos Jogos Paralímpicos e dois atletas que nunca participaram, mas atuam ou atuaram a nível amador. Selecionamos atletas com destaque no cenário esportivo brasileiro, pois queríamos ouvir a opinião de algumas pessoas que aparecem frequentemente nos veículos midiáticos.

⁴ Grupo de estudos e pesquisas socioculturais sobre o esporte adaptado, da Universidade Federal do Paraná, coordenado pela prof. Dra. Doralice Lange de Souza, que investiga aspectos socioculturais do esporte adaptado.

Queríamos descobrir se a forma como são retratados corrobora com o que esses atletas pensam sobre si e sobre as pessoas com deficiência, de uma forma geral.

As entrevistas foram realizadas presencialmente ou via Skype⁵, dependendo da localização geográfica dos entrevistados. Todas as entrevistas foram gravadas com a utilização de um gravador de voz. Elas foram realizadas no período de novembro de 2016 a fevereiro de 2017 e duraram em média 45 minutos cada. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra.

O trabalho faz parte de um projeto maior intitulado “O discurso midiático sobre o Esporte Paralímpico para pessoas com deficiência: Um estudo sobre a produção e recepção de notícias”. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética do Setor de Saúde da Universidade Federal do Paraná e foi aprovado sob parecer número 1.574.202 (Anexo 2). Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice 2) e concordaram em participar da pesquisa.

Realizamos uma análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006) tomando como base categorias já apontadas pela literatura como características da cobertura midiática. Buscamos também temas que, mesmo não estando presentes na literatura, surgiram como importantes no conjunto de dados analisado. Entendemos como tema, um padrão relevante e recorrente observado nos dados que nos ajuda a responder a questão central do estudo. Para a identificação dos temas utilizamos tanto uma abordagem indutiva, quanto dedutiva (BRAUN; CLARKE, 2006). Ao selecionarmos materiais específicos para serem apresentados aos participantes da pesquisa, nos encaixamos na abordagem dedutiva, uma vez que é o pesquisador quem direciona a temática do estudo a partir de uma teoria específica, ou no nosso caso, de temáticas específicas. Entretanto, ao analisarmos os dados provenientes das entrevistas, emergiram outras temáticas que não foram previamente estabelecidas. Sendo assim, nesta etapa da pesquisa, os dados foram codificados e não seguiram as temáticas pré-estabelecidas, o que caracteriza esta etapa como uma análise temática com abordagem indutiva.

⁵ Estudos como o de Oliveira et al. (2009) e o de Braga e Gastaldo (2012) demonstram que o Skype tem se revelado uma ferramenta útil para a coleta de dados em pesquisas qualitativas, principalmente em casos que não é possível a interação face to face entre pesquisador e pesquisado

Em relação às etapas de análise dos dados produzidos a partir das entrevistas, fizemos primeiro uma análise individual dos dados compilados a partir de cada um dos participantes, observando temas que se destacavam em suas falas e que poderiam auxiliar a responder à pergunta central deste estudo. Na sequência, realizamos uma análise cruzada das entrevistas para identificar quais temas eram recorrentes e relevantes no conjunto total de dados. A partir disso, definimos quais seriam as temáticas a serem discutidas no trabalho. Estas foram futuramente agrupadas e organizadas para a apresentação dos capítulos a seguir.

A apresentação deste trabalho se inicia com uma discussão dos estereótipos associados às pessoas com deficiência de uma forma geral. Posteriormente incorporamos e focamos a discussão dos estigmas relacionados às pessoas com deficiência visual, especificamente.

2.1 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Antes de descrever os participantes, explicaremos algumas especificidades relacionadas às pessoas com deficiência visual. Esse tipo de deficiência pode ser congênita ou adquirida. A deficiência visual congênita corresponde à deficiência adquirida desde antes do nascimento até os cinco anos de idade, pois é nesse período que a acuidade visual da criança se aperfeiçoa. Se a criança perder a visão até os cinco anos de idade, não há conservação de imagens visuais, implicando na ausência de uma memória visual (ALMEIDA; ARAUJO, 2013). A deficiência visual adquirida diz respeito à deficiência obtida no decorrer da vida em decorrência de alguma doença ou acidente.

Existe uma classificação para pessoas com deficiência visual regulamentada, em âmbito esportivo, pela *International Blind Sports Federation* (IBSA)⁶. A determinação da classificação visual é baseada no olho com melhor acuidade visual com a melhor correção ótica usando óculos ou lentes de contato, e/ou campos visuais que incluem zonas centrais e periféricas. Para medir a acuidade visual, a IBSA utiliza a escala logMAR (logaritmo do ângulo mínimo de resolução),

⁶ A *International Blind Sports Federation* (Federação Internacional de Esportes para Cegos) é a entidade que gerencia internacionalmente diversas modalidades esportivas para pessoas com deficiência visual.

que é calculada a partir de resultados de exames oftalmológicos específicos. A classificação é dividida em três classes, de acordo com o grau da deficiência:

- B1: Acuidade visual menor que o LogMAR 2.6.
- B2: Acuidade visual variando de LogMAR 1.5 a 2.6 e/ ou campo visual contraído a um diâmetro inferior a 10 graus.
- B3: Acuidade visual variando de LogMAR 1.4 a 1.0 e/ ou campo visual restringido a um diâmetro inferior a 40 graus.

A nossa pesquisa foi realizada com um grupo heterogêneo de atletas com deficiência visual adquirida ou congênita e classificados em uma das três classes acima. Esses atletas são oriundos de diferentes regiões do país, provêm de diferentes contextos socioculturais e estão inseridos no meio esportivo por períodos distintos. Selecionamos dois ex-atletas para participar da pesquisa e trazer à tona questões pertinentes experienciadas pelos mesmos na época em que praticavam esporte, traçando um paralelo com a realidade atual.

Os atletas estão divididos em três categorias: atletas paralímpicos, atletas amadores e ex-atletas. Para Howe (2004), são considerados atletas paralímpicos ou profissionais, aqueles que possuem contrato de trabalho. Como a realidade brasileira é diferente da realidade de outros países, e segundo a Lei Pelé (Lei nº 9.615/98), somente os jogadores de futebol podem ser considerados atletas profissionais, consideramos neste trabalho que atletas paralímpicos são atletas com deficiência que competem em alto rendimento, que recebem algum tipo de incentivo financeiro e que já participaram de pelo menos uma edição de Jogos Paralímpicos. Os atletas amadores são atletas que, como aponta Howe (2004), se dividem em dois grupos: os devotados que se assemelham aos atletas profissionais no que diz respeito à dedicação aos treinamentos, praticando esporte em seu tempo livre; e os apaixonados que não se dedicam da mesma forma que os devotados aos treinamentos, pois seu foco não é a melhora de rendimento, e sim o prazer de praticar um esporte. Neste trabalho, podemos considerar que o atleta amador entrevistado se enquadra no grupo de atletas devotados. Apresentaremos a seguir cada um dos participantes da pesquisa utilizando pseudônimos para preservarmos a sua identidade.

O entrevistado 1 foi chamado de Carlos, é do sexo masculino, possui 47 anos de idade e é solteiro. Ele é graduado em pedagogia e terminou

recentemente o mestrado na área da educação especial. O entrevistado é classificado como B2 e sua deficiência é em função de uma catarata congênita. É ex-atleta e praticou atletismo por oito anos em uma capital da região centro-oeste, onde reside até os dias atuais. Nunca recebeu incentivo financeiro para sua manutenção no esporte.

O entrevistado 2 foi chamado de Paulo, é do sexo masculino, possui 59 anos de idade e é solteiro. É formado em educação física e trabalha atualmente como profissional técnico desportivo. O entrevistado é classificado como B1 e adquiriu a deficiência aos três anos de idade em um acidente doméstico. Foi atleta por vinte anos e ao longo desse tempo praticou futebol de 5, goalball e atletismo. Já participou de dois Jogos Paralímpicos como atleta pela modalidade atletismo e de outros dois Jogos Paralímpicos como coordenador técnico da modalidade futebol de 5. O entrevistado reside e treinava em uma capital do sul do país e recebeu incentivo financeiro por alguns anos de sua carreira para treinar.

O entrevistado 3 foi chamado de Pedro, é do sexo masculino, possui 38 anos de idade e é casado. É graduado em pedagogia e possui uma pós-graduação em educação especial. Atualmente é aposentado por invalidez e considera o esporte como sua profissão. O entrevistado é classificado como B1 e adquiriu a deficiência há dezessete anos em um acidente automobilístico. Pedro pratica esporte há quatorze anos e durante esse tempo já praticou judô por dois anos. Ele ainda é atleta de goalball e de atletismo. Pedro nunca participou de Jogos Paralímpicos, mas já integrou a seleção brasileira e participou de um mundial e uma edição dos Jogos Parapan- Americanos pelo goalball. O entrevistado reside no interior do Paraná. Já recebeu bolsa atleta nacional e hoje recebe incentivo financeiro da esfera estadual.

O entrevistado 4 foi chamado de Marcos, é do sexo masculino, possui 25 anos de idade e é solteiro. Ele iniciou uma graduação em educação física, mas devido ao grande volume de treinos abandonou a faculdade para se dedicar exclusivamente aos treinamentos. Marcos considera que ser atleta é sua profissão, pois vive unicamente do esporte. Ele é classificado como B2 e sua deficiência é resultante de uma toxoplasmose congênita. Marcos pratica atletismo há dez anos e participou dos Jogos paralímpicos Rio 2016. Ele reside e treina em uma capital da

região centro-oeste e recebe bolsa atleta internacional e bolsa pódio como aporte financeiro para sua manutenção no esporte.

A entrevistada 5 foi chamada de Ana, é do sexo feminino, possui 40 anos de idade e é casada. Ela possui nível superior completo e atualmente é agente de telecomunicações. Ana também considera o esporte como sua profissão, pois embora não consiga viver exclusivamente do mesmo, ela dedica grande parte de seu tempo aos treinamentos e recebe salário do clube onde treina. Ela é classificada como B1 e sua deficiência é devido a um glaucoma congênito. Ana reside em uma capital da região sudeste. Ela está inserida no meio esportivo há vinte e dois anos. Já praticou atletismo em paralelo com o goalball, mas a partir de 2007 optou por se dedicar exclusivamente ao goalball. Ana já participou de três Jogos Paralímpicos ao longo de sua carreira – um pelo atletismo e dois pelo goalball. Ela recebe bolsa atleta há doze anos e atualmente recebe a bolsa atleta internacional.

O entrevistado 6 foi chamado de André, é do sexo masculino, possui 27 anos de idade e é solteiro. Ele possui ensino médio completo e por viver exclusivamente de financiamento advindo do esporte, considera que sua profissão é ser atleta. Ele é classificado como B1 e sua deficiência se deve a um glaucoma congênito. André reside no interior da Bahia. Ele pratica o futebol de 5 há treze anos e a sua inserção no esporte teve um impacto positivo na sua vida e de toda a sua família, pois proporcionou maiores oportunidades de crescimento social e financeiro. André já participou de três Jogos Paralímpicos e recebe bolsa atleta paralímpica atualmente.

A entrevistada 7 foi chamada de Bruna, é do sexo feminino, possui 38 anos de idade e é casada. Ela possui nível superior em psicologia e devido a dedicação e ao apoio financeiro recebido, considera o esporte como uma segunda profissão. Bruna é classificada como B1 e sua deficiência é congênita, devido ao parentesco muito próximo dos pais. Ela reside no interior de São Paulo e pratica o atletismo há dezesseis anos. Bruna já participou de quatro Jogos paralímpicos e atualmente recebe bolsa pódio do Governo Federal, incentivo do Governo do Estado de São Paulo através do Time São Paulo e ainda é patrocinada pela Loterias Caixa.

3 É MELHOR SER SUPER-HERÓI DO QUE SER A VÍTIMA: EXPLORANDO DOIS EXTREMOS NA REPRESENTAÇÃO DOS ATLETAS PARALÍMPICOS

[...] ou você é coitado ou você é super! Na realidade, não somos nem uma coisa nem outra. Somos desafiadores como é todo e qualquer atleta! (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

De acordo com alguns dos participantes deste estudo, os atletas paralímpicos tendem a ser representados como vítimas de suas deficiências ou como super-heróis. Esta realidade é reforçada por alguns pesquisadores (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2012, 2014; MARQUES, R. F. R. et al., 2015; SILVA; HOWE, 2012) que asseveram essa tendência dicotômica de representação de atletas paralímpicos.

A primeira forma de representação é caracterizada pela vitimização da pessoa com deficiência, na qual se estabelece que essa pessoa sofre, ou que ela é uma “coitadinha” por possuir uma deficiência (FIGUEIREDO; GUERRA, 2005; HILGEMBERG, 2012, 2014). A segunda é a transformação do atleta paralímpico em super-herói, chamado pela literatura internacional de “*supercrip*”. Neste tipo de representação enfatiza-se, no atleta, a superação de sua deficiência como sendo a realização de um feito extraordinário (MARQUES, R. F. R. et al., 2014; MARQUES, R. F. R. et al., 2015; HARDIN. HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012). Discutiremos a seguir acerca dessa dicotomia e suas perspectivas.

3.1 A VITIMIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

A vitimização da pessoa com deficiência é uma forma de representação que, segundo os entrevistados, se manifesta tanto nos veículos midiáticos quanto na sociedade. De acordo com Carlos, o sofrimento é colocado como algo que está intimamente ligado à deficiência, como se o fato de uma pessoa possuir uma deficiência fosse fator determinante para definir que a pessoa será uma sofredora ao longo da sua vida:

Não é à toa que a sociedade trata com pena, trata com pieguice, trata com um dó que é um dó que parece insuperável. E isso você vê todo tempo se você parar para ler as entrelinhas de uma matéria. A maioria das vezes que você vê é isso: “A pessoa

sofre, mas ela superou”, porque se coloca como uma condição atinente à deficiência, o sofrimento (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Carlos relata que é comum ver notícias que evocam sentimentos de pena nas reportagens relacionadas às pessoas com deficiência. A afirmação de Carlos pode ser ratificada a partir do estudo realizado por Hilgemberg (2012), em que a autora analisou, em algumas mídias impressas brasileiras e portuguesas, quais estereótipos estiveram associados aos atletas paralímpicos no período dos Jogos Paralímpicos de 1996 (Atlanta), 2000 (Sydney), 2004 (Atenas) e 2008 (Pequim). De acordo com a autora, a vitimização das pessoas com deficiência está associada ao interesse de despertar sentimentos de compaixão e caridade nos espectadores. Além disso, a autora constatou a utilização recorrente de estereótipos como o de que a pessoa com deficiência é triste, ou de que a deficiência é uma doença que causa sofrimento.

É preciso destacar que a percepção de que a deficiência é uma doença que precisa ser tratada tende a criar estereótipos depreciativos. Essa percepção está relacionada ao modelo médico da deficiência. Nesse modelo, as limitações acarretadas pela deficiência são resultantes de uma condição individual e são um problema exclusivo do indivíduo, o que, por consequência, desconsidera as barreiras sociais que as pessoas com deficiência enfrentam e culpabiliza o indivíduo pelas suas limitações (COAKLEY; PIKE, 2014; HILGEMBERG, 2012).

Sobre essa vinculação das pessoas com deficiência ao sofrimento e a vitimização, Ana expressa a sua opinião:

Quando as pessoas vinculam isso [que a pessoa com deficiência sofre e é coitadinha] na mídia, como eu te falei, dá a impressão que eles vinculam como se todas as situações, como se fosse um determinismo né? Nasceu deficiente, pronto! Sofreu e é coitadinho. E isso não é verdade. Você vai encontrar as duas situações! (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

De acordo com Ana, em todos os grupos de pessoas com alguma característica comum, como em um grupo de pessoas com deficiência ou em um grupo de idosos, haverá pessoas que se acomodarão e haverá pessoas que buscarão mais oportunidades na vida, que se preocuparão com a sua saúde e com a sua família. Para ela, existem pessoas com deficiência que sofrem, que precisam

de auxílio e que não buscarão crescimento pessoal, mas também há casos de pessoas com deficiência que são felizes e que conseguem conviver bem com sua realidade. Para Ana, a deficiência não deve ser considerada um elemento determinante para o sofrimento:

Eu penso que você vai encontrar pessoas que sofrem e pessoas que não sofrem. Pessoas que são coitadinhas, realmente, e pessoas que não são coitadinhas, realmente. Eu acho que você não pode afirmar que o fato da pessoa ter uma deficiência, ela vai ser uma sofredora [...] existem pessoas que são empresárias, pessoas que são muito felizes e muito bem-sucedidas, mesmo tendo uma deficiência (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

É possível perceber, na fala de Ana, que a realidade de diversas pessoas com deficiência é distante da realidade que, por vezes, é creditada a respeito delas. Para Amaral (1994), o preconceito referente à pessoa com deficiência está comumente relacionado a atitudes que inspiram compaixão, pena e piedade. Logo, a vinculação da deficiência ao sofrimento está associada ao preconceito que a sociedade já construiu sobre a pessoa com deficiência.

André fornece um relato de como o preconceito e o juízo de que as pessoas com deficiência são “coitadinhas” e totalmente dependentes de assistência é uma ideia distorcida da realidade:

As pessoas que não conhecem [pessoas com deficiência] têm esse preconceito. Acham que são coitadinhos, acham que a gente não pode fazer nada, que depende das pessoas para tudo, até para coisas simples como tomar um banho, escovar um dente, né? (André, 27 anos, atleta paralímpico).

A fala de André sugere que o preconceito relacionado às pessoas com deficiência é resultante da falta de conhecimento sobre a realidade dessas pessoas. Cambruzzi (2011) destaca que o preconceito, na maioria das vezes, está ligado a atitudes de caráter comiserativo e que as atitudes preconceituosas são consequência de uma leitura distorcida da deficiência. Igualmente, Amaral (1994) reconhece que o desconhecimento é um elemento fundante na construção de estigmas e estereótipos, e assevera o potencial que os veículos midiáticos possuem de tornar familiar o que é desconhecido, colaborando para a disseminação da informação e aceitação da deficiência.

O desconhecimento, por vezes, acaba gerando situações de preconceito dentro da própria família de uma pessoa com deficiência, como é possível observar no depoimento a seguir:

Antes dele [o meu pai] começar a conviver com o esporte paralímpico e de alto rendimento como ele vive, ele tinha até a visão minha como coitadinho. Porque ele achava que eu não poderia fazer as coisas (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

Marcos relata que, pelo fato de seu pai não compreender que uma pessoa com deficiência visual poderia ter uma vida plena, antes de Marcos começar a praticar esporte, ele questionava as capacidades de seu filho e o via como “coitadinho”. A partir do momento em que esse pai conheceu as possibilidades e as potencialidades do seu filho, ele passou a ver todas as pessoas com deficiência de outra forma.

A compreensão dos entrevistados, de que a mídia tem reforçado o estigma de “coitadinho” comumente atribuído às pessoas com deficiência, pode ser confirmada por estudos (FIGUEIREDO; NOVAIS, 2011; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2012, 2014) que analisaram o conteúdo de diferentes tipos de veículos midiáticos. Ao considerar, como destacado por Hilgemberg (2014), a função da mídia como formadora de opiniões, bem como o fato de que uma parcela significativa da sociedade só tem acesso a determinadas informações através dos conteúdos veiculados por ela, não se pode negar a necessidade de revisão dessa realidade. Conforme aponta Marques, R. F. R. (2016), a mídia tem um papel fundamental na construção do imaginário da sociedade em relação à pessoa com deficiência. As representações veiculadas por esse meio tendem a ser percebidas como verdadeiras pelo público em geral, mesmo que elas não sejam condizentes com a realidade.

Um dos atletas entrevistados revelou que costuma competir em provas convencionais (para pessoas sem deficiência) e que geralmente acaba vencendo todas elas. Ainda assim, a mídia local atrela a sua imagem à de uma pessoa que carece de ajuda ou que teve algum auxílio para conseguir vencer. Ele demonstra sua indignação quanto a isso no seguinte desabafo:

Eu vejo que, por mais que eu faça além dos atletas olímpicos aqui, eu ainda sou cotado muito como coitadinho pela mídia [...] como se eu tivesse tido alguma vantagem por ser deficiente visual. Como se eu tivesse largado na frente ou obtido alguma vantagem. E não! Porque quem está na prova, a gente sabe que não é verdade. Os atletas aqui, todo mundo sabe que não é verdade. Que eu corro em condições iguais ou até piores que eles e venço a prova! (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

Marcos afirma ter suas capacidades menosprezadas pelos veículos midiáticos pelo fato de possuir uma deficiência visual. O atleta relata que ao invés da mídia reconhecer que ele venceu uma prova de corrida por ter habilidades e capacidades melhores do que os demais atletas sem deficiência, ela insinua que Marcos só conseguiu vencer determinada prova porque teve vantagem.

Para ilustrar o que foi apontado por Marcos anteriormente, encontramos em um jornal online uma notícia sobre a participação desse atleta em uma prova de corrida, em que é possível verificar o que Marcos relatou anteriormente. Na notícia intitulada 'Atleta Paralímpico de Sidrolândia é o ganhador da 4ª Corrida Cross Country', o texto começa falando sobre o atleta vencedor da corrida e logo em seguida diz o seguinte:

Para o feito, porém, [...] contou com a ajuda do seu amigo e segundo colocado na classificação geral, Leonardo da Silva Messias, de 30 anos, ele chegou ao lado de [...] no ponto final da prova, mas preferiu deixar o primeiro lugar para o amigo (NOTICIDADE – 12/03/2017).

O uso do advérbio “porém” no início do trecho transmite a ideia de que o feito não poderia ter sido realizado sem o auxílio do amigo. Ou seja, que para que o atleta pudesse vencer uma prova convencional (de atletas sem deficiência), ele precisa ter auxílio, do contrário, isso não seria possível. Os atletas com deficiência visual necessitam de um guia para que possam realizar as provas, mas não quer dizer que o guia é quem proporciona a vitória ao atleta. Pelo contrário, é o atleta que deve estar sempre na frente e que deve ter as capacidades necessárias para vencer uma prova. No caso da notícia supracitada, a redação do texto demonstra que Marcos não poderia ter vencido a prova sem a ajuda do outro atleta, o que não é verdade, pois ele chegou em primeiro lugar em função de suas capacidades esportivas. O outro atleta serviu apenas para guiar Marcos até a linha de chegada.

Se a prova fosse adaptada de alguma forma em que atletas com deficiência visual conseguissem correr sozinhos, Marcos poderia vencer a prova em questão sem necessitar da ajuda de terceiros.

As representações da mídia são uma das principais ferramentas responsáveis pela perpetuação de mitos sociais sobre a deficiência (SILVA; HOWE, 2012). Conforme apontaram os atletas desta pesquisa, e ainda de acordo com Hilgemberg (2014), os atletas com deficiência são comumente retratados pela mídia como vítimas das suas deficiências, o que reforça o estigma de "coitadinhos" que eles costumam carregar.

Ao considerar a realidade do esporte paralímpico, como uma manifestação ainda não lucrativa para os veículos midiáticos, é preciso que ele encontre estratégias que desenvolvam o interesse do público, tornando-o um produto consumível e que, por consequência, possa gerar algum tipo de lucro (HOWE; JONES, 2006). A vitimização dos atletas paralímpicos ou a ênfase dada à deficiência dos atletas nas notícias, tem sido uma das estratégias utilizadas pelos veículos midiáticos para que eles consigam atrair a audiência do público consumidor. Bruna comenta sobre isto:

Então se acontece alguma coisa ruim, não ruim, mas alguma coisa que vitimiza, é mais fácil do que as vezes você mostrar que ganhou medalha ou que conquistou alguma coisa. Esse [último] tipo de história nem sempre vende (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Para Bruna, a mídia não mostra outros aspectos do esporte paralímpico e dos atletas em suas reportagens porque outros elementos poderiam não chamar tanta atenção do público. Como argumenta Pires (1998), a mídia opta por veicular aquilo que atrairá a atenção do público e que de alguma forma vai gerar um retorno financeiro tanto para ela quanto para o conglomerado de empresas que a patrocina.

Os interesses mercadológicos, na maioria das vezes, são o que definem o que será veiculado pela mídia (PIRES, 2006). Os conteúdos veiculados por ela exercem um papel de grande relevância em relação à formação de representações sociais (SANTOS, 2004). É a partir dos veículos midiáticos que uma informação pode ser reconstruída e transmitida de forma a representar determinado grupo, positivamente ou negativamente.

A importância da mídia na construção e na formação das representações sociais está baseada, dentre outros fatores, no seu potencial de alcance social, que possibilitaria apresentar e/ou introduzir à sociedade as potencialidades das pessoas com deficiência. O relato de Pedro ilustra uma situação cotidiana pela qual ele, como uma pessoa com deficiência visual, enfrenta em decorrência da forma como ele é representado pela mídia:

Você vai numa pizzaria, você chega lá e senta para comer uma pizza, todo mundo fica te olhando para ver se você vai acertar a boca. Aí dali a pouco você corta a pizza certinho, o outro acha que aquilo é fantástico, entendeu? É culpa da mídia. A mídia deveria colocar as pessoas com deficiência como pessoas normais (Pedro, 38 anos, atleta amador).

A fala de Pedro demonstra a importância daquilo que a mídia apresenta sobre as pessoas com deficiência. Há uma tendência em se veicular a imagem das pessoas com deficiência perpassando de um extremo de “coitadinhas” a um extremo de super-heróis. Isso faz com que a sociedade tenda a esperar, quando não uma imagem, a outra. No caso do exemplo de Pedro, há a dúvida de que uma pessoa com deficiência visual consiga comer uma pizza sozinha, de que ela consiga “acertar a boca” mesmo sem estar vendo o garfo. Ao conseguir desempenhar esse ato, ela é considerada uma pessoa com super habilidades, quando na verdade ela é uma pessoa comum que possui uma deficiência sensorial. Com algumas adaptações, ela pode realizar as suas tarefas cotidianas e viver uma vida plena.

A partir do momento em que as pessoas com deficiência visual passarem a ser representadas primeiramente como pessoas, retratando a deficiência como um detalhe que faz parte de sua identidade, mas que não determina quem elas são, talvez elas comecem a ser vistas pela sociedade de outra forma.

Em síntese, para os participantes deste estudo, a representação do atleta paralímpico como “coitadinho” tem sido recorrente nos veículos midiáticos. Eles afirmaram não se identificar com essa forma como os atletas e as pessoas com deficiência são representados, bem como destacaram não aprovar a vinculação do sofrimento à deficiência, já que isso reproduz um estereótipo que não condiz com a sua realidade e alimenta preconceitos sociais.

3.2 O ATLETA COM DEFICIÊNCIA COMO SUPER-HERÓI

Neste subcapítulo abordaremos a discussão do outro extremo de representação do atleta paralímpico. Conforme relatado anteriormente, além de tratar o atleta como vítima, pelo fato de os atletas serem capazes de superar as limitações advindas da deficiência, a mídia, por vezes, o trata como super-herói como se essas ações fossem consideradas incríveis.

Segundo a entrevistada Bruna, esse tipo de representação do atleta paralímpico vem sendo realizada desde que os veículos midiáticos passaram a realizar a cobertura do esporte paralímpico:

No primeiro momento, o resultado de Sydney, acho que foi quando a mídia começou a retratar mais o esporte paralímpico. Sempre foi um extremo de super-heróis. [...] o que foi mostrado foi a ótica deles. E já foi mostrada uma ótica de superação extrema, de conquistas e de quebra de limites. E isso veio norteando as imagens até o tempo de hoje [...] A diferença é a quantidade de atletas e a quantidade de mídia (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Para Bruna, a abordagem midiática do esporte paralímpico sempre enfatizou a superação e representou os atletas como super-heróis. Ela destaca que o que mudou nos últimos dez anos de veiculação do esporte paralímpico foi a quantidade de atletas que estão sendo retratados e o volume da cobertura midiática. O entrevistado André relata que esse tipo de representação é uma forma encontrada, pela mídia, para tentar explicar ao público como pessoas que possuem algum tipo de deficiência conseguem chegar à máxima performance esportiva:

A imprensa procura vários meios para tentar explicar um pouco o que a gente faz nas arenas, nas piscinas. Então eles sempre procuram um ponto de abordagem, né? Esse do super-herói é um (André, 27 anos, atleta paralímpico).

Alguns autores (HARDIN; HARDIN, 2004; HILGEMBERG, 2014; MARQUES, R. F. R. et al., 2014; MARQUES, R. F. R. et al., 2015; SILVA; HOWE, 2012) que têm estudado e discutido essa forma de representação dos atletas paralímpicos propuseram denomina-la como *supercrip*. Ao perguntar a atletas como eles se sentiam a respeito dessa forma de personificação do atleta paralímpico, Hardin e Hardin (2004) obtiveram opiniões controversas. Os atletas

que aprovam o modelo do *supercrip* dizem que a criação de um super-herói com deficiência que venceu suas limitações poderia inspirar outras pessoas com deficiência a praticarem esportes. Igualmente, os atletas do estudo realizado por Silva e Howe (2012) afirmaram que o modelo *supercrip* poderia trazer visibilidade e esperança para pessoas que lutam por aceitação social e maior espaço midiático.

No estudo de Hardin e Hardin (2004), os atletas que discordam dessa forma de reprodução da imagem do atleta paralímpico afirmaram que o *supercrip* pode ser interessante para a mídia pois é o que tende a impulsionar a venda das transmissões, bem como atrair o público, pois causa comoção e mostra como o ser humano é capaz de superar suas limitações, servindo de exemplo para a sociedade. Entretanto, muitos atletas paralímpicos não gostam do enfoque na superação das limitações resultantes da deficiência, pois preferem que os feitos esportivos sejam exaltados, já que eles treinam com a finalidade de competir e obter a vitória.

Assim como os entrevistados por Hardin e Hardin (2004), alguns atletas do nosso estudo relataram não gostar de serem retratados como super-heróis, puramente pelo fato de não serem super-heróis, mas atletas que se dedicam aos treinamentos e que superam as limitações diárias advindas da deficiência. Um exemplo disso é a fala do atleta Paulo. Ele explica que não há necessidade de se exaltar os feitos dos atletas nem de tratá-los como super-heróis, pois são apenas seres humanos que estão se dedicando a um esporte:

Nós precisamos colocar um pouquinho de menos superação. O atleta, ele não é um super, ele é um atleta. Ele é uma pessoa com deficiência que está participando em uma competição onde o objetivo é o da vitória, o objetivo é sempre treinar mais e ele vai se dar melhor. Então não precisamos dar a qualificação de super, de heróis. São atletas, são seres humanos [...] Essa supervalorização de determinadas coisas me incomoda um pouco, sabe? Me incomoda porque os atletas com deficiência, ninguém quer ser super-herói. O atleta é o atleta [...] Ele é sem dúvida um herói porque ele participa, porque ele compete. A mais, aquele que não é deficiente e que participa de jogos olímpicos, é tão herói quanto! (Paulo, 59 anos, ex-atleta).

Paulo prossegue afirmando que todo atleta independentemente de possuir deficiência ou não, passa por adversidades nos treinamentos e nas competições. Dessa forma, ele não se sente à vontade com a ênfase de super-

herói dada somente ao atleta com deficiência, pois os atletas que não possuem deficiência também passam por adversidades para chegar ao maior evento esportivo do mundo, que são os Jogos Olímpicos e, na visão de Paulo, esses atletas não recebem a mesma ênfase na superação que os atletas paralímpicos recebem. Não podemos esquecer, contudo, a recorrência de histórias de superação veiculadas na mídia de atletas olímpicos que não tinham recursos financeiros e enfrentaram diversos obstáculos para conseguir se dedicar ao seu respectivo esporte.

Ana concorda com Paulo quando ele afirma que os atletas com deficiência não querem ser transformados em super-heróis. Ela reitera que, ainda que ela possua mais limitações físicas e sociais do que as pessoas sem deficiência, isso não a impede de ir em busca da realização daquilo que almeja. A entrevistada também diz que quer ser vista como um exemplo de determinação por superar diariamente as suas limitações, mas não como uma super-heroína, pois não faz nada de extraordinário para ser retratada dessa maneira:

Eu não sou uma super-heroína. É o que eu estou sempre tentando dizer. Não existe essa super: “Ó, eu sou uma heroína!”. Não, não sou. Mas eu sou uma pessoa que sim, eu supero limites. Sim, eu tenho mais dificuldade que as outras pessoas. E mesmo assim eu corro atrás! (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Pedro tem a mesma opinião dos outros dois entrevistados em relação a ser mostrado como um super-herói. Para ele, os atletas paralímpicos não são super-heróis. Eles são pessoas comuns realizando atividades, como praticar um esporte. O diferencial é que as pessoas com deficiência enfrentam não somente dificuldades físicas, mas também a falta de oportunidades em diferentes esferas sociais:

Nós não somos super-heróis. Somos seres humanos comuns, normais. Com limitações às vezes diferentes de vocês, ditos normais, que também têm limitações [...]. Aí quando a gente consegue chegar lá sem as mesmas oportunidades que os outros, eles falam “ah, foi um super-herói”. Não, não foi um super-herói. A gente só sofreu um pouco mais (Pedro, 38 anos, atleta amador).

A fala de Pedro ilustra uma justificativa do porquê a sociedade transforma as pessoas com deficiência em super-heróis ao vê-las realizando algo. Conforme

Silva e Howe (2012), há uma tendência em subestimar ou superestimar as conquistas, sempre que a deficiência está presente. Dessa forma, muitos acabam tendo uma baixa expectativa sobre as potencialidades das pessoas com deficiência (HARDIN; HARDIN, 2004) e, ao mesmo tempo, qualquer ação positiva gera admiração e elogios (SILVA; HOWE, 2012).

A veiculação das representações de atletas paralímpicos como super-heróis e exemplos a serem seguidos pode frustrar aqueles que não conseguem realizar os mesmos feitos devido às características de suas deficiências e/ou devido à gravidade das barreiras sociais e ambientais encontradas para atingirem as mesmas conquistas. Ao mostrarem as possibilidades das pessoas com deficiência através de feitos esportivos, os atletas paralímpicos se tornam modelos a serem seguidos. À medida em que outras pessoas não conseguem reproduzir os mesmos feitos, a expectativa social em relação à pessoa com deficiência que havia aumentado torna a diminuir, e o estigma de “incapaz” que a pessoa com deficiência carrega consigo retorna (HARDIN; HARDIN, 2004).

Em contraposição à percepção de que os atletas paralímpicos fazem apenas o que atletas devem fazer para chegar ao pódio, alguns entrevistados consideram aceitável a ideia de que os atletas com deficiência sejam retratados como super-heróis, pois consideram superar, além de todas as expectativas negativas lançadas sobre eles, as dificuldades físicas e sociais que enfrentam. Para André, os atletas paralímpicos se superam diariamente ao desmistificar a concepção de que as pessoas com deficiência são intimamente dependentes de outras pessoas:

Sei lá, acho que a gente se sente um pouco mesmo super-herói por causa de superar toda a dificuldade. Porque o que as pessoas esperam de pessoas com deficiência? Que elas fiquem em casa, que não façam nada, que sempre precisam de outras pessoas. E a gente não, a gente todos os dias procura lutar, procura superar essas dificuldades e encarar a vida, né, à nossa maneira. De um ponto de vista, é como se fosse um super-herói mesmo, né? (André, 27 anos, atleta paralímpico).

André se sente um super-herói na medida em que supera as adversidades provenientes da deficiência. Pelo fato de o atleta estar buscando superar as suas limitações diárias, lutando para vencer a falta de oportunidades, as barreiras sociais e arquitetônicas que uma pessoa com deficiência normalmente

precisa enfrentar para viver, o entrevistado concebe a si e a todos os atletas com deficiência o título de super-heróis.

Bruna admite a sua preferência em ser retratada como uma super-heroína ao invés de uma “coitadinha”. Para ela, ao considerar que os dois extremos irão acontecer inevitavelmente, se faz preferível priorizar a ideia de ser mostrada como uma pessoa extraordinária ao invés de uma vítima da deficiência:

Eu prefiro me ver dessa maneira [como uma super-heroína], do que me ver como uma coitadinha, que não consegui. Eu prefiro, eu pelo menos, penso que vale a pena ser super-herói. É melhor ser super-herói do que ser a vítima (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

A atleta levanta ainda outro elemento sobre essa forma de representação do atleta paralímpico. Bruna destaca que a personificação do atleta em super-herói, embora preferível, tende a exercer uma pressão adicional sobre esse atleta, lançando uma expectativa que precisa ser atendida por esse super-herói:

Eu acho que é a maneira mais positiva de se falar, mas num extremo traz uma pressão a mais, uma cobrança a mais. [...] E embora tenhamos uma limitação, nós somos super-heróis e também somos seres humanos (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

A entrevistada relata, não obstante, que é preciso considerar que antes do atleta e antes do super-herói, há um ser humano passível de erros. Bruna completa explicando o porquê da sua opinião de que os atletas paralímpicos são super-heróis:

Eu concordo que são super-heróis porque se não fossem super-heróis, não seriam alguns, seriam todos. Somos especiais. Somos diferentes porque nós escolhemos fazer isso! (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Para Bruna, uma vez que os atletas paralímpicos são integrantes de um seleto grupo de pessoas com deficiência, que se dedica a treinamentos com a finalidade de chegar ao mais alto nível de performance e competitividade, o tratamento e a qualidade de super-heróis é justificada. Nesse contexto, ela se coloca em um patamar acima das pessoas com deficiência que não são atletas paralímpicos, e se considera especial por fazer parte desse grupo seleto.

O *supercrip* é considerado um bom modelo pela Bruna pois é uma forma positiva de retratar as pessoas com deficiência ao retratá-las como pessoas extraordinárias. De todo modo, é preciso destacar que essa forma de representação poderia resultar na desconsideração do contexto referente aos limites e obstáculos que essas pessoas enfrentam diariamente. Essa representação pode criar um imaginário de que as pessoas com deficiência não passam por dificuldades, sugerindo que, se algumas pessoas conseguem realizar esses feitos, todas as outras também são capazes. Todavia, a realidade não é essa. Cada pessoa, possuindo deficiência ou não, tem suas próprias limitações e potencialidades. Ademais, esse estereótipo enfatiza o esforço individualizado do atleta, ausentando os demais fatores que se relacionam diretamente com a conquista do sucesso (SILVA; HOWE, 2012).

Essa forma de representação, como foi destacada por alguns entrevistados, embora tenha aspectos positivos, não representa a realidade de todas as pessoas com deficiência. Como já destacado por Santos (2004), os veículos midiáticos possuem a capacidade de influenciar a percepção da sociedade sobre algo, e isso inclui a forma como os atletas paralímpicos poderão vir a ser percebidos de acordo com a forma como são retratados. Se são retratados como super-heróis, executores de tarefas sobre-humanas, é possível que uma parcela da sociedade passe a acreditar nisso como sendo a realidade de todas as pessoas com deficiência.

Nessa perspectiva, Ana acredita que uma cobertura do esporte paralímpico, que não reforce estereótipos e nem enfatize a deficiência iria refletir na forma como ela seria vista pela sociedade:

Você seria visto muito mais próximo daquilo que você realmente é. Por exemplo, eu não seria vista em muitos momentos como uma super-heroína. Eu não seria vista como uma pessoa pobre coitada (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

O relato de Ana demonstra que a realidade veiculada pela mídia, muitas vezes não representa os atletas e as pessoas com deficiência. Para ela, essas veiculações não representam quem ela é. Ela não se considera uma super-heroína por estar praticando e se dedicando a uma prática esportiva, e nem uma “coitadinha” por possuir uma deficiência. Em virtude disso, Ana sugere que que a

mídia não transforme o atleta paralímpico em super-herói ou em uma pessoa “coitadinha”, mas que o mostre como ser humano que é, para que ele possa ser visto a partir da sua realidade, ao invés de ser visto a partir de estereótipos que não o representam.

Em síntese, para os nossos entrevistados, embora preferível a representação do atleta paralímpico como um super-herói, este não é o tipo de representação que mais os agrada, pois não representa a sua realidade. Para eles, as barreiras sociais e ambientais enfrentadas não devem ser um motivo para que seus feitos sejam exaltados.

3.3 É MELHOR FICAR INVISÍVEL OU SER VISTO COMO UM SUPER-HERÓI?

Conforme discutimos até esse ponto, quando se trata de atletas com deficiência, há a tendência em retratá-los sob a ótica dicotômica: ora como super-heróis que realizam feitos incríveis, ora como pessoas que sofrem e são vítimas de sua deficiência (HILGEMBERG, 2014). Esse tipo de representação tende a não corresponder à realidade desses atletas.

Alguns atletas paralímpicos não gostam de sua representação como super-heróis, e preferem que nada seja veiculado sobre os atletas paralímpicos a presenciarem suas imagens apresentadas como as de super-heróis. A entrevistada Ana, por outro lado, manifesta sua opinião e critica esta postura:

Tem gente que fala assim: “ah, para vincular um negócio desse, é melhor não vincular nada. Não falar nada”. E eu não concordo com isso, você entendeu? Porque eu acho que mesmo vinculando dessa forma, quantas pessoas não são, através de uma matéria dessa né, olha, que seja para você falar assim “eu quero que um dia meu filho seja visto na televisão como aquele cara”. Aí você vai lá e tira o seu filho daquele quatinho que ele fica enfiado e ajuda ele a cair no mundão, você entendeu? (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Ana sugere que, mesmo não sendo a forma ideal de se mostrar a pessoa com deficiência, ainda é melhor mostrá-la como super-herói do que não falar nada sobre ela. As pessoas com deficiência normalmente possuem um percurso histórico marcado pela segregação e pela exclusão. Isso resulta em um número

potencial de indivíduos que nunca tiveram contato direto com pessoas com deficiência e, portanto, desconhecem suas capacidades. Ana ressalta a importância da veiculação de notícias sobre as pessoas com deficiência na mídia, seja de uma forma positiva ou negativa, pois somente assim a sociedade pode tomar conhecimento de que existem pessoas com deficiência, e que essas pessoas estão começando a ocupar espaços sociais e a mostrar suas capacidades enquanto seres humanos.

Pedro também expressa a sua opinião sobre esse assunto. Mas diferente de Ana, ele pensa que informações equivocadas – como a de que os atletas paralímpicos são super-heróis – podem contribuir para a criação de preconceitos referentes às pessoas com deficiência visual:

Então, dependendo do local né, é melhor não ter nada. Se você divulga, vamos dizer assim, de uma forma mesmo que seja errada, para um grupo de pessoas que tem um pouco de conhecimento, é bom. Agora se você divulga de forma errada para pessoas que não tem conhecimento nenhum, não é bom. Você vai estar criando aí vários preconceitos (Pedro, 38 anos, atleta amador).

O relato de Pedro, bem como os de outros atletas apresentados anteriormente, nos leva a lançar o seguinte questionamento: Seria preferível não se falar nada sobre os atletas com deficiência na mídia a falar deles como super-heróis? Se por um lado a representação deles como super-heróis desvirtua a realidade dos mesmos, reforçando estereótipos que não correspondem com quem eles de fato são, por outro lado a não veiculação de notícias poderia se constituir em um retrocesso no processo de inclusão social das pessoas com deficiência, pois impossibilitaria que milhares de pessoas conhecessem as suas habilidades e possibilidades.

Considerando que, segundo Amaral (1994), o desconhecimento é o principal elemento para a criação e perpetuação de estigmas e estereótipos, quanto mais visibilidade as pessoas com deficiência possuírem na mídia, mais elas serão conhecidas. Os estudos realizados por Marques, R. F. R. et al. (2014) e Marques, R. F. R. et al. (2015) contrapõem o parecer de Pedro. Ao questionarem alguns atletas paralímpicos sobre a forma como a mídia os retratava, esses atletas ratificaram que a representação dos atletas paralímpicos como super-heróis tem o poder de inspirar outras pessoas com deficiência, e ainda acrescentam que

é melhor esses atletas serem retratados como super-heróis e estarem presentes na mídia, do que se ausentarem das veiculações da mídia.

Um de nossos entrevistados, Carlos, concorda com a opinião dos atletas entrevistados por Marques, R. F. R. et al. (2014) e Marques, R. F. R. et al. (2015), ao declarar que, embora não goste da ênfase que é dada quando se personifica o atleta paralímpico em um super-herói, se ele não fosse retratado dessa forma, não ganharia visibilidade de maneira alguma:

Eu não gosto da ênfase, mas acho necessário que seja assim, porque eu acho que [...] ou nós teríamos desta forma ou nós não teríamos (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

É possível que Carlos esteja certo em relação à questão de que se os atletas paralímpicos não fossem retratados da forma como são hoje, não seriam retratados de forma alguma. Isso pode ser explicado pelo fato de que a mídia busca veicular o que chama atenção do público e que será consumido. Histórias tristes ou histórias emocionantes de superação podem ter um bom consumo por parte do público.

O processo de construção do conhecimento acerca das pessoas com deficiência, suas limitações e suas potencialidades, embora possa ser considerado um processo lento, é, de fato, construído através do tempo, por meio da disseminação das informações e da integração entre a mídia e a sociedade. Se faz por meio de um processo de lapidação do conhecimento que nos leva a descobrir o novo. A informação é o ponto de partida para a quebra de paradigmas e preconceitos. Segundo Silva e Howe (2012), a mídia deve desempenhar um papel educativo no aumento do conhecimento do público sobre as potencialidades das pessoas com deficiência e sobre o esporte paralímpico. Quanto mais informação sobre o esporte paralímpico e sobre as pessoas com deficiência contiver na mídia, mais conhecimento a sociedade terá sobre este assunto.

No sentido de oferecer subsídios para que a cobertura midiática do esporte paralímpico seja realizada de uma forma mais positiva e menos estereotipada, Pedro fornece uma sugestão:

Que veja sim essa pessoa, como uma pessoa normal. Com apenas uma limitação e não super-heróis. E que destacassem as

qualidades e que esquecessem um pouco da deficiência (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Para Pedro, a sugestão que poderia ser dada aos veículos midiáticos é a de que ela pudesse explorar mais as qualidades da pessoa com deficiência como sendo um cidadão semelhante a qualquer outro, ao contrário do que usualmente faz, que é dar enfoque à deficiência e a superação das limitações advindas dela. A fala de Pedro poderia caracterizar o apelo de um atleta que possui uma deficiência e que é, diversas vezes, visto como sendo a personificação dessa deficiência, mas que deseja ser visto como ser humano que é.

De acordo com os nossos entrevistados, é melhor ter algo veiculado sobre eles, mesmo que eles sejam representados de uma forma que não os agrada – como super-heróis – do que não ter veiculação midiática a respeito deles. Para eles, é a partir da visibilidade midiática que a sociedade tomará conhecimento das possibilidades das pessoas com deficiência.

4 A DEFICIÊNCIA SE SOBREPONDO AO ESPORTE

Podemos observar, corriqueiramente, que a esportividade não é o elemento primordial e que mais chama atenção em reportagens referentes a atletas ou ao esporte paralímpico. Pelo fato do esporte paralímpico possuir o diferencial de ser praticado por pessoas com algum tipo de deficiência, o que ganha destaque quando se referem a ele é a deficiência desses atletas em detrimento da esportividade.

Segundo os participantes deste estudo, a representação do esporte e dos atletas na mídia é permeada por um sentimento de comoção. Paulo fornece um exemplo de como a mídia tende a distorcer as informações, de forma a promover a atração de atenção, de uma determinada notícia, mais pelo seu apelo emocional do que pelos fatos decorridos:

Tem umas coisas ainda, que nos remete ao espetáculo do sensacionalismo, né? Nós tivemos um momento especial para mim, da bocha paralímpica e que eu percebi que a própria imprensa que estava lá presente, preferiu explorar o momento do sensacionalismo (Paulo, 59 anos, ex-atleta).

No evento à que Paulo se refere, Antônio Leme e seu irmão – seu auxiliar – se abraçam e caem ao chão comemorando a medalha de ouro conquistada na classe BC3 da bocha paralímpica. Naquela ocasião, o que teve destaque na mídia não foi a comemoração da medalha inédita conquistada pelo Brasil, mas sim o apelo emotivo da queda ao chão dos dois irmãos, ocorrida em decorrência da deficiência de Antônio Leme. Paulo destaca que a mídia opta por noticiar determinados acontecimentos em detrimento de outros, e em atribuir o enfoque na deficiência de uma forma sensacionalista buscando atrair o interesse do público. Gonçalves, Albino e Vaz (2009, p. 153) denominam essa exploração da imagem do corpo deficiente como a “espetacularização da deficiência”. Neste contexto a deficiência se transforma em um espetáculo a ser prestigiado pelos espectadores e costuma aparecer acompanhada de apelo emocional.

Semelhantemente, Bourdieu (1997, p. 25) aborda a “busca do sensacional, do espetacular” explicando que os jornalistas objetivam dramatizar exageradamente determinado fato ou acontecimento em busca de maiores índices de audiência. Isso é o que ocorre no caso das matérias relacionadas aos atletas

paralímpicos, geralmente carregadas de tons dramáticos e, por vezes, demasiadamente emocionante.

A percepção dessa característica da mídia pode ser identificada na fala dos entrevistados, que destacaram a priorização da mídia em enfatizar a deficiência em detrimento dos esforços do atleta ou dos aspectos relacionados ao esporte em si. Carlos ilustra essa afirmação na fala a seguir:

Para além dos resultados, a cobertura midiática sempre enfatizou bastante essa determinação da deficiência [...] a deficiência muitas das vezes, bem mais do que o próprio esforço da pessoa, ela costumava ser bastante sublinhada (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

O relato de Carlos confirma o que podemos observar, na maioria das vezes, nas reportagens referentes aos atletas e ao esporte paralímpico. A trajetória esportiva acaba ficando em segundo plano, uma vez que o que recebe ênfase é a deficiência desses atletas e a superação de suas limitações. O entrevistado Pedro ressalta que quando o foco das reportagens está na deficiência e naquilo que não corresponde aos padrões de normalidade, a pessoa por trás da deficiência acaba sendo secundarizada, e o ser humano que ali está se torna a personificação da deficiência:

Eles reforçam muito o preconceito. E justamente em cima do destaque das diferenças [...] Eles sempre destacam as qualidades dos jogadores [de futebol]. E quando se trata de pessoas com deficiência, eles acabam aí dando esse enfoque em cima da deficiência. E eu acho que não é bom. Porque aí a sociedade esquece de ver o ser humano (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Da forma como as notícias são construídas, a deficiência acaba se tornando a personificação de quem a possui, como expõe Pedro. Cambruzzi (2011) destaca que os atletas paralímpicos e as pessoas com deficiência querem ser vistos primeiramente como seres humanos, uma vez que por trás da deficiência estão pessoas que querem ser reconhecidas como cidadãos participantes de uma sociedade.

Outros temas que emergiram das entrevistas com os atletas, e que costumam ter destaque nas reportagens referentes ao esporte paralímpico serão apresentados e discutidos no decorrer deste capítulo.

4.1 A ÊNFASE NA SUPERAÇÃO DA DEFICIÊNCIA

Nas reportagens relacionadas às pessoas com deficiência é comum observar, nos discursos de jornalistas, entrevistados e até mesmo das próprias pessoas com deficiência, a inserção da palavra “superação”. Cambruzzi (2011) argumenta que a mídia costuma usar a palavra superação com o intuito de emocionar o público. Carlos justifica que essa ênfase na superação ocorre devido ao impacto que a imagem da pessoa com deficiência causa na sociedade, seja por mostrar o que é diferente, que foge dos padrões, seja pela vitimização que costuma estar vinculada à imagem da pessoa com deficiência:

Causa impacto? Algum impacto social causa e daí que é dada essa ênfase toda. Mas que eu considero como um estágio necessário para que a gente possa inclusive aprofundar na informação e nesta compreensão que se tem acerca da pessoa com deficiência, da diversidade, do que é limitação, do que não é limitação, do que é potencialidade (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Carlos complementa assumindo uma sensação de naturalidade no fato das pessoas com deficiência serem representadas dessa forma, pois é um período de descoberta de suas potencialidades. Porém, com o passar do tempo e a presença constante das pessoas com deficiência na mídia, a expectativa é que a sociedade compreenda, de fato, quais são as limitações e potencialidades desses indivíduos.

De acordo com André, a superação ainda é um elemento inerente ao esporte paralímpico sob a ótica de muitas pessoas. A ênfase na superação é uma característica da abordagem midiática, e que pode ser considerada necessária para informar a sociedade sobre as potencialidades das pessoas com deficiência:

Muitos veem o esporte paralímpico muito como superação ainda. É claro que isso é uma barreira que com o tempo vai ser ultrapassada. Porque o esporte paralímpico não é só superação. A gente que é atleta sabe muito bem disso. Nós estamos ali praticando um esporte de alto rendimento. Mas essa questão da superação é importante para mostrar o que nós somos capazes de fazer (André, 27 anos, atleta paralímpico).

André ressalta a importância da valorização de aspectos intrínsecos ao esporte, como o tempo despendido para a dedicação aos treinamentos. Os atletas paralímpicos não estão em uma competição, como os Jogos Paralímpicos, para serem modelos de inspiração e superação de limitações, mas sim para desempenhar o máximo da sua capacidade técnica esportiva e, se possível, alcançar a vitória. Sendo assim, embora um dos objetivos do IPC seja inspirar o mundo através dos atletas paralímpicos, tanto ele quanto a mídia deveriam buscar inspirar a sociedade de outra forma, enfocando na esportividade.

Segundo Figueiredo e Guerra (2005), a mídia costuma reforçar a questão da superação, transformando os atletas paralímpicos em imagens de superação. Os autores ressaltam a necessidade de a mídia entender que os atletas paralímpicos estão disputando uma competição de alto rendimento, e, devido a isso, a emoção presente nas reportagens não deve ser privilegiada.

Ana ilustra o que Carlos e André disseram anteriormente, no sentido de que a superação está atrelada à pessoa com deficiência e, conseqüentemente ao atleta paralímpico. Isso geralmente ocorre porque a sociedade em geral desconhece as possibilidades de uma pessoa com deficiência:

A pessoa que tem contato com a pessoa com deficiência, ela conhece um pouco mais do que uma pessoa com deficiência é capaz de fazer. Mas as pessoas de uma forma geral, elas não sabem qual realmente é a limitação que determinada deficiência oferece. [...] Então, essas pessoas que veem a prática esportiva, elas vão ter essa visão de “ó, que superação!”, de que o que está sendo feito ali, sendo realizado ali, é um feito extraordinário (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Conforme afirma Ana, o ponto central da problemática da ênfase na superação está no desconhecimento das potencialidades e das limitações das pessoas com deficiência. Segundo Figueiredo e Guerra (2005), a sociedade ainda acredita na incapacidade das pessoas com deficiência, e os veículos midiáticos retratam esse entendimento. Sem informação, a sociedade continua sem conhecer as potencialidades dessas pessoas (FIGUEIREDO; GUERRA, 2005). A partir do momento em que a sociedade passar a conhecer, de fato, essas possibilidades, a forma como as pessoas com deficiência são vistas deve mudar. Acreditamos que cabe à mídia contribuir para com a disseminação dessas informações, já que ela é capaz de atingir um grande público de uma única vez.

Por outro lado, Paulo discorda dos entrevistados citados anteriormente e defende que não há nenhum tipo de superação nas ações das pessoas com deficiência. Ele afirma que não gosta desse tipo de abordagem. Tudo o que é realizado por essas pessoas, seja praticar um esporte ou caminhar na rua, são atividades habituais dessas pessoas:

Como é que você acerta um passe longo? Ora, porque eu sei onde está meu companheiro, porque eu estou falando com ele, eu estou percebendo onde ele está, porque você tem que ter habilidade para isso. Então, não há nada de superação, não há nada de tão extraordinário assim não. [...] E isso me incomoda um pouquinho né? Quando diz que “puxa, com toda...” porque no fundo passa a imagem que diz “puxa, com toda a deficiência você ainda consegue fazer isso!” Olha, como eu disse né, o atleta, ele tem que ser observado pela sua dedicação ao treinamento. E isso não é uma particularidade da pessoa com deficiência. Isto é do atleta, com deficiência ou não. [...] Eu tenho que andar a pé com a minha bengala enquanto deficiente visual. Puxa, é um momento que eu vou embora para casa, mas não é assim aquela coisa: “Meu Deus, que superação! Porque eu não faria!” Você não faria porque você não é deficiente visual, porque se fosse e quisesse viver, você iria fazer (Paulo, 59 anos, ex- atleta).

Como mencionado por Paulo, muitas vezes os indivíduos se surpreendem com determinados feitos realizados por pessoas com deficiência por não se imaginarem realizando tais feitos caso possuíssem uma deficiência. No que se refere as pessoas com deficiência visual, conforme afirma Morato et al. (2011a), a visão é considerada um sentido primordial na relação social e com o meio. Sendo assim, pelo fato de muitos indivíduos não conseguirem visualizar a possibilidade de viver e executar tarefas cotidianas sem a visão, elas acabam por caracterizar como superação o feito de quem consegue.

Na maioria das vezes, não são consideradas as características adaptativas que as pessoas com deficiência visual utilizam para viver e se relacionar com o meio. As pessoas com deficiência se adaptam conforme sua necessidade para conseguirem participar de forma ativa na sociedade. Morato et al. (2011a, p. 103), ao exemplificar a forma como pessoas com deficiência visual praticam a modalidade futebol de 5, destaca que “as características peculiares das pessoas cegas demonstram os diferentes caminhos que elas utilizam para interpretar e lerem o jogo de futebol, re- significando o fenômeno de acordo com suas potencialidades”. Logo, podemos inferir que tanto no caso do futebol de 5,

como no caso de outras modalidades praticadas por pessoas com deficiência visual, não há superação na prática e no desenvolvimento dessas modalidades, mas sim adaptação, treinamento e a utilização das potencialidades em detrimento das limitações.

Outros entrevistados relataram não haver tanta superação nos feitos esportivos, como muitas vezes é colocado pela mídia. De todo modo, esses entrevistados concordam que eles precisam superar algumas barreiras, tais como o preconceito proveniente de pessoas que não compreendem a deficiência e a falta de acessibilidade. Pedro ilustra esse pensamento, a seguir:

Muitas vezes esse foco é exagerado, essa questão de superação, né? Eu digo assim, às vezes a gente acaba aí tendo uma superação quando a sociedade em si não nos oferece meios para conseguir conquistar nossos objetivos. Acaba nos limitando aí na acessibilidade, na questão da compreensão [...] Então não há superação. Há aí dedicação, esforço (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Pedro argumenta, sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência, dizendo que não há superação em seus feitos, mas força de vontade para alcançar aquilo que foi desejado ou planejado. Essa força de vontade está associada, inclusive, à configuração da nossa sociedade, em que as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência estão além daquelas enfrentadas pelas pessoas que não têm deficiência. Isso é ratificado por alguns autores (COAKLEY; PIKE, 2014; HARDIN; HARDIN, 2004; HILGEMBERG, 2012; SILVA; HOWE, 2012) que, ao discutirem a teoria acerca do modelo social da deficiência, apontaram que a responsabilidade pelas limitações advindas da deficiência não é do indivíduo, e sim da sociedade, que não oferece meios para que a pessoa com deficiência tenha possibilidades plenas de atuação nas diferentes esferas da vida.

Marcos reitera o que fora dito por Pedro ao relatar que as pessoas com deficiência encontram e superam dificuldades diariamente. Porém, diferentemente do exposto por Pedro, Marcos não recusa a utilização do termo superação para denominar alguns dos feitos diários de pessoas com deficiência:

Agora para as pessoas que não tinham esse conhecimento, é sempre assim, a superação. E realmente é uma superação né? A gente não pode dizer que não [...] para a gente é uma superação no dia a dia (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

A opinião de Ana vai ao encontro da opinião de Marcos. Para ela, a utilização da expressão “superação” não deve ser negada, pois deve ser levado em consideração que há, sim, uma superação diária dos obstáculos impostos pela sociedade. A entrevistada desabafa sobre a dificuldade de se viver em um mundo não adaptado para as necessidades das pessoas com deficiência:

Eu também acho que existe superação da pessoa que sai na rua. Em algum tempo eu também achei que não existisse. Mas hoje eu acho que existe. Não é fácil ser deficiente. O mundo não está preparado para receber as pessoas com deficiência. Então quando você, mesmo com a sua deficiência, você vai à luta e vai em busca daquilo que você quer, você está se superando sim. Eu acho que existe superação. Não existe essa superação do tamanho que as pessoas colocam, na minha opinião, mas existe! (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Ana relata que já foi crítica quanto à abordagem da superação. Como alguns entrevistados citados anteriormente, ela também negava a existência da superação. Entretanto, hoje ela entende que o fato de uma pessoa com deficiência sair de casa e ir em busca de suas aspirações se constitui em superação, já que para alcançar esses objetivos, muitos obstáculos diários precisam ser enfrentados. De todo modo, para ela, a mídia e a sociedade não precisam enfatizar esta realidade.

A mesma ideia é compartilhada por André, que complementa destacando que, embora o tema da superação deva estar presente em algumas notícias de maneira a auxiliar na compreensão das capacidades das pessoas com deficiência, ela precisa ser feita de maneira comedida, já que a problemática desta abordagem é que ela sempre enfoca a “incrível superação das pessoas com deficiência”:

Eles deveriam focar menos nessa questão de superação. É claro que pode ser citado uma vez ou outra, mas não sempre, né? Focar menos na questão de superação e focar mais na questão do atleta em si (André, 27 anos, atleta paralímpico).

Por fim, André expressa sua opinião de que a mídia deveria focar menos na questão da superação e dar mais atenção a tópicos pertinentes ao esporte de alto rendimento, como por exemplo, abordar de maneira detalhada os resultados dos jogos, explorar, de modo mais apropriado, a rotina de treinamento das equipes e realizar, de modo mais abrangente, a cobertura de competições nacionais e internacionais.

Bourdieu (1997) faz uma crítica à televisão no livro “Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos”. O autor utiliza a metáfora dos óculos para explicar a seleção de conteúdos e de enfoques em determinados assuntos pela mídia. Esses óculos teriam a função de filtrar apenas o que deve ser visto pelos jornalistas, de acordo com a lógica mercadológica dos veículos midiáticos, deixando de lado outros aspectos também presentes naquilo que está sendo visto (BOURDIEU, 1997). Isto seria uma hipótese para explicar porque as notícias relacionadas às pessoas com deficiência e aos atletas paralímpicos têm sempre um enfoque na emoção em detrimento de outros aspectos próprios do esporte de rendimento.

Para o autor, quanto mais repetitivo e superficial determinado conteúdo é, mais audiência será gerada. São diversos fatores envolvidos no enfoque de um assunto. Estes perpassam pela formação e a visão de mundo dos jornalistas e esbarram na lógica da profissão, em que os conteúdos veiculados têm que agradar de forma econômica e política aos que detêm o poder (BOURDIEU, 1997).

As mídias têm um papel fundamental no desenvolvimento do esporte paralímpico e, partindo de suas características de veiculação, estão fortemente relacionadas à perspectiva de emoção por meio de histórias de superação como forma de conquistar o interesse do público. Um dado encontrado no discurso de nossos entrevistados é que alguns deles não negam a existência de uma superação diária dos obstáculos impostos pela sociedade. Esses entrevistados acreditam que a ideia de superação pode estar presente nas reportagens referentes a eles, mas atentam que a temática não deve ser enfatizada da forma como é feita atualmente. Assim como os atletas entrevistados por Marques, R. F. R. et al. (2015), a maioria dos atletas da nossa pesquisa preferiria que a mídia enfatizasse os seus feitos esportivos, mas reconhece que esse discurso de cunho

sensacionalista, que enfatiza a superação, é recorrente devido ao apelo comercial que se busca no esporte paralímpico.

A mídia funciona por meio de interesses econômicos e para estar inserido nela, o esporte precisa ser transformado, de maneira a adquirir os elementos necessários para sua incorporação midiática (BETTI, 2001). O esporte paralímpico precisa da mídia para se tornar visível para o público em geral (MARQUES, R. F. R., 2010), mas precisa também se adequar às exigências midiáticas para ter maior visibilidade. É preciso destacar, todavia, que de acordo com Marques, R. F. R. (2010), a comercialização do esporte paralímpico e a adequação às exigências midiáticas pode impactar na diminuição das classes de disputa, e na perda da identidade do movimento paralímpico, que é o empoderamento e a aceitação de todas as deficiências.

A maioria dos entrevistados desta pesquisa não nega que exista superação diária em seus feitos em decorrência da forma como se estabelece a nossa sociedade. Contudo, salientam que a ênfase dada pelos veículos midiáticos na superação é desnecessária e contribui para que outros elementos inerentes ao contexto esportivo deixem de ser abordados.

4.2 O ATLETA PARALÍMPICO COMO EXEMPLO

Outra abordagem dos atletas paralímpicos que costuma aparecer na mídia, segundo os entrevistados, é a transformação desses em exemplos a serem seguidos. Os atletas são apresentados como exemplos de determinação por “superarem as suas deficiências” e realizarem “feitos incríveis”. Eles tendem a ser retratados como fontes de inspiração para outras pessoas com deficiência e para a sociedade em geral. Carlos expõe uma hipótese buscando explicar este fato:

Na verdade, esse entendimento de exemplo é porque a gente ainda se constitui em exceção [...]. Quero ressaltar que com o passar do tempo nós deixaremos de ser exceções, então a sociedade toma como exemplo porque somos poucos! (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Para o entrevistado, as pessoas com deficiência que realizam feitos considerados importantes são tomadas como exemplo pois ainda não é comum

ver essas pessoas obterem sucesso em diferentes esferas da sociedade. Segundo Rechineli, Porto e Moreira (2008), desde a Idade Média, as pessoas com deficiência têm sido em grande parte excluídas do convívio social, tendendo a ficar reclusas em casa. Logo, as que participam mais ativamente da sociedade, trabalhando, estudando, praticando esportes e realizando atividades cotidianas desacompanhadas, como por exemplo fazer compras ou pegar um ônibus, são consideradas exceções e tomadas como exemplos.

Alguns atletas tentam explicar o que acontece com um indivíduo ao conhecer as possibilidades de uma pessoa com deficiência. Para André, ocorre uma quebra de paradigma quando o indivíduo que nunca teve contato com uma pessoa com deficiência compreende as potencialidades e as qualidades dela:

A partir do momento que eles assistem não só o esporte, mas a partir do momento que eles conhecem uma pessoa com deficiência, acho que o mundo dessas pessoas muda totalmente. Porque elas passam a ver as coisas de uma outra maneira, de um outro ponto de vista (André, 27 anos, atleta paralímpico).

André menciona uma mudança de percepção quando pessoas que nunca viram o esporte paralímpico ou mesmo uma pessoa com deficiência veem isto pela primeira vez. Essa mudança de percepção pode servir, inclusive, para pessoas com deficiência que não conhecem suas próprias potencialidades vislumbrarem possibilidades de atuação. Sendo assim, os atletas paralímpicos podem ser moldados como exemplos para seus pares. Brazuna e Castro (2001) evidenciam que atletas paralímpicos são tidos como exemplos para outras pessoas com deficiência que estão iniciando na prática esportiva ou que estão em processo de reabilitação. Um dos entrevistados de Purdue e Howe (2012a) destaca que, para alguns indivíduos com deficiência adquirida (que adquiriram a deficiência através de um acidente ou uma doença ao longo da vida), os Jogos Paralímpicos podem ser concebidos como uma inspiração para ajudá-los durante seu reajuste à deficiência, mostrando que há possibilidades e que as pessoas com deficiência também possuem potencialidades.

É possível citar como exemplo o caso do nadador multimedalista Daniel Dias, que já relatou em diversas entrevistas que ao ver Clodoaldo Silva, outro nadador multimedalista nadando em uma edição dos Jogos Paralímpicos, se

sentiu inspirado e quis seguir o exemplo de Clodoaldo e se tornar um campeão paralímpico. O resultado disso é que Daniel Dias se tornou o maior medalhista da história da natação paralímpica.

O exemplo de Daniel Dias é um caso, entre tantos outros, em que uma pessoa com deficiência se inspirou em um atleta paralímpico e conseguiu obter sucesso. É preciso destacar, todavia, o cuidado que se deve ter com a utilização de atletas paralímpicos como fonte de inspiração esportiva. Purdue e Howe (2012a) salientam que existem vários tipos e graus de deficiência, que nem todos são incluídos pelas modalidades paralímpicas e que os atletas possuem uma identidade diferente daqueles que não praticam esporte. É preciso ter cautela ao colocar o atleta paralímpico como representante do grupo de pessoas com deficiência pois ele não poderá representar toda a heterogeneidade das pessoas deste grupo.

Tal qual André, Ana acredita que haja mudança na percepção dos indivíduos ao conhecerem as possibilidades das pessoas com deficiência. Ela relata que os indivíduos geralmente refletem sobre as suas possibilidades e potencialidades a partir do exemplo de superação demonstrado por uma pessoa com limitações. De acordo com Ana, é dessa forma que os atletas paralímpicos se tornam exemplos de determinação que inspiram a sociedade:

Eu acho que no momento que uma pessoa olha para uma pessoa com deficiência fazendo determinada coisa que ela não se julga capaz de fazer, e ela reflete “poxa, se ele, com toda a dificuldade que ele tem, ele está fazendo isso e aquilo, por que que eu não posso fazer isso e aquilo outro que eu tenho vontade?” (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Essa mesma entrevistada diz entender a influência que ela ou outro atleta com deficiência pode ter na vida de um indivíduo sem deficiência, a partir de uma conversa que ela ouviu em um ônibus. Ela ressalta, todavia, que antes desse episódio ela não via a possibilidade de ser um exemplo positivo na vida de alguém e nem gostava de ser considerada um exemplo:

Isso as vezes revolta a gente. Por exemplo, que nem eu te falei no começo da entrevista. Antigamente, quando alguém chegava em mim e falava “você é um exemplo”, eu tinha vontade de pegar o pescoço da pessoa e torcer. Hoje eu já enxergo isso de uma maneira diferente. Você sabe por que que eu enxergo isso de

uma maneira diferente? Porque um dia eu estava em um ônibus e eu vi duas senhoras comentando: “Você viu aquele moço nadando na televisão? Eu fiquei com vergonha de mim”. Depois que ela viu aquele moço com toda aquela dificuldade que ele tinha, ela ficou com vergonha dela e ela passou a encarar a vida dela de uma maneira diferente (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

A fala de Ana demonstra que os feitos de atletas paralímpicos podem servir para inspirar pessoas que não tem deficiência, e que, teoricamente, não possuem limitações como os primeiros, levando-os a visualizar a vida de uma forma diferente. Para Goffman (2008), o indivíduo estigmatizado está constantemente em exibição para os “normais” e, conforme Gonçalves, Albino e Vaz (2009), durante os Jogos Paralímpicos são os atletas paralímpicos que estão em exibição, representados como exemplos de superação, e o espetáculo só acontece com a presença deles.

Para André, retratar os atletas paralímpicos como modelos a serem seguidos possui sua importância no contexto atual da sociedade, haja vista que esse modo de os representar pode ser a característica de uma evolução histórica e cultural, dado ao fato de que, em alguns momentos da história, as pessoas com deficiência não teriam mais do que o tratamento baseado na exclusão e na inferiorização:

É, eu acho importante [ser mostrado como exemplo] e, isso mostra um pouco da evolução do esporte paralímpico. Quem diria que hoje, atletas paralímpicos serviriam de exemplo para outras pessoas, né? [...] E saber que atletas com deficiência servem de exemplo para outras pessoas, isso me deixa bem contente mesmo (André, 27 anos, atleta paralímpico).

Conforme Zoboli, Quaranta e Mezzaroba (2013), alguns atletas com deficiência possuem a crença de que ao obterem sucesso esportivo e serem considerados exemplos de vida, todo o histórico de discriminação pelo qual eles passaram será minimizado os tornando reconhecidos socialmente. Entretanto, ainda é necessário um longo percurso para que atletas paralímpicos tenham o mesmo prestígio e reconhecimento de um atleta olímpico, por exemplo.

Carlos também considera relevante que os atletas paralímpicos sejam mostrados como exemplos. Assim, as potencialidades das pessoas com deficiência são mais valorizadas. A imagem da pessoa com deficiência como

“coitadinha” e que não é capaz de realizar muitas atividades ainda está presente na sociedade. Para Carlos, é a partir da circulação da informação pelos veículos midiáticos que a sociedade terá acesso às potencialidades e limitações de uma pessoa com deficiência:

É importante porque você informa com isso. Se você não informar, pura e simplesmente, as pessoas serão sempre, entre aspas, coitadas, que socialmente é o que mais se enfatizou (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Marques, R. F. R. (2010) destaca a importância da relação existente entre a mídia e o movimento paralímpico, enfatizando o lado positivo que essa relação pode desencadear ao transmitir à sociedade as potencialidades das pessoas com deficiência. A relação transmitida entre a sociedade e o esporte paralímpico através da mídia poderia mudar a concepção que a primeira tem sobre o conceito de limitação, o que poderia facilitar o processo de inclusão social das pessoas com deficiência (MARQUES, R. F. R., 2010).

De acordo com Carlos, as pessoas com deficiência têm sido tomadas, historicamente, como exemplo, seja de forma positiva ou negativa:

E na verdade seríamos sempre um exemplo, como historicamente e socialmente tem sido demonstrado. Se não fossemos um exemplo dessa maneira, seríamos um exemplo de pieguice, de maneira que até que tenhamos um ajuste, e esse ajuste virá pela cobertura midiática (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Carlos também enfatiza a importância do papel da mídia na desconstrução dos estereótipos, possibilitando a construção da imagem das pessoas com deficiência de modo que venha condizer com a realidade delas. A mídia tem o poder de moldar atitudes e construir realidades sobre algo que o público não tem conhecimento. Nesse sentido, a consequência da forma como a mídia representa as pessoas com deficiência é o modo como o público imaginará essas pessoas, o que inclui tanto o real quanto o irreal. Em síntese, a influência da mídia poderá ser positiva ao informar sobre aspectos reais e positivos acerca da deficiência, mas também poderá ser negativa, caso a informação disseminada resulte no reforço dos estereótipos existentes (PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011).

Para Carlos, a quebra de paradigma só será possível através da cobertura contínua e abrangente que a mídia faz das pessoas com deficiência. O que envolve o âmbito esportivo, o educacional e/ou o profissional. É essencial que essa cobertura midiática seja realizada de forma efetiva, de modo que contribua para a desconstrução dos estereótipos reproduzidos.

Os entrevistados deste trabalho consideram positivo que o atleta paralímpico seja mostrado como exemplo, tanto para pessoas com deficiência, quanto para pessoas sem deficiência. Eles salientam que, ao serem mostrados como exemplos, estarão impactando positivamente a vida de outras pessoas e mudando a percepção que elas possuem sobre as [in]capacidades de uma pessoa com deficiência.

4.3 A DESVALORIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DOS ATLETAS PARALÍMPICOS

Como vem sendo apresentado ao longo deste trabalho, o foco das notícias relacionadas aos atletas e ao esporte paralímpico está, frequentemente, associado a outros aspectos que não o contexto esportivo ou na trajetória esportiva desses atletas. De acordo com alguns entrevistados, como o foco das notícias tende a ser na deficiência ou na superação das limitações decorrentes da deficiência, outros elementos inerentes ao esporte paralímpico, como os resultados esportivos, acabam ficando em segundo plano. Sobre isso, Ana comenta:

Então o que é visto ali na paralimpíada, tem muito sim de superação e tem pouco de resultado, em alguns momentos. Mas existem resultados, se você for comparar os paralímpicos com os paralímpicos (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Muitas vezes, os resultados esportivos ficam em segundo plano no esporte paralímpico, e isso poderia ser resultado das características distintas que o esporte paralímpico possui frente ao esporte olímpico. Por exemplo, em uma prova de 50 metros livre na natação, em determinada classe, um atleta paralímpico pode demorar até um minuto para completar uma piscina, enquanto um atleta olímpico de alto nível faz esse mesmo percurso em um tempo três vezes menor. A

fala da Ana segue essa linha de raciocínio. Ela explica que o foco na ação de completar uma piscina e alcançar o resultado não é capaz de sobressair ao foco dado a superação das limitações provenientes da deficiência, demonstrado naquela mesma piscina. Ela ressalta, todavia, que o resultado também deve ser abordado como um aspecto importante, já que, para estar presentes em uma competição internacional, todos os atletas paralímpicos tiveram que vencer outros atletas. Eles são, portanto, os melhores atletas entre os seus pares.

Em uma reportagem do Jornal Nacional do dia 31/08/2012 sobre um jogo do futebol de 5 que acabou empatado, encontramos alguns trechos que chamam a atenção pela desvalorização esportiva e servem de exemplo para ilustrar a fala de alguns entrevistados. Conforme apontamos no capítulo dois, sobre metodologia, mostramos aos entrevistados trechos de notícias televisivas com alguns conteúdos. Em um deles o jornalista afirmou:

Não é preciso uma vitória para conquistar aplausos. Hoje, no futebol para deficientes visuais, foi a habilidade dos atletas que surpreendeu o público [...] no final, 0x0 e o público só aplaude. O gol aqui é detalhe. O que eles fazem vale muito mais (Jornal Nacional – 31/08/2012).

Ao ouvir o trecho acima, Paulo reagiu dizendo que não concorda com o que foi dito pelo jornalista, pois em qualquer competição de alto nível, seja ela olímpica ou paralímpica, o resultado é o aspecto primordial:

Porque uma competição técnica e uma competição paralímpica ou qualquer competição, o mais importante são os resultados. [...] quando se fala de uma competição de alto rendimento, o resultado técnico ainda é o principal (Paulo, 59 anos, ex-atleta).

Segundo Purdue e Howe (2012b), o Comitê Paralímpico Internacional luta para mostrar que os atletas paralímpicos são atletas desenvolvendo competências esportivas, e que as suas deficiências não devem ocupar um lugar central. A mensagem promovida pela instituição é uma forma de exigir que a mídia reavalie seus conceitos, de forma a reconsiderar a deficiência como o detalhe não primário no esporte paralímpico (PURDUE; HOWE, 2012b).

Além do vídeo mencionado anteriormente, apresentamos aos entrevistados uma nota escrita no Painel do Leitor da Folha de São Paulo (FSP) do dia 10/09/2012:

Indiscutivelmente, o vencedor Zanardi e o derrotado Pistorius eram estrelas. Mas não vibrei com nenhum desses resultados. Vejo os Jogos Paraolímpicos com olhos de admiração que só enxergam vencedores. Acredito que todos ali o são, simplesmente pelo que fazem. Na minha interpretação, a competição é a celebração da superação. Os resultados em si ficam em segundo plano (FSP – 10/09/2012).

A opinião do leitor, supracitado, representa a opinião de uma parcela da sociedade. Esse ponto de vista é refutado por todos os atletas entrevistados nessa pesquisa. Paulo e Marcos concordam que o fato de um atleta ter chegado à competição esportiva mais importante a nível mundial deve ser considerado, mas enfatizam que esses atletas não devem ser considerados vencedores apenas por terem chegado em uma competição. Para eles, somente o atleta que obteve o melhor resultado pode ser considerado um campeão:

Ah, e quanto dizer que todos são vencedores, bem, todos são vencedores enquanto esportistas, enquanto participantes de uma prática maravilhosa da vida [...] Mas agora, quem está lá dentro, dizer que o primeiro lugar vale tanto quanto o segundo, o que é isso? Vai dizer isso para o que chegou em último e para quem chegou em primeiro [risos]. Não tem! Isso é uma inversão de valores (Paulo, 59 anos, ex-atleta).

Para o atleta e para o público, o que importa é o resultado [...] E o atleta não entra numa prova, tudo bem que ele já tem o mérito de ter chegado ali, é maravilhoso, isso é fantástico! No entanto, ele entrou para ser um campeão paralímpico. Ele entrou para ter um resultado. E eu acho assim, eu não entro numa prova para chegar em segundo lugar [...] Então é maravilhoso, é bacana ele estar ali na prova? É! Só que ele entrou para ser o campeão (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

Os entrevistados ressaltam a importância do resultado dentro do esporte paralímpico e o valor atribuído a cada posição do pódio. Para eles, ser campeão e conquistar o lugar mais alto do pódio é imprescindível e é a meta central de qualquer atleta de alto rendimento. O relato de Pedro complementa as

falas de Marcos e Paulo no sentido de ilustrar a relevância dos resultados para os atletas:

Como não importa? [risos] Agora você falou do resultado não importar, eu lembrei até daquela música dos mamonas né? Como que se diz? Aquela música lá... “é importante competir, mas se tu não ganhar eu te mato de porrada”. Você tem que ganhar! Você está lá competindo, é para ganhar! Não é ir lá passear! [...] Quando você aí, fala que o resultado está em segundo plano, você está desmerecendo o esforço que fizeram aí, se deslocando, pegando ônibus e tudo mais para ir treinar (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Pedro salienta que ao desvalorizar os resultados esportivos, as dificuldades enfrentadas ao longo do percurso de uma prática esportiva e a dedicação aos treinamentos também são menosprezadas. Assim como qualquer atleta de alto rendimento, os atletas paralímpicos abdicam, muitas vezes, de convívio social e familiar, passam por dificuldades financeiras e até se lesionam para alcançar o máximo de seu rendimento esportivo. Desconsiderar o valor que um campeão de determinada modalidade possui, ao considera-lo como apenas um participante, semelhante a outros atletas que talvez não tenham se dedicado tanto quanto ele para obter a vitória, acaba gerando uma revolta entre os atletas. Sobre isso, a entrevistada Bruna declara:

Como um esportista, perder ou ganhar não é a mesma coisa para gente! (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Todos os entrevistados alegaram que os atletas se dedicam aos treinamentos para ter o melhor resultado nas competições, logo, acreditam que os resultados obtidos devem ser mais valorizados, tanto pela sociedade, quanto pela mídia. Ana e André reconhecem, contudo, que talvez o resultado não seja o aspecto mais importante do esporte paralímpico para o público. Isso pode ocorrer em decorrência de alguns fatores, entre eles, a mídia. Por ser uma ferramenta capaz de formar a opinião pública, a mídia pode ter parcela de responsabilidade nesse assunto, pois é a partir do que ela reproduz que muitas pessoas formam conceitos sobre o que é o esporte paralímpico e quais são os seus valores (HILGEMBERG, 2012).

Talvez o resultado não importa para quem está vendo. E aí a gente não tem como saber. Mas a gente tem consciência de que o resultado importa para quem está em ação, para os atletas (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

A gente que é atleta sabe que resultado não fica em segundo plano, né? A gente que é atleta está ali para poder procurar os melhores resultados. Agora quem está de fora assistindo, vendo com outros olhos, aí realmente pode pensar desse jeito (André, 27 anos, atleta paralímpico).

Tal qual no esporte olímpico, os atletas paralímpicos também têm como objetivo o alcance do máximo rendimento esportivo. No estudo de Purdue e Howe (2012b), foi possível identificar os dois lados dessa discussão. Uma parcela dos entrevistados declarou compreender os Jogos Paralímpicos como sendo um evento esportivo de elite e que, dessa forma, a deficiência deve ser ignorada. Para a outra parcela, é preciso apreciar as conquistas esportivas, em exibição nos Jogos Paralímpicos, ao mesmo tempo em que se reconhece os aspectos sociais inerentes à deficiência. Para os primeiros, os Jogos Paralímpicos devem ser apenas um evento em que os atletas demonstram suas performances máximas, excluindo, portanto, a sensibilização sobre questões sociais que as pessoas com deficiência vivenciam.

Para Marcos, mesmo que os atletas paralímpicos sejam vistos como frágeis ou como “coitadinhos” por algumas pessoas, eles não devem ter privilégios no contexto esportivo em função das suas deficiências. Isso por que existem regras que devem ser seguidas e se, por algum motivo, em decorrência da deficiência ou não, essas regras não forem seguidas, os atletas são desclassificados. Não há uma segunda chance ou benefícios para nenhum atleta:

Se ela pisar na raia do lado ela queimou. E queimou e queimou. Não tem conversa. Não tem “ah, o cara não enxergou, coitadinho”. Não, queimou, queimou! Você está fora! Você está desclassificado! (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

A desvalorização da trajetória esportiva dos atletas no esporte paralímpico pode ser decorrente da construção histórica e social da deficiência, em que as capacidades das pessoas com deficiência sempre foram questionadas. Pelo fato de as pessoas direcionarem o foco ao que destoa do

considerado normal, a deficiência acaba sendo ressaltada em detrimento de outros aspectos, como o potencial esportivo. O ser humano tem o costume de olhar, primeiramente, para o que é diferente dos padrões de corpo e não para a pessoa de um modo geral (COAKLEY; PIKE, 2014). Por isso, talvez, outros aspectos do esporte paralímpico chamem mais atenção do que o próprio desenvolvimento esportivo dos atletas. Isso é uma construção social já estabelecida, que necessita de uma outra ação social, de forma a desconstruir e modificar tal característica. Conforme apontam Purdue e Howe (2012b), o atleta paralímpico só será visto de forma adequada quando a sociedade conseguir ver a pessoa com deficiência como capaz de ter um bom desempenho no esporte de alto rendimento. Ou seja, na medida em que as pessoas assumirem como normal o fato de uma pessoa com deficiência praticar um esporte em alto nível competitivo.

Ao ser questionado sobre como seria se a mídia realizasse uma cobertura satisfatória, que não focasse na deficiência e não reproduzisse estigmas ou estereótipos, Pedro não se eximiu de afirmar que será, neste momento, que os atletas paralímpicos passarão a ser vistos, em primeiro lugar, como seres humanos:

Acredito que mudaria bastante o nosso convívio na sociedade com pessoas ditas normais. Acredito que eu seria visto pela sociedade como uma pessoa normal. No dia a dia a gente ia chegar num local, por exemplo, e a pessoa ia ver mais uma pessoa chegando ali. Ia acabar com aquele estigma “chegou um cego” [...] para quem está de fora, que não tem o convívio, acaba aí achando que é aquele bichinho azul que acabou de chegar ali, de anteninha, de rodinha. É ruim isso (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Le Bretton (2006, p. 73) destaca que, nas sociedades ocidentais, a deficiência é vista como um estigma e é tratada como se fosse a essência de um homem. Assim, uma pessoa que possui uma deficiência é vista como “um ser ‘deficiente’ ao invés de ‘ter’ uma deficiência”. Esta realidade, conforme afirmado até então, reforça a ideia de que o foco das reportagens relativas ao esporte paralímpico deve ser em aspectos inerentes ao esporte e a performance, e não na deficiência.

De acordo com André, a representação dos atletas vem passando por uma evolução ao longo do tempo e que, com o passar do tempo, a deficiência será cada vez mais um elemento secundário dentro do contexto esportivo:

Acho que tem melhorado essa questão [como os atletas são retratados]. Como eu falei, a medida que o tempo passa, que nós mostramos o nosso valor como atletas. Não como deficientes, mas como atletas de alto rendimento (André, 27 anos, atleta paralímpico).

Para André, a deficiência acabará por se tornar um aspecto secundarizado na cobertura do esporte paralímpico. Buysse e Borchering (2010), no entanto, advertem que a deficiência deve estar presente nas notícias referentes a este tipo de esporte, pois ela faz parte da identidade corporal e esportiva dos atletas envolvidos nele. Se eles não possuísem a deficiência, não seriam atletas paralímpicos. Ou seja, embora a deficiência não deva ser o foco das notícias do atleta, ela também não deve ser escondida.

A representação dos atletas paralímpicos, segundo Bruna, tende a ser dicotômica: é boa porque mostra as capacidades das pessoas com deficiência, mas é ruim porque enfatiza as limitações:

Ah, eu acredito que sim [tem retratado os atletas de uma forma positiva]. Embora bastante poético ou emotivo mostrar a questão da limitação [...] Mas eu acredito que o esporte tem permitido isso, de mostrar a pessoa com deficiência que tem uma dificuldade de andar dentro de casa, por exemplo, que vai lá e corre a mais de trinta por hora. Eu acho que essa situação são dois extremos e como qualquer ser humano, a gente tem extremos para um lado e extremos para o outro (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Conforme o relato de Bruna, ao mesmo tempo em que a mídia mostra as limitações, às vezes dando um destaque maior do que deveria, também mostra as capacidades das pessoas com deficiência. Como por exemplo, a capacidade de correrem a mais de trinta por hora. Por mais que a veiculação de notícias sobre os atletas paralímpicos não seja somente positiva e tenha aspectos a serem melhorados, não podemos desconsiderar os pontos positivos dessa cobertura. Conforme aponta DePaw (1997), os Jogos Paralímpicos são um ótimo evento para proporcionar a visibilidade do atleta com deficiência no

esporte e as suas capacidades. A autora define três estágios de visibilidade da deficiência que a mídia pode proporcionar: 1) quando indivíduos com deficiência não tem visibilidade midiática ou são excluídos do contexto esportivo (invisibilidade da deficiência no esporte); 2) quando a deficiência possui maior visibilidade que o contexto esportivo (visibilidade da deficiência no esporte); e 3) quando estão cada vez mais visíveis no esporte como atletas, e a deficiência não é o primordial ([in]visibilidade da deficiência no esporte).

De acordo com os entrevistados deste trabalho, corroborado por DePaw (1997), a terceira forma de visibilidade apresentada seria a mais adequada neste contexto, pois o foco estaria no esporte e não na deficiência. Todavia, o que observamos é que o segundo estágio de visibilidade definido pela autora é o que norteia as reportagens dos atletas paralímpicos, de forma que a deficiência tem sido o elemento que recebe maior visibilidade na maioria dessas reportagens.

André fornece uma sugestão aos veículos midiáticos de como seria uma boa cobertura do esporte paralímpico, sob a sua ótica:

Falar mais realmente do resultado, do esporte em si, da maneira que a gente compete. Focando em treinamentos, né? [...] Assim como é no esporte olímpico, né? Eles não focam mais na superação, nem nada do tipo. Eles focam realmente no atleta e no esporte que ele pratica (André, 27 anos, atleta paralímpico).

Para André e os outros entrevistados desta pesquisa, o que interessa nas reportagens referentes ao esporte paralímpico é a esportividade e os aspectos inerentes ao contexto esportivo. André complementa dizendo que ele gostaria que a mídia retratasse os atletas paraolímpicos de forma similar aos atletas olímpicos. Ou seja, vinculados a reportagens desenvolvidas em torno do potencial esportivo e dos resultados competitivos.

É preciso salientar, no entanto, que por mais que a maioria dos atletas destaquem a importância de o foco das reportagens estar nos resultados, a supervalorização dos resultados esportivos também poderia se constituir em um elemento problemático, já que a concentração da atenção nos medalhistas e vitoriosos poderia resultar no esquecimento dos demais competidores na narrativa midiática (PURDUE; HOWE, 2012b).

De acordo com Paulo, os resultados estão ocupando mais espaço nas notícias, e tomando o lugar de outros aspectos triviais do esporte, como a história trágica de vida dos atletas ou o foco na sua deficiência:

Então esses aspectos [o foco na deficiência, o sensacionalismo] ou outros, eu creio que estão perdendo terreno. Hoje, eu já posso vislumbrar que os resultados técnicos da prática esportiva começam a superar qualquer outra coisa que não seja tão importante (Paulo, 59 anos, ex-atleta).

Pressupõe-se que a mídia tenha evoluído na forma de representar os atletas paralímpicos. Existe hoje uma preocupação, por parte de instituições organizadoras do esporte paralímpico, quanto à forma de abordagem dos atletas paralímpicos nos veículos midiáticos. Um exemplo desta preocupação é a criação de guias de orientações para a mídia, sugerindo a forma como ela deveria retratar os atletas e o esporte paralímpico.

O primeiro guia, elaborado pela Associação Paralímpica Britânica (British Paralympic Association - BPA) em 2012, foi mobilizado pela realização dos Jogos Paralímpicos de Londres, e objetivava fornecer referências para que a mídia local utilizasse uma linguagem adequada na forma de se referir aos atletas paralímpicos. Seguindo os mesmos objetivos que o primeiro, o Comitê Paralímpico Internacional elaborou em 2014 outro guia de orientações para a mídia, com algumas mudanças de terminologia e informações adicionais mais específicas sobre os atletas paralímpicos. Com base nesses dois documentos, os professores Athanasios Sakis Pappous, da Universidade de Kent, no Reino Unido, e a professora Doralice Lange de Souza, orientadora deste trabalho e docente da Universidade Federal do Paraná, produziram um guia de orientações para a mídia brasileira. Este guia foi elaborado com o intuito de fornecer subsídios para que a mídia brasileira realizasse uma cobertura do esporte paralímpico se referindo aos atletas de uma forma menos estereotipada. O diferencial desse guia em relação aos primeiros é que, neste guia, os autores orientam os jornalistas quanto à cobertura fotográfica, fornecendo informações sobre a forma como ela deve ser realizada para que a esportividade dos atletas seja destacada em detrimento da deficiência.

A criação desses guias de orientação para a mídia confirma a necessidade de uma representação mais apropriada dos atletas paralímpicos. Isto reforça as questões levantadas pelos entrevistados, em relação ao descontentamento com a forma de representação das pessoas com deficiência na mídia, e demonstra a preocupação das organizações esportivas do esporte paralímpico, no sentido de estimular e auxiliar no processo de modificação das características da cobertura midiática que vem sendo realizada.

Por fim, faz-se interessante ressaltar que a visibilidade dos atletas na mídia poder estar diretamente associada com a modalidade na qual o atleta está vinculado. Os atletas do futebol de 5, por exemplo, tendem a aparecer mais, uma vez que esta modalidade tem sido cada vez mais destacada pela mídia. André fornece um relato de como a cobertura midiática beneficiou o futebol de 5:

E tanto em 2012, quanto no mundial em 2014, agora também nas parolimpíadas, muitas matérias do futebol de 5, e isso alavancou muito o nosso esporte. Fez com que ele fosse um dos mais procurados nas parolimpíadas. [...] Então, isso foi, essa cobertura beneficiou muito o nosso esporte, sem dúvida (André, 27 anos, atleta paralímpico).

A fala de André é um exemplo de que, quanto maior visibilidade midiática determinada modalidade tiver, maior será a aceitação dessa modalidade pelo viés da comercialização esportiva, estimulando, como apontado por Pires (2006), o desenvolvimento de uma cultura de consumo do esporte, em especial, dessa modalidade. No caso da modalidade de André, o futebol de 5, é possível que o aumento pela procura por esse esporte tenha se dado também pelo fato de o mesmo ser uma variação do futebol convencional, e que como afirma Helal, Soares e Lovisolo (2001), ser o esporte mais consumido pelos brasileiros.

Segundo Betti (2001), a mídia tende a dar preferência a esportes que já têm um certo grau de conhecimento e aceitação pela sociedade. Isso acaba gerando uma monocultura esportiva, centrada no futebol. Talvez por isso, o futebol de 5 tenha sido escolhido para ser transmitido ao vivo em rede nacional pela TV Brasil durante os Jogos Paralímpicos, compactuando com o fato do brasileiro já possuir a cultura de consumo do futebol. Teoricamente, seria mais fácil o brasileiro consumir o futebol com alguns elementos diferentes do convencional, do que

consumir uma nova modalidade totalmente diferente do que ele já está acostumado, como por exemplo a bocha paralímpica ou o goalball.

É possível visualizar a diferença entre as falas de André, um jogador de futebol de 5 que possivelmente se beneficia pela cultura futebolística do brasileiro, e a de Pedro, que pratica o goalball, uma modalidade exclusivamente paralímpica, possivelmente desconhecida pelo público:

Mas a mídia não corre atrás disso [transmitir/divulgar os campeonatos de goalball], porque isso não gera dividendo para eles né? Então a gente acaba sendo jogado para escanteio pela mídia que poderia estar dando uma alavancada legal no paradesporto (Pedro, 38 anos, atleta amador).

De um lado temos um atleta satisfeito com a mídia, reconhecendo os possíveis benefícios que ela proporcionou a seu esporte, a partir da visibilidade midiática que ele obteve. Do outro lado, observamos um atleta insatisfeito com a falta de visibilidade de sua modalidade. Segundo Pedro, os atletas do goalball são “jogados para escanteio” pela mídia porque a modalidade aparenta não ser rentável para os veículos midiáticos. A provável causa da falta de interesse na transmissão do goalball é, justamente, por não haver a cultura de consumo dessa modalidade, e na medida em que não interessa o público, não interessa aos patrocinadores.

Sanfelice (2010) sugere uma explicação de como é definido o gosto por um esporte determinado ao invés de outro. O autor aponta que essa preferência sofre influência direta do campo midiático, o principal responsável por tornar público e agendar determinado esporte. Para o autor, a cultura esportiva de uma modalidade é construída a partir de um ciclo: quanto maior a divulgação de determinado esporte, maior será o seu consumo. Dessa forma, se o goalball nunca for divulgado, é provável que as pessoas nunca aprendam a consumi-lo. Alguns atletas paralímpicos do estudo de Marques, R. F. R. et al. (2014) sugerem a existência de uma preferência midiática em veicular determinadas modalidades em detrimento de outras. Essa preferência se direciona a modalidades individuais como o atletismo e a natação. Outros atletas salientam que pelo fato do goalball ser uma modalidade exclusivamente paralímpica, ela tende a ser

desconhecida pelo público e, por consequência, recebe menor visibilidade em comparação as demais modalidades.

Observar o perfil da distribuição de cobertura midiática no esporte paralímpico – em que se sugere a provável existência de uma preferência midiática em veicular determinadas modalidades em detrimento a outras – nos permite inferir, como consequência dessa característica, que quanto menor a visibilidade de determinadas modalidades paralímpicas, menor será a valorização da trajetória esportiva dos seus atletas. Logo, a transformação necessária para que os atletas paralímpicos passem a ser valorizados perpassa não apenas pela busca de uma cobertura midiática mais abrangente que valorize todas as modalidades inseridas no programa paralímpico, como também pela necessidade de cuidado com o modo como os atletas devem ser retratados.

Por fim, os entrevistados deste trabalho destacaram que a desvalorização esportiva, por parte da mídia, nas reportagens que tratam do esporte paralímpico, não os agrada. Para eles, quando se dá ênfase em outros aspectos tais como a deficiência ou as limitações em detrimento da sua trajetória esportiva, todo o contexto de dedicação aos treinamentos e a busca pela vitória é desconsiderado. Dessa forma, é imprescindível que os veículos midiáticos busquem divulgar notícias ou reportagens com enfoque maior nas questões esportivas, para que assim, a dedicação dos atletas à prática esportiva seja mais valorizada tanto pela mídia quanto pela sociedade.

5 “SAINDO DA ESCURIDÃO”: PRECONCEITOS E ESTIGMAS RELACIONADOS ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Estigma, preconceito e estereótipo são termos que serão usados ao longo deste capítulo e que podem ser facilmente confundidos. Tentaremos, portanto, conceituá-los, com base nas definições de alguns autores que discutem a temática.

Estigma, segundo Goffman (2008), é uma marca ou um atributo depreciativo que identifica determinado grupo social. Esse estigma é designado para grupos de pessoas que, por algum motivo, se afastam da idealização de normalidade de determinado contexto e costumam ser afastados do convívio social. Podemos citar, como exemplos, as pessoas com deficiência, as prostitutas e os ex-presidiários.

O termo preconceito se refere ao conceito formado antes da experiência com determinado elemento. Segundo Amaral (1998, p. 6), “no caso dos relacionamentos humanos, a concretização desse preconceito dar-se-á pela relação vivida com um estereótipo e não com a pessoa”. Isso quer dizer que o preconceito se sobressai ao verdadeiro conhecimento de determinado fato ou pessoa. O preconceito nada mais é do que a falta de conhecimento sobre algo e a falta de interesse em desmistificar esse fenômeno.

Igualmente, para Amaral (1998, p. 6), estereótipo é “a concretização/personificação do preconceito. Cria-se um ‘tipo’ fixo e imutável que caracterizará o objeto em questão – seja ele uma pessoa, um grupo ou um fenômeno”. O estereótipo é baseado no preconceito e anterior à experiência pessoal com determinado objeto (AMARAL, 1994).

De forma sucinta, podemos definir estigma como uma marca social que determinado grupo carrega e que o leva à marginalização; o preconceito como sendo um juízo preconcebido, que se manifesta em forma de atitude discriminatória; e o estereótipo como a imagem preconcebida que definirá determinado objeto ou pessoa.

5.1 OS PRECONCEITOS

O preconceito relacionado às pessoas com deficiência está geralmente associado a forma como essas pessoas são vistas. Essa visão tende a caracterizar como incapazes e/ou inferiores por possuírem corpos diferentes. É possível visualizar um exemplo de preconceito relatado por Paulo, em que uma empresa que patrocinava sua equipe não queria ter o nome divulgado para que não associassem sua marca a algo deficiente:

Na ida pra Seul, só não me recordo agora o nome da empresa, mas uma das empresas que com muita luta a gente buscava para ter recurso [...] solicitou que o nome da empresa não fosse citado porque ela não queria vincular o nome dela à algo que poderia ser deficiente na propaganda (Paulo, 59 anos, ex-atleta).

Marques, R. F. R. et al. (2009) revelam que há resistência de patrocinadores em associar sua marca a pessoas com deficiência e, conseqüentemente, ao esporte paralímpico. Podemos verificar isto observando a quantidade de empresas patrocinadoras dos Jogos Paralímpicos de Pequim (2008) em contraposição ao número de empresas patrocinadoras dos Jogos Olímpicos de Pequim (2008): 31 empresas nos Jogos Paralímpicos e 55 empresas nos Jogos Olímpicos (MARQUES, R. F. R. et al., 2009). Faria e Carvalho (2010) realizaram um estudo para saber a opinião de algumas pessoas sobre a associação de atletas paralímpicos a marcas e produtos. O resultado revelou três possíveis motivos pelos quais não é comum a ocorrência de anúncios esportivos com a participação de atletas com deficiência: 1) O fato de o corpo deficiente não ser esteticamente bonito e fugir dos padrões de beleza e normalidade impostos pela sociedade; 2) A dificuldade de identificação do público com um atleta paralímpico, o que resulta no não consumo do produto ou da marca representada por esses atletas; e 3) A dificuldade de associar a imagem do atleta paralímpico aos ideais olímpicos como força e vitória, uma vez que esses atletas são vistos como frágeis e incapazes.

Outro dado relevante encontrado no estudo de Faria e Carvalho (2010) foi que, para os entrevistados, o patrocínio individual de empresas a atletas paralímpicos pode ser algo benéfico para essas empresas, já que demonstra o senso social e humanitário dessas empresas ao financiar uma causa nobre, que é ajudar as pessoas com deficiência ao proporcionar auxílio financeiro a elas.

Esse pode ser um dos motivos do crescimento do número de empresas que patrocinam os atletas e o esporte paralímpico. Carlos relata que cerca de vinte anos atrás, quando ainda era atleta, essa era uma realidade distante:

Eu por exemplo, venho de um período que nós praticamente não tínhamos patrocínios. Se um atleta ganhasse um tênis por àquela altura, ele podia se dar por satisfeito. E hoje você vê um número muito maior de empresas, melhor dizendo, que se dispõe a patrocinar o esporte paralímpico, e portanto, a patrocinar atletas com deficiência (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Na fala de Carlos é possível visualizar que há algumas décadas o patrocínio destinado aos atletas e ao esporte paralímpico era significativamente menor. Hoje, temos ainda algumas poucas empresas privadas investindo no esporte paralímpico, mas uma quantidade significativa de atletas recebe auxílio proveniente do governo federal, por meio do programa Bolsa-Atleta (REIS, 2014). O aporte financeiro proveniente do governo federal tem auxiliado a manutenção desses atletas no esporte e possibilitado um melhor desenvolvimento esportivo dos atletas e do esporte paralímpico no Brasil.

Outro exemplo de preconceito que as pessoas com deficiência costumam sofrer por terem corpos que fogem do padrão de normalidade, é o *bullying*. Esse não é um problema recente e nem restrito às pessoas com deficiência. Muitas crianças e adolescentes sofrem violência física e psicológica por terem algum atributo físico considerado diferente e, devido a isso, são discriminadas e inferiorizadas (CALBO et al., 2009). Marcos e Ana relatam que as pessoas com deficiência costumam passar por situações de *bullying* em decorrência da deficiência:

O filme Paratodos mostra o Daniel Dias falando sobre o *bullying* que ele sofreu na escola. Por ter deficiência, tal. E eu também sofri. Sofri não, porque eu não ligava, entendeu? Mas assim, você vê que as pessoas têm ainda essa parte do *bullying* [...] e até mesmo a família sentir vergonha, tal. Então isso vai levar alguns anos para mudar (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

Você não pode desconsiderar as dificuldades que a deficiência vai fazer você passar. A gente tem dificuldades, como eu te falo, o *bullying*, né? (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Além do preconceito sofrido por pessoas que não são próximas, Marcos relata que é comum, dentro da própria família de uma pessoa com deficiência, o sentimento de vergonha. Moura e Valério (2003) relatam a frequência com que pais de uma criança com deficiência sentem vergonha dela e que, por vezes, esse sentimento não se restringe a um período curto da vida, podendo se estender por toda vida. Esses pais relatam, ainda, compreender que esse sentimento é inadequado e, por isso, geralmente se sentem culpados.

Com os desabafos de Ana e Marcos, é possível observar que o preconceito referente às pessoas com deficiência pode partir de qualquer pessoa, próxima ou não. Bruna comenta que já passou por inúmeras situações de preconceito ao longo da vida, e em sua fala é possível inferir que esse preconceito é decorrente da falta de conhecimento sobre as capacidades que uma pessoa com deficiência possui:

Já passei por muitas situações assim. Gente com pena, gente que decide que eu não consigo, que fala que eu não vou dar conta. Eu já tive muitas situações realmente de preconceito (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Segundo Rechineli, Porto e Moreira (2008), há muitos séculos os corpos deficientes são renegados, estigmatizados e inferiorizados. As pessoas com deficiência necessitam de oportunidades de participação para mostrarem suas capacidades e sua eficiência, e o esporte para a pessoa com deficiência surgiu para proporcionar essas oportunidades.

A prática esportiva para pessoas com deficiência demorou para se estabelecer. Porém, na atualidade ela se apresenta como um meio para o reconhecimento social das pessoas com deficiência e como uma forma de demonstrar as potencialidades dessas pessoas (MORATO et al., 2011a). Bruna relata que após não conseguir se inserir no mercado de trabalho por conta de sua deficiência, vislumbrou no esporte a oportunidade de se desenvolver profissionalmente sem que o preconceito de outras pessoas fosse determinante para essa possibilidade de desenvolvimento:

Eu concluí o segundo grau técnico em administração, e como eu não tinha mercado de trabalho, eu encontrei no atletismo a

possibilidade de me dedicar sem que o preconceito fechasse portas (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Infelizmente, esse é um quadro ainda presente na nossa sociedade, em que as pessoas são avaliadas e têm a sua capacidade julgada pelas expectativas que outras pessoas colocam sobre elas. Goffman (2008) apresenta os conceitos de identidade real e identidade virtual, que podem ser aplicados para explicar a situação posta anteriormente. A identidade real de um indivíduo está associada a quem ele realmente é, e a identidade virtual se caracteriza como a opinião que as outras pessoas, que não conhecem esse indivíduo, têm sobre ele. Ou seja, as pessoas criam uma nova identidade para um indivíduo a partir do que elas acreditam que esse indivíduo é.

Esse é o caso de muitas pessoas com deficiência, que sofrem preconceitos e são subestimadas por conta da marca negativa que elas carregam consigo, em outras palavras, o caso das pessoas que são estigmatizadas (GOFFMAN, 2008). Assim, por conta da marca negativa que a pessoa com deficiência carrega, ela não é associada à sua identidade real, que lhe permite desempenhar todas as suas potencialidades e capacidades, mas é julgada pela sua identidade virtual, determinada por pessoas que não a conhecem, mas que indiretamente assumem medir um tamanho irreal da sua capacidade. Para o entrevistado Carlos, esse quadro de preconceito existente na sociedade se dá devido a três fatores principais:

Acho que esse conjunto: mídia mais esse contingente de pessoas com deficiência, mais o problema da falta de formação em geral do brasileiro, pesa para esse quadro ainda tão difícil de você romper essa barreira do preconceito (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Para Carlos, pelo fato de a educação brasileira não apresentar os níveis satisfatórios, a mídia deveria assumir o papel de fornecer, minimamente, a informação acerca das pessoas com deficiência para a sociedade. Sanfelice (2010) destaca que o ato de tornar público conteúdos que não têm circulação é uma das funções fundamentais da mídia. Conceituado, pelo autor, como publicização, essa seria uma das prováveis estratégias para que, a partir da veiculação do esporte paralímpico e das questões inerentes às pessoas com deficiência, os preconceitos pudessem ser reduzidos.

No que diz respeito a disseminação de informações sobre as pessoas com deficiência, a expectativa extraída das falas dos entrevistados é de que a mídia passe a desempenhar um papel educativo em suas transmissões acerca do esporte paralímpico, sem que os interesses mercadológicos influenciem nas transmissões, de modo a distorcer a imagem da pessoa com deficiência, imputando tons depreciativos. Talvez, a partir de uma abordagem frequente e instrutiva a sociedade passe a conhecer e entender mais sobre a realidade das pessoas com deficiência, resultando na redução do preconceito existente na sociedade. Pires (2006) destaca, entretanto, que a escolha do que será transmitido ao telespectador sempre será permeada por influências comerciais.

Talvez, devido aos preconceitos que as pessoas com deficiência visual costumam sofrer, como exposto anteriormente, exista ainda a tendência de as pessoas camuflarem a própria deficiência. Isto pode se caracterizar como uma das estratégias que as pessoas com deficiência utilizam para se assemelhar às que não tem deficiência. Para Carlos, há uma grande distinção em ser diferente e em ter uma deficiência. Para ele, o fato de todos os indivíduos possuírem suas peculiaridades e individualidades torna a todos diferentes; o fato de um indivíduo possuir uma deficiência também o torna diferente. Entretanto, essa diferença não pode ser relacionada com a diminuição da sua capacidade:

Mesmo porque, se fôssemos iguais, nós não teríamos parolimpíadas, nós teríamos olimpíadas. Mas evidentemente que com a condição de uma limitação, muitas das vezes de você não poder ter a mesma quantidade de pistas disponíveis, de muitas das vezes de você necessitar de um recurso, de uma ajuda técnica, que seja do apoio de um guia, isso nos torna diferente. Entretanto, há uma incompreensão entre se aceitar como diferente dentro de um princípio de diversidade e você, de uma maneira equivalente, tornar-se como se fôssemos com menor capacidade (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Em contraposição à fala de Carlos, Santos (2004) constatou, no discurso de seus entrevistados cegos, uma intenção de se equiparar às pessoas sem deficiência, camuflando a deficiência ou suas limitações, para que eles pudessem ser vistos pela sociedade como capazes de fazer qualquer atividade. Para eles, a partir do momento em que são vistos como iguais pelas outras pessoas, suas capacidades passam a ser menos questionáveis. Diferentemente dos atletas

entrevistados por Santos (2004), os atletas desta pesquisa indicam que esse não deveria ser a estratégia a ser tomada, já que a deficiência existe e a diferença entre as pessoas também:

A pessoa com deficiência visual também é diferente. Não existe essa igualdade. Na minha opinião não existe essa igualdade que todo mundo tenta transparecer (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

A gente não pode querer achar que nós temos deficiência e nós somos iguais a qualquer outra pessoa. Nós não somos (André, 27 anos, atleta paralímpico).

As falas de Ana e André demonstram a necessidade de mostrar a pessoa com deficiência visual como uma pessoa diferente dentro de um contexto de diversidade, já que cada pessoa, possuindo deficiência ou não, é singular e apresenta suas particularidades e diferenças. Os entrevistados alertam que até mesmo os discursos de pessoas sem deficiência que defendem a ideia do “somos todos iguais” está, de alguma forma, procurando minimizar o sentimento de diferença que a pessoa com deficiência carrega. A problemática desse discurso está no fato de que ele não mudará o comportamento das pessoas que, comumente, olharão para a deficiência antes de considerarem olhar a pessoa por trás da deficiência. As pessoas com deficiência continuam a ser inferiorizadas e tratadas de forma diferente.

Zoboli, Quaranta e Mezzaroba (2013) revelam que não há avanço no sentido da inclusão social quando se fala em igualdade entre pessoas com e sem deficiência, pois por trás desse discurso está todo o processo histórico de exclusão das pessoas com deficiência e desrespeito ao que é diferente. A inclusão só é passível de acontecer a partir do momento que a diferença for reconhecida e de fato respeitada. O respeito, por sua vez, só será possível com o relacionamento e o convívio com as diferenças (ZOBOLI; QUARANTA; MEZZAROBA, 2013).

No tópico apresentado, o relato dos participantes nos permitiu observar que o preconceito é um elemento presente em suas vidas e que vem se perpetuando há décadas. Para que haja uma mudança dessa realidade é necessária uma maior visibilidade das pessoas com deficiência nos veículos midiáticos, para que assim, a desinformação – que gera o preconceito – dê lugar ao conhecimento, ao respeito e a valorização dessas pessoas.

5.2 O CONSTANTE QUESTIONAMENTO DAS CAPACIDADES DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Devido à figura de incapacidade, na qual a imagem da pessoa com deficiência costuma estar atrelada, suas capacidades tendem a ser questionadas pelas pessoas que não possuem deficiência. Os entrevistados desse estudo relataram, em diversos trechos das entrevistas, que as suas capacidades pessoais, esportivas, profissionais ou sociais são frequentemente questionadas, pois a deficiência costuma ser vista antes que se visualize o indivíduo por trás dela.

Paulo relata que, durante seu período de formação, a incredulidade de que uma pessoa cega pudesse exercer a profissão de professor de educação física era evidente. Mesmo com essa descrença ele insistiu e mostrou ser possível:

Fui a primeira pessoa que entendeu que a profissão de educação física também poderia ser feita por uma pessoa com deficiência visual. Arrisquei, na época foi até algo contestado por alguns, e graças a Deus apoiado por muitos (Paulo, 59 anos, ex-atleta).

Em seu relato, é possível observar o trecho em que ele diz que sua investida no curso de educação física foi “algo contestado por alguns”. Isto parece fazer parte do cotidiano não apenas das pessoas com deficiência entrevistadas nesse estudo, como também o de muitas outras que se sujeitam a enfrentar adversidades sociais em busca do crescimento pessoal e profissional.

As atletas Ana e Bruna desabafam sobre a dificuldade de se viver em sociedade sendo uma pessoa com deficiência visual e tendo as suas capacidades questionadas constantemente por indivíduos que não conhecem a realidade e as potencialidades de uma pessoa com deficiência visual:

O fato de a todo instante a pessoa com deficiência visual ser posta em cheque. Isso são dificuldades (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Uma das coisas mais difíceis é que você é muito subestimado. O tempo todo tem que ficar provando para todo mundo que você é capaz. E as vezes tem gente que realmente decide que a gente não

é capaz e tem coragem de avisar para gente “você não é capaz de fazer isso” [...] Que nem na faculdade, uma professora falou para mim que eu seria uma psicóloga, mas que eu jamais teria capacidade de aplicar um teste. Aí eu falei para ela “tem quanto tempo que a senhora me conhece?” Ela falou “tem três meses”, eu falei “tenho mais de trinta anos. Eu não te dou o direito de dizer o que eu sou capaz de fazer” (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

O relato de Bruna ilustra um exemplo de como as capacidades de uma pessoa com deficiência visual são questionadas, e ocorreu, no caso dela, pelo julgamento de sua capacidade profissional realizado pela própria professora, que não procurou indagá-la para descobrir o que ela seria ou não capaz de fazer. A pessoa com deficiência visual é a única que sabe, de fato, quais são suas potencialidades e quais são suas limitações.

Mesmo que as pessoas com deficiência mostrem, incessantemente, as suas capacidades e competências em diferentes esferas sociais, a sociedade permanece perpetuando a imagem de incapacidade desses indivíduos, muitas vezes reforçada pelos próprios veículos midiáticos (FIGUEIREDO; GUERRA, 2005). Marcos relata que a mídia local onde ele costuma competir tende a divulgar os seus feitos esportivos como se sua capacidade fosse inferior à de pessoas sem deficiência:

Eu vejo muito isso aqui [...] com a mídia. Eu ganho praticamente todas as provas convencionais, de pessoas sem deficiência, e quando eu ganho as provas a divulgação é pouca e eles colocam como se a prova tivesse fraca ou talvez que o nível não estivesse bom (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

É comum que pessoas com deficiência compitam com pessoas que não tem deficiência em provas de corrida de rua. Eles podem optar por largar antes e competir em uma classe apenas para pessoas com deficiência, ou podem escolher competir nas categorias de pessoas que não possuem deficiência, sem o benefício da vantagem. Alguns atletas, como exemplificado por Marcos, optam por competir com pessoas sem deficiência e, em alguns casos, se sagram vitoriosos nessas provas. Isto demonstra as capacidades que as pessoas com deficiência visual possuem e deveria ser considerada a evidência da evolução de treinamento desses atletas paralímpicos. Convém destacar que, atualmente, os atletas paralímpicos estão alcançando marcas similares a de atletas olímpicos e, em alguns

casos, marcas superiores, como é o caso do vencedor da prova de 1500 metros da categoria T13 (para atletas com baixa visão) nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. O argelino Abdellatif Baka realizou a prova de 1500 metros em cerca de dois segundos a menos que o campeão olímpico da mesma prova nos Jogos Olímpicos Rio 2016. A conquista do argelino demonstra que as pessoas com deficiência visual possuem capacidades esportivas muito além do esperado pela sociedade.

Outro exemplo de conquista e capacidade esportiva de uma pessoa com deficiência é o do velocista Oscar Pistorius, que demonstrou uma capacidade técnica tão superior ao esperado que solicitou participar do Mundial de Atletismo convencional e dos Jogos Olímpicos. Mas será que a participação de atletas com deficiência em competições de atletas que não possuem deficiência é uma forma de inclusão dessas pessoas? Para Zoboli, Quaranta e Mezzaroba (2013, p. 284), isso não se configura como uma ação inclusiva, pois como no caso da participação de Oscar Pistorius no Mundial de Atletismo convencional, por mais que a diferença física do atleta tenha sido aceita, ao permitir sua participação no evento, foi a diferença que prevaleceu diante das notícias sobre a competição, “ou seja, o ‘diferente’ em meio aos ‘iguais’ foi tratado de modo diferente que os iguais seriam tratados”. Dessa forma, fica claro que o atleta em questão não foi incluído pela mídia, pois esta exaltou a diferença desse atleta, mas em um contexto mais amplo, ele ter sido aceito para participar em condições de igualdade de uma competição com atletas sem deficiência pode ser considerada uma forma de inclusão.

Bruna, que é atleta paralímpica e está frequentemente presente na mídia nacional, menciona que graças à exposição que ela tem na mídia, as suas habilidades esportivas não são mais questionadas. Entretanto, em outros campos da sociedade, como o profissional, onde a mídia não mostrou as suas capacidades, ela é vista como uma pessoa com deficiência visual “comum” e suas habilidades tendem a ser frequentemente questionadas:

Eu sou mais reconhecida como atleta, do que como psicóloga. As habilidades minhas físicas não são questionáveis pelo fato de ser atleta e a mídia já ter mostrado tudo que eu já fiz. No entanto, cada vez que eu entro num curso para estudar alguma coisa, eu sempre tenho quase que a mesma interrogação na minha frente: será que você vai conseguir, embora você não enxergue? Você não enxerga, e aí, você vai conseguir? (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Cambruzzi (2011) aponta que a crescente divulgação do esporte paralímpico é o caminho para que as pessoas com deficiência sejam cada vez mais valorizadas pelas suas reais potencialidades, mas afirma que ainda é iminente e constante a necessidade dessas pessoas provarem a sua capacidade. O estereótipo de incapaz que as pessoas com deficiência carregam é um dos motivos do constante questionamento das suas capacidades.

Carlos explica que a tendência é que, com o passar do tempo e com uma maior inserção e visibilidade dos atletas paralímpicos na mídia, a sociedade se surpreenda menos com os feitos desses atletas:

Eu acho que não há retrocesso, entendeu? Eu acho que daqui por diante, cada vez mais nós vamos ter divulgação dessa participação da pessoa com deficiência e deixará de ser novidade tudo. Então aí vai melhorar a partir desse momento, porque as pessoas não tenderão, me parece, a enfatizar esse aspecto [a deficiência]. Vão tomando conhecimento de que isso não contribui para a informação (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Carlos enfatiza que, com o passar do tempo, é possível que a mídia passe a entender que a ênfase em determinados aspectos referentes a deficiência, embora cabível enquanto atrativo de público consumidor, não contribui para a desconstrução de estereótipos acerca das pessoas com deficiência. Como Cambruzzi (2011) ressalta, é visível o aumento da quantidade de notícias sobre os atletas, os esportes e os Jogos Paralímpicos, entretanto, não seria coerente omitir a quantidade de vezes em que a mídia deixou de exercer o seu papel de formador e informador, suprimindo a apresentação das potencialidades das pessoas com deficiência.

O entrevistado Pedro relata o próprio preconceito ao ver uma pessoa com deficiência visual pela primeira vez e ilustra qual foi o seu pensamento, acerca das suas possibilidades, caso viesse a adquirir a deficiência visual um dia:

Cheguei mais perto do portão e fiquei olhando. Aí que eu percebi que ele era cego. Aí pensei comigo “ah, Deus me livre ficar numa situação dessa. Acho que eu morro”. Esse era o meu pensamento. Mas é aquilo, você só vai saber das suas capacidades quando você tiver dentro da situação (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Após o acidente que o deixou cego, Pedro relata que foi designado para aprender orientação e mobilidade (como se orientar sem a visão e a andar com uma bengala) em um instituto para cegos. Antes de chegar ao instituto e conhecer as suas possibilidades, Pedro não tinha perspectiva de vida sem a visão, pois nunca havia tido contato direto com uma pessoa com deficiência visual, logo, não conhecia as potencialidades dessas pessoas. Ao chegar nesse “novo mundo”, ele relata ter ficado surpreso com as possibilidades:

Aí cheguei, cego professor, cego advogado, cego isso, cego aquilo. Falei mas se eles podem, porque que eu não posso? Aí assim, a capacidade deles de lidar com a vida como uma pessoa normal me fez também querer ser normal. Mas até aquele momento eu achei que eu era um zero à esquerda (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Os atletas entrevistados por Morato et al. (2011b) revelaram que, assim como Pedro, eles encontraram um ambiente favorável ao desenvolvimento de suas potencialidades em instituições especializadas. Estas instituições proporcionam a compreensão de que, assim como todos os indivíduos, as pessoas com deficiência visual também possuem potencialidades. Conforme destacado por Marques, C. A. (2001), os indivíduos, em geral, não buscam conhecer o potencial das pessoas com deficiência e continuam perpetuando o estereótipo de incapaz atribuído a essas pessoas. Uma divulgação positiva da deficiência, fundada nas possibilidades e nas potencialidades das pessoas com deficiência no campo esportivo, pode se caracterizar em uma fonte potencial de transformação dessa percepção que a sociedade tem sobre as pessoas com deficiência (MARQUES, R. F. R. et al., 2015).

O ex-atleta Carlos enfatiza que a cobertura midiática do esporte adaptado ou paralímpico pode e deve servir de modo a desconstruir a concepção equivocada sobre a deficiência, mostrando um cenário que condiz com a realidade da pessoa com deficiência:

Porque na concepção social, a deficiência é um elemento anulador. E é por isso que o esporte, dentro dessa cobertura midiática, ele tem esse papel de ir formando uma construção social muito mais próxima dessa realidade [de que a deficiência não é um elemento anulador] (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Carlos justifica argumentos tais como o de Pedro - que seria um “zero à esquerda” a partir do momento que adquiriu a deficiência - partindo do pressuposto que a sociedade tem a concepção de que a deficiência só traz limitações e impedimentos. E dessa forma, Pedro não conseguiu visualizar possibilidades com a deficiência. Cambuzzi (2011) disserta sobre a influência que a mídia exerce no comportamento social e que, por ser uma formadora de opiniões, ela deve instaurar reflexões acerca de diversos aspectos sociais, como a deficiência. Para a autora, a mídia deve desmistificar essa ideia de incapacidade que está atrelada às pessoas com deficiência.

Para Carlos, é a partir da difusão da informação que os preconceitos vão sendo quebrados, pois o que antes era uma pré concepção e um “achismo”, agora dá lugar ao conhecimento da realidade das pessoas com deficiência:

E o que quebra mitos e o que rompe com preconceitos é exatamente a informação, é a difusão. [...] se agora nós estamos tendo, evidentemente que isso tende a informar melhor a sociedade (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Amaral (1994), ao relatar que o conhecimento é a chave para desmistificar preconceitos, estereótipos e estigmas, destaca que é a partir da disseminação da informação que o desconhecido, responsável por assustar ou causar desconfiança, se torna familiar e comum. Ressalta-se, novamente, a importância do papel da mídia nessa tarefa. Uma estratégia de abordagem do esporte e das pessoas com deficiência que não reforce estigmas ou preconceitos, mas que mostre as suas capacidades, poderia influenciar diretamente na vida dessas pessoas, uma vez que elas poderiam ser percebidas de outra forma pela sociedade.

André considera que só o fato de a mídia estar mostrando indivíduos com deficiência praticando um esporte – feito que muitas pessoas acreditavam não ser possível – já é suficiente para exercer algum tipo de mudança na percepção da sociedade em relação às pessoas com deficiência:

É, eu acho que só o fato das pessoas verem a gente praticando um esporte, fazendo algo que elas nem imaginam que a gente possa fazer, já acaba mudando a visão das pessoas, né? (André, 27 anos, atleta paralímpico).

O relato de André acaba sendo uma realidade recorrente entre indivíduos que não têm contato com pessoas com deficiência. Isso porque, essas pessoas comumente acreditam ser impossível que as pessoas com deficiência exerçam atividades como praticar um esporte, sobretudo em alto rendimento. Contudo, ao observarem essa possibilidade a partir das transmissões de um megaevento como os Jogos Paralímpicos, esse conceito tende a mudar. A problemática disso é a contraposição baseada no extremo. Ao superar a baixa expectativa sobre as pessoas com deficiência, quando se “muda o impossível” – como dizia o slogan do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) para os Jogos Paralímpicos Rio 2016 – os atletas passam a ser vistos como sobre-humanos, como super-heróis.

Silva e Howe (2012) destacam que o que é julgado como impossível pela sociedade é geralmente baseado em leituras distorcidas da realidade e não condiz com as limitações reais das pessoas com deficiência. Abordar as histórias que destacam o sofrimento dos atletas não influenciará para a desestigmatização e para a inclusão social dos indivíduos com deficiência. A entrevistada Ana ressalta a importância da mídia na disseminação de informações a respeito das pessoas com deficiência, o que pode contribuir para uma maior aceitação social dessas pessoas:

Pessoas passam a ter interesse em trabalhar, eu acredito, com pessoas com deficiência. Pessoas quando têm, professores né, quando têm contato com atleta com deficiência na sala de aula, eu acredito que ele pode passar a encarar aquela pessoa com uma outra visão. Quando ele tem essa possibilidade de saber que o atleta pode sim. E a televisão ela tem, vamos supor, você conhece o seu vizinho, conhece alguém da sua família, agora com a mídia, imagina quantas pessoas não vão poder conhecer o seu vizinho ou a pessoa da sua família que faz esse esporte. (Ana, 40 anos, atleta paralímpica)

Para Ana, a informação levada pela mídia pode mudar a visão da sociedade em relação às pessoas com deficiência. À medida em que a sociedade passa a reconhecer os potenciais e capacidades das pessoas com deficiência, estas terão mais acesso e oportunidades de educação e de inserção profissional. Como apontado por Marques, R. F. R. et al. (2015), a mídia pode contribuir para a inclusão social e para a diminuição do preconceito, a partir do momento em que se enfatiza atletas olímpicos e paralímpicos da mesma forma.

De uma forma geral, os entrevistados desta pesquisa relataram que em diversas esferas sociais, inclusive a esportiva, suas capacidades são constantemente questionadas pelas pessoas que não possuem deficiência. Segundo eles, isto ocorre por falta de conhecimento da sociedade em relação às suas potencialidades e pela ausência de divulgação dessas potencialidades por parte da mídia, que tem o poder de alcançar um grande contingente de pessoas e transmitir a informação de forma instantânea.

5.3 ESTIGMAS SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Por ser a primeira coisa que as pessoas costumam visualizar, muitas vezes, as pessoas com deficiência são julgadas pela sua deficiência. Esquecem o ser humano por trás da deficiência e enxergam pura e simplesmente a deficiência. Um dos mitos relacionados à deficiência estabelece a pessoa com deficiência como sendo a personificação da deficiência e da ineficiência, o resultado disso é que o ser humano, em si, deixa de existir. Denominado por Amaral (1998) como generalização indevida, esse fenômeno é capaz de fazer com que a pessoa com deficiência visual deixe de ser vista como ser humano para ser apenas “uma deficiência”. Sobre isso, Marcos relata:

Então você vê, quando as pessoas dão a impressão de que claramente elas acham que você não sabe para onde vai, nem da onde você veio, nem o que você está fazendo ali. Bom, enfim, elas acham que além de você ter deficiência visual, que a deficiência visual, além de tirar a visão, te tira uma outra capacidade intelectual, etc. (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

Ao nos referirmos sobre a generalização da deficiência, Amaral (1998) apresenta em seu livro, um relato de um senhor que, ao adquirir a deficiência visual, passou por uma situação em que ao invés de dirigirem uma pergunta a ele, perguntaram ao seu acompanhante, como se ele fosse invisível ou como se não estivesse presente no momento. Essa situação ocorre com frequência no meio de pessoas com deficiência e, principalmente, entre pessoas com deficiência visual, como exemplifica Bruna:

Eu já tive muitas situações realmente de preconceito, e de pessoas que até hoje, se eu tiver com o guia, muitas vezes acontece de a pessoa não vir me cumprimentar, mas cumprimentar o guia e

perguntar para o guia sobre mim, como se eu não soubesse falar. Aí eu pego e falo: “eu escuto e falo. Só não enxergo” [risos]. Porque isso infelizmente acontece. Acontece, mas isso acontece em qualquer lugar do mundo. A medida que a mídia vai mostrando, fica um pouco menos, mas ainda tem muito o que ser melhorado, tem muito o que ser aprendido. E nós temos, nós enquanto pessoas com deficiência, temos muito o que ensinar ainda sobre nós. Porque somos nós que sabemos qual é a nossa limitação. Onde podemos chegar e se queremos chegar (Bruna, 38 anos, atleta paralímpica).

Bruna cita, como alternativa para a reversão desse quadro, a disseminação da informação que pode ser feita através da mídia, pois o grande responsável por esse tipo de situação é o desconhecimento das capacidades e das limitações das pessoas com deficiência, bem como o desconhecimento de como interagir com uma pessoa com deficiência visual. Muitas vezes as pessoas evitam falar com uma pessoa com deficiência visual por não saberem como agir com alguém que não estabelece contato visual. A pessoa que não possui a visão pode dar a impressão de que não sabe que estão falando com ela, ou de que não compreende o que está acontecendo ao seu redor. O estigma de que a pessoa com deficiência visual não sabe o que acontece à sua volta é mais um exemplo dos diversos tipos de estigmas estabelecidos e relacionados às pessoas com deficiência visual. Carlos ainda acrescenta um outro motivo para que as pessoas evitem a interação social com a pessoa com deficiência visual:

Porque a gente percebe que muitas das vezes, as pessoas até procuram esquivar, evitar né, essa comunicação com a pessoa com deficiência por causa desse conceito que é o coitadinho que está ali, que é aquele que você não deve se aproximar (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Goffman (2008) relata em seu livro que, na antiguidade, o estigma representava algo ruim no status moral de quem o possuía, e as pessoas “normais” deveriam evitar o contato com os estigmatizados. Podemos observar, a partir do relato de Carlos, que isto se perpetua ainda hoje e que muitas vezes os indivíduos não se aproximam de pessoas com deficiência devido aos estereótipos que essas pessoas comumente carregam. Além do comum sentimento de pena, esses estereótipos causam receio de aproximação entre o estigmatizado e

o estigmatizante. A fala de Carlos é complementada pelo relato de Ana, que considera a falta de conhecimento como sendo a raiz dessa problemática:

Eles têm um conceito de como é um deficiente visual, de como que é ser um deficiente físico, de como deve ser triste, como deve ser horrível e infeliz a vida dessas pessoas (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

A falta de conhecimento gera, portanto, o estigma que, por sua vez, é perpetuado socialmente e interfere diretamente na interação social entre as pessoas com deficiência (grupo estigmatizado) e as pessoas que não possuem deficiência (grupo estigmatizante) (GOFFMAN, 2008). O autor ressalta que as relações mistas (entre estigmatizados e estigmatizantes) se apresentam de forma desconfortável para ambas as partes, pois os estigmatizantes não conseguem enxergar os estigmatizados como normais, logo, a tendência é que se evite o contato mútuo de modo a fugir do desconforto. Essa ação pode ser prejudicial principalmente para o estigmatizado, já que ele pode vir a se isolar, se tornar depressivo, desconfiado e hostil (GOFFMAN, 2008).

Um outro estigma fortemente atrelado às pessoas com deficiência visual e que será discutido neste trabalho, é o de que as pessoas com deficiência visual “vivem na escuridão”, como se tudo em suas vidas fosse escuro simplesmente porque eles não possuem a visão. Obviamente que a expressão “vivem na escuridão” não se configura assim somente por eles não possuírem a visão e, a grosso modo, enxerguem somente a cor preta, mas carrega consigo uma conotação de tristeza, de melancolia e de solidão.

Para exemplificar como este estigma se manifesta, citaremos dois exemplos advindos da mídia televisiva, mais especificamente de telejornais da Rede Globo, que ilustram como se dá a perpetuação deste estigma. O primeiro exemplo foi exibido no Jornal Nacional no dia no dia 31/08/2012 e é referente aos Jogos Paralímpicos de Londres em 2012. Nessa reportagem, o jornalista comenta um jogo de futebol de 5 e em determinado momento afirma: “dessa escuridão total brotam lances incríveis”. A fala pressupõe que, pelo fato de os atletas serem cegos, eles estão no meio da escuridão. O segundo exemplo foi exibido no Jornal Hoje no dia 15/09/2016 e se refere aos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Nessa segunda matéria, o repórter comenta sobre a prova de

vezamento no atletismo, realizada por atletas cegas, explicando como funciona a prova e, no decorrer da reportagem, pode-se ouvir um trecho em que o repórter afirma: “são elas [as atletas cegas] que brilham, embora vivam em um mundo de escuridão”; similarmente a primeira, a segunda reportagem supõe que por serem cegas essas atletas vivem no escuro.

Exibimos os vídeos dos telejornais citados acima aos entrevistados e eles relataram suas impressões. Carlos comenta que o trecho em destaque do segundo exemplo citado lhe chamou a atenção e destaca o porquê:

Ah, esse foi um trecho que me tocou. Essa questão do mundo de escuridão, ao tentar aclarar a compreensão social, eu acho que ela acaba levando para o viés, que é um viés que a pessoa tenha piedade, que tenha pena. [...] é um chamariz para pena social e disso aí a gente já está esfolado, entendeu? (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Em sua fala, Carlos explica que na tentativa de o repórter explicar como é o mundo de uma pessoa com deficiência visual – mesmo sem ter deficiência visual e sem saber como realmente é ser uma pessoa com deficiência visual – ele acaba trazendo elementos que fazem com que os telespectadores sintam pena das atletas mencionadas na reportagem. Carlos assevera, com uma expressão emblemática, que as pessoas com deficiência visual já estão “esfoladas” da pena, constante, que a sociedade sente em relação a elas. Nesse sentido, os entrevistados dessa pesquisa recomendam que jornalistas, repórteres e envolvidos com a mídia em geral, tentem evitar as explicações de como é a vida de pessoas com deficiência, principalmente, quando esses interlocutores não possuem contato com pessoas com deficiência, já que dessa forma, eles apenas reproduzirão os estigmas e os estereótipos que não condizem com a realidade das pessoas com deficiência.

De acordo com Figueiredo e Novais (2011), a nossa sociedade é influenciada pelos meios de comunicação e esses meios podem causar um grande impacto no conhecimento e na atitude que os indivíduos que não possuem deficiência têm em relação as pessoas com deficiência. Conforme Marques, C. A. (2001), a reprodução, por parte da mídia, de certos termos ou expressões disseminadas socialmente e que aparentam ser inocentes, podem na verdade, reforçar

estigmas que não condizem com a realidade dos estigmatizados, como é o caso da expressão “os cegos vivem na escuridão”.

A disseminação de determinados estigmas pela mídia, mesmo que não haja a intenção de o fazer, acaba contribuindo para a continuidade da depreciação dos grupos estigmatizados. Isso pode ser visualizado a partir da experiência de Carlos, relatada a seguir:

Há uma tendência de se vincular [a cegueira com a escuridão]. Por isso que eu te digo que é uma marca social e que é uma marca que acaba reforçando [...] quando você encontra uma pessoa que dá o seu enfoque em relação a você na cegueira, que diz assim: “olha você deve se sentir muito mal, você deve carregar uma tristeza”. É por causa disso (Carlos, 47 anos, ex-atleta).

Conforme Goffman (2008), o estigma é uma marca social que foi criada por outros grupos e que identifica as pessoas pertencentes aos grupos estigmatizados. Em seu relato, Carlos confirma que a vinculação da cegueira à escuridão é uma marca social que está atrelada à pessoa com deficiência visual.

Santos (2004) discorre sobre o estigma do cego viver na escuridão/trevas até que conquiste a vitória, quando o seu caminho supostamente se torna iluminado (SANTOS, 2004). O autor oferece diversos exemplos de reportagens jornalísticas em que a palavra escuridão ou trevas está presente nas notícias referentes às pessoas com deficiência visual, confirmando, como Carlos relatou anteriormente, que o estigma da escuridão é uma marca social estabelecida e recorrente no que diz respeito a esse grupo de pessoas.

Paulo também salienta que é comum encontrar notícias que relacionam a cegueira à escuridão e expõe sua opinião sobre esse estigma:

Acho isso uma total falta de senso, sabe? É algo que muitos jornalistas costumam repetir. Quem sabe porque ainda chame a atenção do público “ah, porque vive na escuridão”. Não é verdade! É uma bobagem dizer isso [...] Ninguém vive em escuridão nenhuma. E quando se passa isso, me parece que a ideia é passar que as pessoas com deficiência que estão na escuridão, estão numa eterna tristeza ou coisa parecida (Paulo, 59 anos, ex-atleta).

A percepção que Paulo tem sobre as reportagens que fazem menção à escuridão são as mesmas que os outros entrevistados desse estudo tiveram: que

essa vinculação remete a sentimentos de pena e de que as pessoas com deficiência visual são pessoas tristes. A fala de André, a seguir, ilustra, novamente, essa impressão:

Para eles [quem escreveu a matéria] a visão é totalmente diferente da nossa, né? Nós não vivemos nessa escuridão. Acho que foi uma maneira deles dizerem ali que são pessoas cegas, tal. Mas poderia ser colocado de uma outra forma, né, porque nós não vivemos na escuridão. Nossas vidas, eu tenho uma vida muito feliz, graças à Deus. [...] E me considero uma pessoa feliz, realizada, então de maneira nenhuma eu vivo em um mundo de escuridão. Pelo contrário, né? (André, 27 anos, atleta paralímpico).

Assim como mencionado por Carlos, André entende que o discurso do repórter é uma forma de tentar caracterizar o grupo em questão – as pessoas com deficiência visual – apresentando-as ao público. Entretanto, é controversa a ideia de caracterizar um grupo reforçando o seu estigma, já que assim, esse grupo será sempre conhecido pelo seu estigma, e não pela sua realidade.

Como explicado por Goffman (2008), o estigma é uma marca social empregada por outros grupos, sobre um determinado grupo. Logo, a reprodução de estigmas, tais como os realizados pela mídia e citados anteriormente, não contribui para que os estigmas construídos equivocadamente sejam rompidos. André explica que o estigma da escuridão não corresponde com a sua realidade, que ele não vive na escuridão e que tem uma vida muito feliz, ao contrário do que esse estigma pressupõe. Pereira, Monteiro e Pereira (2011) relatam que é comum a mídia associar a deficiência à uma vida trágica, em que se esquece ou, simplesmente, se omite os exemplos de pessoas com deficiência que possuem vidas felizes.

Embora até aqui todos os entrevistados tenham criticado e refutado o estigma em questão, muitas vezes um estigma é tão reproduzido, que o próprio estigmatizado acaba o incorporando e se identificando com ele. Um exemplo de casos como esse pode ser visualizado na fala de Pedro:

O cego vai lá e faz com facilidade porque ele vive naquele meio né, ele vive com a escuridão no caso. E uma pessoa que não está acostumada acha que aquilo é um fenômeno né? Ela vai lá, vai fazer, não consegue e acaba medindo a pessoa com deficiência através disso (Pedro, 38 anos, atleta amador)

Na fala anterior, Pedro incorporou o estigma de que a pessoa com deficiência visual vive na escuridão, e citou isso de forma natural, generalizando que todo cego vive na escuridão. O sujeito estigmatizado pode acabar interiorizando certos discursos carregados de estigma e isso acaba se tornando parte de sua identidade, mesmo que inconscientemente (SANTOS, 2004; GOFFMAN, 2008). Vale ressaltar que nesse momento da entrevista de Pedro, não havia sido falado sobre o estigma do cego viver na escuridão. Estávamos, naquele momento, conversando sobre o vídeo que aborda a ênfase na superação e o próprio entrevistado ressaltou a questão da escuridão, inconscientemente.

Cabe aqui refletirmos sobre o sentido da palavra escuridão e o que ela denota de acordo com a forma que está sendo utilizada. Na fala de Pedro acima, ele diz que o cego “vive com a escuridão”, mas será que ele usou a palavra escuridão com o mesmo sentido que os jornalistas utilizam tal palavra? Com o sentido de que possui ou expressa um excesso de tristeza, melancolia. Ou será que ele utilizou a palavra no sentido mais simples da palavra escuridão? No dicionário, a palavra escuridão é caracterizada como uma “característica ou particularidade do que é escuro; qualidade daquilo ou do que não possui luz” Pelo contexto da fala de Pedro, podemos inferir que ele utilizou a palavra com o sentido de ausência de luz, mas sem remeter à tristeza ou solidão. De uma forma simplista, Pedro disse que as pessoas com deficiência visual convivem com o escuro, com a falta de luz e que isso é algo natural.

Em um outro momento da entrevista, após já ter sido trazido à tona o estigma da escuridão a partir da exibição de um vídeo, Pedro parece admitir que alguns cegos vivem na escuridão, mas nem todos. Ele admite o estigma de que os cegos vivem na escuridão, mas contesta a generalização do estigma:

Igual o negócio, eles vivem na escuridão, está sendo meio que cruel né? Porque nem toda cegueira é escuridão. Então ela está sendo cruel aí em alguns aspectos (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Nesta fala, Pedro utiliza outro sentido para a palavra escuridão. Aqui o entrevistado já leva em conta o sentido da palavra utilizado pelos jornalistas, que remete à tristeza e melancolia. Partindo disso, Pedro mistura os dois sentidos da

palavra, pois nesta fala ele aponta que “nem toda cegueira é escuridão”, no sentido de que há algumas pessoas cegas que possuem alguma percepção luminosa, logo não vivem em um mundo escuro, e ao mesmo tempo, corrobora com a fala dos jornalistas quando assume que as demais pessoas cegas que não possuem essa percepção luminosa vivem em um mundo escuro e supostamente triste, já que em sua fala ele também revela que é cruel dizer que as pessoas com deficiência visual vivem na escuridão.

Em outra de suas falas, é possível ver a contradição de Pedro sobre a sua opinião no que diz respeito a esse estigma e ao sentido da palavra escuridão. Para ele, viver na escuridão remete a um sentimento de pena, de tristeza. Nessa fala, é possível perceber que a opinião dele sobre esse estigma, já internalizado, é a de que ele é um estigma ruim, que acaba reforçando a falsa ideia de que o cego vive na escuridão. Para o entrevistado, a mídia não deveria reforçar isso, mas sim as qualidades enquanto seres humanos das pessoas com deficiência visual:

Aí fica difícil quando a mídia faz isso. Aí todo mundo “nossa, tadinho, está na escuridão”. Ao mesmo tempo que fala que ela brilha, que eles falam né, que elas brilham né, já fala que elas estão no meio da escuridão. Aí o que que acontece? A pessoa olha para elas com dó né? Deveriam ser retratados como pessoas normais. Quando você bota uma pessoa no meio das trevas, qual o sentimento que vem em você? De pena, dó. [...] Simplesmente os meus olhos que não enxergam. Quando você fala que uma pessoa vive na escuridão é triste, né? (Pedro, 38 anos, atleta amador).

Assim como os outros entrevistados, Pedro tenta esclarecer que o fato de uma pessoa ser cega não indica que ela viva na escuridão. Embora ele tenha se contrariado durante a entrevista e tenha confirmado, em determinado momento, que as pessoas com deficiência visual convivem com a escuridão, nessa última fala é possível perceber que, segundo Pedro, essa vinculação só faz com que os indivíduos sem deficiência tenham uma visão estereotipada das pessoas com deficiência visual.

Em suas entrevistas, Ana e Pedro ilustram a forma como as pessoas com deficiência visual percebem o mundo e como geralmente se caracteriza essa maneira própria de “ver” esse mundo. Essa explicação contrapõe a ideia de que eles não enxergam porque há uma ausência de luz (escuridão):

Eu percebo o mundo de uma forma diferente. Percebo sim, porque eu não tenho a visão. [...] Então eu acho que assim, não é que nós vemos o mundo de outra forma se você for considerar o ver no aspecto da visão. Não, nós não vemos. Nós percebemos (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

Eu acho que assim, é meio figurativo esse negócio né? Vê o mundo né? Porque a gente sente o mundo. Vocês veem, a gente sente (Pedro, 38 anos, atleta amador).

No dicionário de língua portuguesa podemos encontrar a definição principal da palavra “ver” como a capacidade de captar a imagem de algo através da visão. De acordo com Pedro, “ver” o mundo é algo figurativo. No caso das pessoas com deficiência visual, eles veem o mundo pela percepção, pelo sentir. Podemos inferir que a percepção das pessoas com deficiência visual é a de que eles não vivem na escuridão, como estabelece o estigma atribuído a essas pessoas, e discutido ao longo desse tópico. Esses dados discutidos acima dão embasamento aos argumentos dos demais entrevistados e que também refutaram a vinculação desse estigma às pessoas com deficiência visual.

O entrevistado Marcos fornece um exemplo prático da diferença entre viver na escuridão e estar na escuridão. Esse exemplo proporciona a visualização do significado pejorativo que a expressão “viver na escuridão” possui. Para Marcos, o fato de uma pessoa não enxergar, não diminui a sua capacidade e nem impede que essa pessoa saiba onde estão as suas coisas:

Se você hoje, fechar o olho aí na sua casa, se acabar a luz você vai ficar na escuridão, mas não quer dizer que você viva na escuridão ou que você não saiba onde está suas coisas, entendeu? (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

Esse é o ponto chave para entender a problemática desse estigma. Dizer que uma pessoa vive na escuridão, ou no meio das trevas, como Ana cita a seguir, nos leva a imaginar uma pessoa solitária e triste. A expressão “viver na escuridão” tem uma conotação forte e pode denotar que a pessoa vive em um mundo escuro. Essa expressão não contribui para mostrar que as pessoas com deficiência visual possuem capacidades e habilidades, e que podem ter uma vida plena e feliz. Pereira, Monteiro e Pereira (2011) explicam que a utilização de determinada terminologia ou linguagem interfere diretamente na construção

positiva de conceitos ou na perpetuação de estereótipos acerca da pessoa com deficiência. De acordo com Ana, a mídia utiliza a expressão “vivem na escuridão” para acrescentar um tom dramático à reportagem e chamar a atenção do público:

Você tem, na matéria, aquela coisa sensacionalista, aquela coisa assim, muito de você dar “vivem na escuridão”, é uma coisa dramática, né. Eles estão procurando vender o esporte paralímpico somente pelo lado dramático da situação. E na minha opinião, é equivocado. [...] Eu não vivo na escuridão, por exemplo, eu não vivo nas trevas. (Ana, 40 anos, atleta paralímpica).

A mídia televisiva utiliza diversos artifícios para obter o máximo de audiência possível, e de acordo com a receptividade do público, ela irá continuar utilizando tais artifícios. No caso das pessoas com deficiência, independentemente da esfera em que elas estejam envolvidas – seja no esporte, na escola ou no trabalho – é possível observar que as reportagens referentes a elas estão sempre transbordando emoção e utilizando frases de efeito que causem comoção nos telespectadores.

A falta de conhecimento específico das modalidades acaba fazendo com que as reportagens esportivas possuam outros elementos centrais, que não o esporte propriamente dito (SANFELICE, 2010). No caso do esporte paralímpico isso é acentuado, já que o número de pessoas que acompanha ou que conhece as especificidades dessa vertente esportiva é potencialmente menor, quando comparado ao esporte olímpico. Dessa forma, como já mencionado, os veículos midiáticos se utilizam de outros elementos, que não o esportivo, para realizar a cobertura do esporte paralímpico.

Conforme indicado por Ana, o reforço de estigmas como o de que a pessoa com deficiência visual “vive na escuridão” é um artifício utilizado pela mídia para vender o esporte paralímpico para o maior número de pessoas. Embora seja uma forma de chamar a atenção do público, essa é uma estratégia que não acarreta significados positivos nem traz benefícios para aquele que está sendo estigmatizado. Outrossim, ao tratar acerca do esporte, o que se espera acompanhar são os aspectos relacionados a ele, e não aspectos triviais, como relata Marcos:

Porque ah, ninguém quer saber se fulano enxerga o mundo... pelo menos assim, a gente que vive de esporte de rendimento, eu não quero saber se o mundo do fulano é escuro ou se o mundo do ciclano é colorido. Eu quero saber quanto que ele correu nos duzentos metros. (Marcos, 25 anos, atleta paralímpico).

Para os atletas profissionais, a mídia deveria informar sobre assuntos diretamente relacionados ao esporte, como rotinas de treinamento, resultados de campeonatos e informações sobre quem estará competindo em determinada modalidade. Os atletas abordados nessa pesquisa e que vivem do esporte não querem saber de aspectos emocionantes sobre a vida de outros atletas. Eles esperam acompanhar assuntos relacionados a performance esportiva.

Se por um lado temos o interesse dos atletas, dos técnicos, dos gestores, dos dirigentes, das famílias desses envolvidos e de algumas outras pessoas que simpatizam com esse tipo de manifestação esportiva e que querem que a esportividade seja destacada, por outro lado temos o interesse de quem realiza a cobertura desses esportes. Cada lado tem interesses e objetivos diferentes. Um lado espera ter informações que não fujam do contexto esportivo. O outro lado quer obter o máximo de audiência e lucro com a cobertura, mesmo que isso demande a inclusão de informações que consciente ou inconscientemente possam reforçar estigmas. Obviamente, a mídia não é desprovida de interesses mercadológicos (BETTI, 2001; PIRES; 2006) e os atletas paralímpicos não correspondem à maioria do público que consome os conteúdos transmitidos pelos veículos midiáticos. Dessa forma, parece ser laboriosa a possibilidade de realizar uma cobertura midiática do esporte paralímpico que agrade os dois lados. Os interesses econômicos da mídia em relação ao esporte acabarão prevalecendo e, dessa forma, os interesses da minoria se sobressairão aos interesses de uma maioria (SANFELICE, 2010).

Conforme os dados apresentados nesta seção, podemos inferir que o estigma de que o cego “vive na escuridão” não condiz com a realidade das pessoas com deficiência visual. De acordo com os entrevistados, este estigma reproduz uma marca social associada a esse grupo de pessoas e remete a um sentimento de pena e solidão. A percepção dos entrevistados desse estudo é a de que esses elementos não contribuem para que se desenvolva uma visão positiva e realista das pessoas com deficiência visual.

A disseminação de estigmas como este discutido no trabalho perpetua uma imagem distorcida da realidade das pessoas com deficiência. Isso pode interferir com as formas com que essas pessoas serão vistas e tratadas pela sociedade. Um estigma que expõe que as pessoas com deficiência são pessoas tristes ou coitadas, pode fazer com que a sociedade que desconhece a realidade, veja e trate essas pessoas como coitadas.

O estigma que a pessoa com deficiência visual vive na escuridão é mais um dentre tantos outros estigmas que necessitam ser avaliados, problematizados e se preciso, desconstruídos. Para que assim, possamos viver em uma sociedade mais justa, em que as pessoas não sejam vistas e representadas por seus estigmas ou estereótipos, mas sim pelas suas potencialidades e particularidades, pois cada ser humano é único e merece ser valorizado independentemente de suas características físicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho dividimos a discussão dos dados com base nos temas principais que emergiram das falas dos entrevistados durante as entrevistas e que dizem respeito à sua percepção sobre a forma como eles são retratados pelos veículos midiáticos.

Uma das conclusões deste estudo é a de que, para os entrevistados, a mídia tende a propagar uma visão dicotômica do atleta com deficiência, ora representado como “coitadinho”, ora representado como super-herói. Quanto à representação dos atletas paralímpicos como “coitadinhos”, nenhum entrevistado se mostrou satisfeito ou representado por esse discurso. Ao contrário, os participantes desta pesquisa relataram que essa forma de representação só reforça um estereótipo construído e reproduzido socialmente que não condiz com a realidade deles. Além disso, esse estereótipo contribui para alimentar o preconceito existente na sociedade sobre as pessoas com deficiência.

Em relação à representação dos atletas paralímpicos como super-heróis, em que a superação da deficiência é enfatizada, não houve consenso entre os entrevistados. Alguns abominam a ideia de dizer que os atletas estão se superando e realizando feitos extraordinários. Para esses, o fato de uma pessoa com deficiência praticar um esporte não deve ser considerado uma superação pois, assim como os atletas que não possuem deficiência, eles estão apenas realizando uma atividade que demanda dedicação e treinamento, tal qual eles se propuseram. Para os outros entrevistados, no entanto, há a compreensão de que exista uma superação diária das pessoas com deficiência, pois o simples fato de sair de casa e enfrentar um mundo que não é adaptado para receber essas pessoas já se configura como superação. Conforme o modelo social de deficiência (COAKLEY; PIKE, 2014; HILGEMBERG, 2012), as limitações advindas da deficiência não são provenientes apenas da condição física ou cognitiva do indivíduo, mas também da sociedade que não oferece meios acessíveis para que essas pessoas participem ativamente do convívio social. Dessa forma, como apontaram alguns entrevistados, eles precisam superar obstáculos ambientais, arquitetônicos e sociais para que possam viver, e isso pode ser considerado, de certa forma, uma superação diária.

Salientamos que a superação da deficiência não deve ser enfatizada pelos veículos midiáticos do modo como costuma ser. Pois dessa forma, enquanto a deficiência e a superação se configuram como primário nas reportagens referentes aos atletas paralímpicos, a performance e as realizações esportivas acabam ficando em segundo plano.

De uma forma geral, ao levar em consideração os dois extremos de representação dos atletas paralímpicos, os entrevistados relataram que embora a ênfase na superação não os agrada, é mais positivo que eles sejam retratados dessa forma do que como “coitadinhos”. Os entrevistados ressaltaram que, mesmo que a cobertura midiática não seja realizada da forma como eles consideram ideal, a visibilidade midiática é importante para que a sociedade tome conhecimento das reais potencialidades dessas pessoas. Além disso, a visibilidade proporcionada pela mídia aos atletas paralímpicos pode auxiliar não apenas de modo a inspirar as pessoas com deficiência a descobrirem as suas potencialidades, como também inspirando essas pessoas a se inserirem no universo esportivo.

Um tipo de abordagem que costuma ser recorrente nas notícias referentes aos atletas paralímpicos e que causa incômodo aos entrevistados, é a ênfase na deficiência ou em outros aspectos que não dizem respeito ao contexto esportivo, ao invés de mostrar a capacidade e o desempenho esportivo dos atletas durante as competições e em suas rotinas de treinamento. Segundo os entrevistados, o foco em outros elementos, que não na esportividade dos atletas, desvaloriza a dedicação e o esforço que eles realizam para chegar em uma competição de alto rendimento. Assim como os atletas olímpicos, os atletas paralímpicos empenham grande parte do seu tempo para se dedicarem ao esporte. E após toda essa dedicação, é desalentador observar notícias que não valorizam esse esforço e ainda enfatizam o que esses atletas tem de diferente: a deficiência.

Em relação aos preconceitos enfrentados pelas pessoas com deficiência visual, os entrevistados relataram que a importância da mídia no processo de redução de alguns desses preconceitos é inquestionável. Todavia, a redução dos preconceitos e dos estigmas parece estar vinculado à demonstração midiática de suas capacidades, significando que, quando um atleta paralímpico está

atuando em outras esferas sociais nas quais a mídia ainda não exibiu as suas potencialidades, as capacidades desse atleta voltam a ser questionadas.

De acordo com os atletas, a mídia tende a propagar o estigma de que o cego “vive na escuridão”. Todos os entrevistados ressaltaram que essa veiculação acaba criando um imaginário sobre eles que não condiz com a sua realidade. O fato dessas pessoas não possuírem a visão, não significa que elas vivam na escuridão, e essa expressão remete a um sentimento de pena e de tristeza, induzindo a pensar nesses indivíduos como pessoas constantemente tristes e solitárias.

A problemática da expressão “vive na escuridão” é o sentido que é dado à palavra escuridão, pois da forma como é colocada, transmite um sentimento de tristeza e melancolia. Dessa forma, a pessoa com deficiência visual é vista como uma “coitadinha”, que está no seu mundo, sozinha. Por isso é importante que estigmas como esse, que muitas vezes passam despercebidos perante a sociedade, sejam desconstruídos. Assim, essas pessoas poderão ser vistas mais próximo do que elas verdadeiramente são.

A raiz para a perpetuação de estigmas e estereótipos relacionados às pessoas com deficiência é a falta de informação sobre a deficiência. Como os indivíduos não tem informação, eles criam preconceitos sobre a deficiência, e é a partir dos preconceitos e de informações equivocadas ou da falta de informações que os estigmas e os estereótipos são criados e difundidos. Em decorrência de preconceitos ou de determinados estereótipos, como o de que a pessoa com deficiência é uma “coitadinha”, a mídia acaba não realizando uma cobertura do esporte paralímpico positiva na maioria das vezes, pois acaba enfatizando a deficiência e reproduzindo estigmas e estereótipos que não condizem com a realidade de muitas pessoas com deficiência.

Preconizamos que os veículos midiáticos realizem uma cobertura mais positiva dos atletas e do esporte paralímpico, em que as potencialidades dessas pessoas sejam propagadas e valorizadas. A partir da informação e da diminuição de preconceitos referentes as pessoas com deficiência, elas podem ter maiores possibilidades de inclusão nas diversas esferas da sociedade. Portanto, acreditamos que cabe à mídia iniciar essa tarefa de disseminar informações, pois ela é capaz de atingir uma grande parcela da população de uma única vez.

As pessoas com deficiência vêm ganhando espaço de atuação em diversas esferas da sociedade nos últimos anos, e no que diz respeito à visibilidade midiática, isso não é diferente. Isso é ratificado por Cambuzzi (2011), ao destacar a crescente divulgação dos Jogos Paralímpicos e de outros eventos ligados ao paradesporto nos últimos anos. Todos os entrevistados concordaram que o volume de notícias aumentou substancialmente nos últimos anos, mas em relação ao modo como o conteúdo dessas notícias é veiculado não houve consenso. Alguns apontaram que a abordagem do atleta e da pessoa com deficiência está cada vez mais positiva e menos carregada de estereótipos. Em contrapartida, outros destacaram que não houve uma mudança na forma como os atletas são abordados e que essa abordagem continua enfatizando a deficiência e está carregada de preconceitos.

Os entrevistados sentem que não estão sendo representados de forma realista pela mídia. Eles são representados, muitas vezes, pela forma como quem está construindo a notícia “acha” que é a realidade dessas pessoas. Entretanto, como eles mesmos sugerem, as notícias referentes aos atletas e ao esporte paralímpico devem ser mais diretas, com foco no que esses atletas realmente estão fazendo, que é praticando um esporte de alto rendimento. Aspectos que não dizem respeito a esportividade, como as histórias de vida tristes desses atletas ou como é incrível eles estarem competindo e sorrindo mesmo tendo passado por diversas adversidades, não devem ser o foco das notícias. Os atletas paralímpicos se dedicam e competem para serem os melhores entre os melhores e merecem mais consideração e valorização por esse esforço. Eles merecem ser vistos primeiramente como atletas e como seres humanos que possuem tantas potencialidades quanto quem não possui deficiência.

Este trabalho foi de cunho qualitativo e exploratório e, portanto, os seus resultados não podem ser generalizados. Uma das virtudes, e ao mesmo tempo limitações deste estudo, é que optamos por selecionar e mostrar aos participantes algumas notícias e vídeos, conforme explicamos anteriormente. Se por um lado esta abordagem nos ajudou a direcionar e aprofundar discussões sobre algumas problemáticas presentes nestes materiais, ela pode também ter influenciado os participantes a não abordarem outras questões que talvez eles tivessem observado durante a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de uma

forma mais geral. Apesar destas limitações, este estudo oferece alguns subsídios para que possamos pensar sobre como a mídia vem retratando os atletas paralímpicos com deficiência visual. Em suma, os dados revelam que o desejo deles é estarem mais presentes na mídia e que eles ressentem serem retratados como pessoas que “vivem na escuridão”, como “coitadinhos” ou como sofredores. Eles gostariam que as suas aparições na mídia reforçassem mais o seu esforço e combatividade no meio esportivo e menos as limitações enfrentadas ao longo da vida. Os achados desta pesquisa podem servir, inclusive, como subsídios para que os profissionais da mídia desenvolvam trabalhos de cobertura do esporte e de atletas paralímpicos com deficiência visual de maneira mais justa.

Sugerimos novas pesquisas com atletas com deficiência visual de diferentes modalidades paralímpicas para que possamos aprofundar os nossos conhecimentos sobre a temática e para que, com os insights destes estudos, possamos contribuir com a qualificação da cobertura midiática sobre este tipo de esporte. Por consequência, isto poderia contribuir para a construção de uma cultura esportiva mais humanizada sobre o esporte paralímpico, bem como de forma a estimular a mudança de percepção, por parte da sociedade, em relação às pessoas com deficiência visual. Por fim, esse estudo traz como outra sugestão a realização de estudos que analisem a cobertura midiática esportiva a partir da audiodescrição – recurso que visa permitir a inclusão das pessoas com deficiência visual, a partir do acesso a informações visuais – em diferentes modalidades esportivas olímpicas e paralímpicas. Isso porque, no que diz respeito à mídia televisiva, a falta de acessibilidade às informações que permitem o acesso das pessoas com deficiência visual ao conteúdo veiculado é notória, já que a televisão se utiliza de muitos recursos visuais e, por vezes, ela transmite somente imagens, sem uma descrição do que está sendo veiculado. O resultado da ausência dessa audiodescrição é que, na maioria das vezes, as pessoas com deficiência visual não conseguem acompanhar as notícias ou as transmissões esportivas. Estudos que analisem a ocorrência dessa ferramenta podem contribuir para que os veículos midiáticos se atentem a essa necessidade, passando a valorizar e incluir um maior número de pessoas com deficiência visual como espectadores e consumidores dessas notícias e/ou transmissões.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. S.; ARAUJO, F. V. Diferenças experienciais entre pessoas com cegueira congênita e adquirida: uma breve apreciação. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 1, n. 2, 2013.
- AMARAL, L. A. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.
- AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 11-30, 1998.
- ARAÚJO, P. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. 152f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- BARBOSA, R. **Noticidade**, Sidrolândia, 2017. Disponível em: <http://www.noticidade.com/noticias/120980-a.html>. Acesso em: 24/05/2017.
- BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia. **Motrivivência**, v. 17, p. 1-3, 2001.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Zahar, 1997.
- BRAGA, A.; GASTALDO, É. Variações sobre o uso do Skype na pesquisa empírica em comunicação: apontamentos metodológicos. **Revista Contracampo**, v. 1, n. 24, p. 4-18, 2012.
- BRASIL2016**. Modalidades. 2017. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/modalidades>. Acesso em: 22/05/2017.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- BRAZUNA, M. R.; CASTRO, E. M. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Motriz**, v. 7, n. 2, p. 115-123, 2001.
- BRITTAIN, I. Media, Marketing and Disability Sport. In: BRITTAIN, I. **The paralympic games explained**. London: Routledge, 2012. p.72–90.
- BRUCE, T. Us and them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. **Disability & Society**, v. 29, n. 9, p. 1443-1459, 2014.

BUYSSE, J. A. M.; BORCHERDING, B. Framing gender and disability: A cross-cultural analysis of photographs from the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 3, p. 308-321, 2010.

CALBO, A. S. et al. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínic**, v. 2, n. 2, p. 73-80, 2009.

CAMBRUZZI, G. M. A. S. **O discurso da mídia sobre a cobertura das paraolimpíadas de Pequim 2008 e a inclusão de pessoas com deficiência**. 73f. Monografia (Especialização em Educação Inclusiva) – Centro de Educação a Distância, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CÂNDIDO, C. M.; PALMA, A.; ASSIS, M. R. de. A representação da Educação Física no quadro medido certa/90 dias para reprogramar o corpo exibido pela tv Globo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 345-357, 2016.

CASTRO, E. M. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd; 2005.

COAKLEY, J.; PIKE, E. Age and ability: Barriers to Participation and Inclusion? In: COAKLEY, J. **Sports in Society: Issues and Controversies**. 11. ed. Columbus: Oh: Mcgraw-hill Education, 2014. p. 302-34. Disponível em: http://higherred.mheducation.com/sites/0078022525/information_center_view0/sample_chapter.html Acesso em: 24/05/2017.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). Apresenta informações históricas acerca do Esporte Paralímpico. 2016. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/>. Acesso em: 22/07/2016.

DE LÉSÉLEUC, E.; ATHANASIOS, P.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad. Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts. Educación física y deportes**, v. 3, n. 97, p. 80-88, 2009.

DEPAUW, K. P. The (In) visibility of disability: cultural contexts and “Sporting Bodies”. **Quest**, v. 49, n. 4, p. 416-430, 1997.

FIGUEIREDO, T. H.; GUERRA, M. D. Olimpíadas e Paraolimpíadas: uma correlação com a mídia. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005, p. 1-10.

FIGUEIREDO, T. H.; NOVAIS, R. A. Atletas com deficiências na mídia: a cobertura noticiosa dos jogos Paraolímpicos de Atlanta a Pequim nas imprensas portuguesa e brasileira. In: **Anais eletrônicos...**, São Paulo: USP, 2011. p. 1-14.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4º Ed. Rio de Janeiro, 2008

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, G de L. (Ed.). **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 224.

HARDIN, M. M.; HARDIN, B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. **SOSOL: Sociology of Sport Online**, v. 7, n. 1, p. 1, 2004.

HELAL, R.; SOARES, A. J. G.; LOVISOLO, H. R. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Mauad Editora Ltda, 2001.

HILGEMBERG, T. Do Coitadinho ao Super-herói: Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, n. 30, p. 48–58, 2014.

HOWE, P. D. **Sport, professionalism and pain**: ethnographies os injkury and risk. New York: Routledge, 2004.

HOWE, P. D.; JONES, C. Classification of disabled athletes:(Dis) empowering the Paralympic practice community. **Sociology of Sport Journal**, v. 23, n. 1, p. 29-46, 2006.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

MARQUES, C. A. **A imagem da alteridade na mídia**. 248f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, p. 365-77, 2009.

MARQUES R. F. R. **O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu**. 286f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MARQUES, R. F. R. et al. A Abordagem Midiática sobre o Esporte Paralímpico: o Ponto de Vista de Atletas Brasileiros. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 989-1.015, 2014.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspetivas de atletas portugueses. **Motricidade**, v. 11, n. 3, p. 123-147, 2015.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista USP**, n. 108, p. 87-96, 2016.

MATSUI, R. **1º Jogos Escolares Brasileiros da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos**: um estudo de caso. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MORATO, M. P. et al. A leitura do jogo no futebol para cegos. **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 97-114, 2011a.

MORATO, M. P. et al. A mediação cultural no futebol para cegos. **Movimento**, v. 17, n. 4, p. 45- 63, 2011b.

MOURA, L.; VALÉRIO, N. A família da criança deficiente. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 3, n. 1, p. 47-51, 2003.

OLIVEIRA, M. O. R. et al. Uma comparação entre entrevistas face-to-face e entrevistas on-line via chat aplicando a técnica de laddering. **Gestão & Regionalidade**, v. 25, n. 75, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre a deficiência**. São Paulo: SEDPcD, 2012.

PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, n. 9, p. 31-42, 2009.

PIRES, G. de L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Journal of Physical Education**, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

PIRES, G. de L. Mídia, esporte e ilusão. IN: FÓRUM INTERNACIONAL DE ESPORTE E LAZER (FIESLA), 2006. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2006. p. 1-11.

PURDUE, D. E. J.; HOWE, P. D. Empower, inspire, achieve:(dis) empowerment and the Paralympic Games. **Disability & Society**, v. 27, n. 7, p. 903-916, 2012a.

PURDUE, D. E. J.; HOWE, P. D. See the sport, not the disability: exploring the Paralympic paradox. **Qualitative research in sport, exercise and health**, v. 4, n. 2, p. 189-205, 2012b.

RECHINELI, A.; PORTO, E.; MOREIRA, W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: Uma visão a partir da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.14, n.2, p.293-310, Mai/Ago. 2008.

REIS, R. E. **Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SANFELICE, G. R. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 2, 2010.

SANTOS, A. **Representação social de esportes sob a ótica de pessoas cegas**. 304f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012.

SOLVES, J.; SÁNCHEZ, S.; RIUS, I. The prince and the pauper: Journalistic culture and Paralympic Games in the Spanish print press. **Journalism**, p. 1-17, 2016.

SOUZA, D.; MORAES E SILVA, M.; MOREIRA, T. S. O perfil da produção científica online em português relacionada às das modalidades esportivas olímpicas e paralímpicas. **Movimento**, v. 22, n. 4, p. 1105- 1120, 2016.

SPORTVa. **SporTV entrega a maior cobertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/07/sportv-entrega-maior-cobertura-dos-jogos-olimpicos-rio-2016.html>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SPORTVb. **SporTV prepara grande cobertura para os Jogos Paralímpicos Rio 2016**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/paralimpiadas-rio-2016/noticia/2016/09/sportv-prepara-grande-cobertura-para-os-jogos-paralimpicos-rio-2016.html>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2 ed. Porto Alegre: Porto Alegre, 2008.

WINNICK, J. **Educação Física e Esporte Adaptado**. Trad. Fernando Augusto Lopes. São Paulo: Manole, 2004.

ZOBOLI, F.; QUARANTA, A. M.; MEZZAROBA, C. Oscar Pistórius, um deficiente eficiente? Considerações sobre a segregação/inclusão no paradesporto: Um olhar a partir da mídia. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 8, n. 1, p. 259-286, 2013.

ANEXO 1 – NOTÍCIA REFERENTE A VITIMIZAÇÃO

12/09/2016 06h00 - Atualizado em 12/09/2016 09h02

Unida ao irmão por doença, Regiane dá volta no destino para nadar no Rio

Cega devido a um glaucoma congênito, nadadora sofre por saber que irmão terá mesmo caminho. Depois de ir a Jogos no remo, volta às piscinas por sonho conjunto
Por João Gabriel Rodrigues e Matheus Tibúrcio Rio de Janeiro

O destino se apresentou como um mal anunciado ainda na infância. Regiane Nunes não entendia muito bem o que era o tal glaucoma congênito, muito menos o caminho que teria de seguir por conta da doença. Aos três anos, ganhou um irmão, Renato, que teria de conviver com as mesmas condições. Os dois cresceram como gêmeos, unidos em tudo, e o problema em comum fez com que os laços ficassem mais fortes. Mais velha, Regiane se acostumou a ser quase uma leitura viva do futuro de Renato - para o bem e para o mal. Foi assim à medida que sua visão se deteriorou até não conseguir mais enxergar.

Quando eu perdi a visão, há três anos, ele deu uma surtada. Ele encarou como uma sentença para ele. Por conta da patologia, por ser igual, por ter o mesmo prognóstico. Mas graças a Deus ele ainda enxerga de um olho. É um olho que serve para os dois. Ele tem meio olho, eu tenho a outra metade.

Nadadora da delegação paraolímpica do Brasil nos Jogos do Rio, Regiane tem 32 anos. Devido à doença, rara e hereditária, foi perdendo a visão aos poucos. Aos 23, já não conseguia enxergar com o olho esquerdo. Quando tinha a mesma idade, Renato, também nadador, conheceu o mesmo caminho.

Nós temos a mesma doença, nascemos com glaucoma. Eu sou três anos mais velha que o Renato. E as pessoas meio que acham que nós somos irmãos gêmeos. Eu perdi

a visão do olho esquerdo aos 23 anos. E ele também não tem mais a visão do olho esquerdo. As coisas vão acontecendo muito parecidas.

Ao se apresentar como o destino do irmão, Regiane tenta se manter firme. Busca dar forças à medida que o futuro se mostra inevitável. Quando perdeu totalmente a visão, a nadadora buscou acalmar Renato, que não conseguiu índice para os Jogos. Se a vida dá rasteiras, ela diz, a solução é seguir em frente.

Eu falo que ele me deu forças sem saber. Quando eu desanimei, fiquei pensando o que ia fazer da minha vida, sentia vontade de chorar. Não é fácil no começo. Eu sentia ele desesperado.

Então, precisava segurar a onda, fingir que estava tudo bem, para que o Renato não ficasse desesperado. Sem querer, ele me dava forças porque eu segurava a onda para ele não sofrer. Mas, no fundo, eu sei o que passa na cabeça dele. E ele sabe o que passa na minha. Se eu estou aqui, se continuei nadando, se tracei o objetivo quando ainda estava de cama... se eu disse: “Eu vou voltar a nadar, vou competir e vou disputar a Paralimpíada no Brasil”, e eu tinha certeza que ia, foi por ele. A vida, às vezes, dá uma rasteira na gente, mas, se tivermos fé, as coisas acontecem. É a realização do nosso sonho.

Regiane tem duas Paralimpíada no currículo, mas longe das piscinas. Em Pequim 2008 e Londres 2012, participou no remo, ainda que preferisse a natação. Antes da perda total da visão, Regiane nadava na classe S12, para atletas com baixa visão, mas não conseguia índice para os Jogos. Com a nova condição, passou a competir na S11, que conta apenas com nadadores cegos. Se o destino quis que a nadadora perdesse totalmente a visão, Regiane deu um jeito de ser mais feliz e, enfim, disputar sua primeira Paralimpíada na piscina.

Voltar para a natação foi a concretização de um sonho. Fui para o remo duas vezes para competir a Paralimpíada. Foi uma experiência maravilhosa para me dar um pouco de

calma, para participar de um evento tão maravilhoso quanto a Parlimpíada. Mas o meu sonho mesmo sempre foi nadar. Eu consegui isso agora. Depois que mudei de categoria, as coisas começaram a mudar um pouco para mim, no sentido do ranking e tudo. Passei por uma transformação quando perdi a visão. Mas, quando entrei ali e senti a torcida, me dei tudo. Meu coração ficou com muita alegria. Meu Deus, consegui, estou aqui. Estou bem realizada.

Regiane está inscrita em quatro provas no Rio. Não conseguiu passar à final nos 100m costas e nos 400m livre, mas não desanima. Diz que suas maiores chances estão nos 50m, nesta segunda-feira, e nos 100m. Renato chegou ao Rio no sábado, mas ainda não conseguiu estar presente à prova da irmã. Quando estão longe um do outro, os dois costumam se comunicar por mensagens. Durante os Jogos, Regiane tentou ficar afastada do celular. Na estreia, porém, não resistiu.

Quando eu entrei, senti a energia da torcida, para mim ele estava na arquibancada. Em 2007, estivemos juntos no Parapan. Foi a primeira competição internacional que estivemos juntos. Foi uma experiência muito marcante. Eu e Renato temos uma relação maior que a de irmãos. Não dá para descrever a relação que a gente tem. É uma cumplicidade muito grande na nossa relação como irmãos, como amigos, na nossa profissão como atletas. Eu estou aqui. Mas sou metade Regiane, metade Renato. Até ele chegar, ele estava grudado à televisão. Eu falei que não ia mexer no celular antes, não ia ficar atenta às mensagens, mas não aguentei. Eu ouvi um áudio que ele mandou antes. Eu sei que é alguém que está torcendo por mim.

A perda total da visão veio em 2013. Até lá, se dividia entre os esportes em busca do sonho paralímpico. Ao deixar a água da piscina do Estádio Aquática, Regiane se disse completa. Em nome do irmão, aproveita cada braçada nos Jogos.

Perdi a visão em 2013. Voltei a competir em 2014. Eu vinha numa carreira paralela. Participei do Parapan de 2007, pela natação, fui para Pequim em 2008 pelo remo. Em 2011, fui para o Parapan pela natação, depois 2012 pelo remo. Nunca deixei de nadar. Natação fazia parte da minha preparação física para o remo, e o remo contribuía para a natação. Mas, quando chegava em eventos grandes, eu tinha mais condições de conseguir vaga pelo remo. Mas nunca parei de nadar. Em 2013, quando perdi a visão, estava rolando Mundial em Montreal. Eu mandei mensagem para o meu técnico, perguntando quanto eu tinha de nadar para ser S11. Ele me desanimou um pouco. Mas eu disse que ia conseguir. Está dando certo

ANEXO 2 – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - SETOR DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O DISCURSO MUDIÁTICO SOBRE O ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE NOTÍCIAS

Pesquisador: Doralice Lange de Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55300216.5.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.574.202

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa intitulada “O DISCURSO MUDIÁTICO SOBRE O ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE NOTÍCIAS” desenvolvido pela Prof. Dra Doralice Lange de Souza e colaboradores: Bianca Natália Poffo, Silvan Menezes dos Santos, Fernanda Anselmo, Sabrina Furtado, Amanda Velasco, Diego Polhmann, Antonio Luis Fermineo, Paulo Alexandre Alves de Souza.

Será realizada no Departamento de Educação Física / Programa de Pós-graduação em Educação Física / UFPR de agosto de 2016 a 31 de junho de 2021

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo

Esta pesquisa possui dois objetivos principais: (1) Investigar o discurso midiático-esportivo relacionado com o esporte para pessoas com deficiência, considerando o processo de produção desse discurso

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados pessoais: Nome, Idade, Estado civil, Profissão atual, Nível de escolaridade, Grau de deficiência (B1,B2,B3), como adquiriu a deficiência, modalidade, tempo de prática, local onde reside, local onde pratica, quantos Jogos Paralímpicos já participou/quanto tempo integra a seleção brasileira (para atletas que participaram dos JP RIO 2016), Recebe bolsa/ incentivo material/ financeiro?

Roteiro de Entrevista

- 1- Você poderia me falar um pouco sobre a sua trajetória no esporte?

- 2- Você costuma acompanhar notícias/ reportagens da sua modalidade ou de outros esportes paralímpicos pela televisão, por rádio, por portais de notícia na internet ou pelas redes sociais? Se sim, por quais meios? Quanto tempo costuma dedicar diariamente/semanalmente para isto?

- 3- Você acompanhou algumas notícias sobre os Jogos Paralímpicos RIO 2016? Se não, acompanhou notícias de outro grande evento paralímpico (Parapan, JP Londres 2012).

- 4- O que você achou sobre o conteúdo das notícias que você acompanha? Geralmente são positivas ou negativas? Falam coisas boas sobre o esporte e as pessoas com deficiência ou focam em aspectos que você não gosta? Por quê? Poderia citar alguns exemplos?

- 5- Você acha que na cobertura das modalidades para pessoas com deficiência visual em grandes eventos mundiais, as notícias costumam focar nos resultados e na descrição do jogo ou costumam focar em outros aspectos? Se o foco é em outros aspectos, quais? Poderia citar algum exemplo?

- 6- Gostaria que você assistisse um vídeo do Esporte Espetacular, exibido no dia 18 de setembro de 2016. O que mais te chamou atenção no vídeo?

7- Você percebeu algum enfoque na superação das limitações dos atletas? O que você pensa sobre esse tom de superação que a reportagem traz?

8- E sobre o atleta paralímpico ser mostrado como um exemplo para as outras pessoas. No seu caso, você se sente um exemplo para os demais? De que forma? Você acha importante ser mostrado um exemplo para os demais?

9- Você já viu na mídia falarem que o atleta paralímpico é um super-herói? O que você pensa sobre isso?

10- Gostaria de te mostrar um vídeo exibido no Jornal Nacional no dia 31/08/2012. Alguma coisa te chamou a atenção no vídeo?

11- Vou ler um trecho da Folha de São Paulo do dia 10/09/2012: "Indiscutivelmente, o vencedor Zanardi e o derrotado Pistorius eram estrelas. Mas não vibrei com nenhum desses resultados. Vejo os Jogos Paraolímpicos com olhos de admiração que só enxergam vencedores. Acredito que todos ali o são, simplesmente pelo que fazem. Na minha interpretação, a competição é a celebração da superação. Os resultados em si ficam em segundo plano [...] A Paraolimpíada, encerrada em Londres e que volta em 2016, no Rio de Janeiro, é a celebração da superação." O que você pensa sobre isso?

12- Você já viu notícias como essa? Falando que o que os atletas fazem é incrível, pois eles ultrapassam muitas barreiras para estar onde estão e que o resultado não importa? O que você pensa sobre isso?

13- Você acha bom ou ruim reforçar que a pessoa com deficiência é capaz de praticar um esporte? Por quê?

14- Você acha que o reforço das capacidades das pessoas com deficiência por parte da mídia pode trazer alguma mudança de percepção e/ou atitude em pessoas sem deficiência e que não tem contato com pessoas com deficiência? E para outras pessoas com deficiência?

15- Agora vou ler uma reportagem publicada no portal de notícias G1 (Anexo 1). O que você pensa sobre ela? Você já viu alguma vez na mídia falarem que as pessoas com deficiência sofrem ou são coitadinhos? O que você pensa sobre isso?

16- Gostaria que você assistisse a um vídeo exibido no Jornal Hoje no dia 15 de setembro de 2016; Alguma coisa te chamou a atenção? Se não falar sobre o trecho emblemático... E sobre o trecho: “são elas que brilham embora vivam em um mundo de escuridão”. Qual a sua opinião sobre isso? Você já ouviu antes que as pessoas com deficiência visual vivem na escuridão? Qual o seu sentimento sobre isso?

17- E sobre falarem que a pessoa com deficiência visual vê o mundo de uma forma diferente? Você realmente vê o mundo de uma forma diferente ou para você, você vê o mundo igual à todas as pessoas?

18- E sobre as notícias constantemente falarem sobre as sensações e os sentidos que a pessoa com deficiência visual tem? Você vê algum problema nisso? Você acha que isso deveria aparecer nas notícias sobre pessoas com deficiência visual?

19- Você acha que a mídia em geral, tem retratado os atletas e as pessoas com deficiência visual de uma forma positiva? Que não reforce preconceitos?

20- Você acha que essa representação dos atletas poderia melhorar ou ser diferente? De que forma?

21- Você acha que se os atletas fossem retratados de uma forma diferente de como eles são retratados geralmente, mudaria a visão das pessoas que não tem deficiência visual? De que forma? E isso teria alguma influência na sua vida? De que forma?

22- E você se lembra como a mídia retratava os atletas quando você iniciou no esporte? O que mudou de lá até hoje? Você acha que a mídia evoluiu ou regrediu

na forma como representa os atletas e as pessoas com deficiência?

23- Que tipo de conselhos você daria para profissionais da mídia para que façam um bom trabalho e possam contribuir no sentido de cobrir o esporte para pessoas com deficiência visual?

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Doralice Lange de Souza, professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, convido você a participar do estudo intitulado: “O discurso midiático sobre o esporte para pessoas com deficiência: um estudo sobre recepção de notícias”.

O objetivo desta pesquisa é investigar o que pessoas com deficiência visual pensam sobre as formas com que a mídia (televisão, jornais, revistas, internet) retrata atletas com deficiência visual. A sua perspectiva sobre esta temática pode colaborar na construção de conhecimentos que talvez possibilitem melhorias na forma com que a mídia se refere a pessoas com deficiência visual.

Caso você participe da pesquisa, será realizada uma entrevista com você. A entrevista será gravada e perguntaremos a sua percepção sobre a cobertura da mídia no que se refere a atletas com deficiência visual. Durante esta entrevista, apresentaremos trechos de jornais, portais de notícia, clipes de transmissões televisivas e/ou da internet e perguntaremos a sua opinião sobre elas.

Existem alguns riscos relativos à sua participação na pesquisa. É possível que a participação na entrevista sobre as formas com que a mídia retrata os atletas paralímpicos com deficiência visual gere algumas memórias tristes ou ressentimento em você, considerando que nem sempre a mídia e a sociedade tratam as pessoas com deficiência com o devido respeito que merecem. É possível também que você se sinta constrangido(a) de compartilhar suas ideias com o pesquisador. Porém, você estará livre para abordar, ou não, os assuntos levantados pela entrevista e para parar de responder as questões a qualquer momento que desejar e se retirar da sala onde a entrevista estiver sendo desenvolvida. É possível também que você se sinta cansado(a) durante a participação das entrevistas. No entanto, você estará livre para encerrar a sua participação da pesquisa a qualquer momento.

Você não terá nenhum benefício direto pela sua participação na pesquisa. No entanto, a sua opinião poderá nos ajudar a produzir conhecimentos que poderão contribuir para com melhorias nas formas com que a mídia retrata pessoas com deficiência visual.

Eu posso ser contatada para esclarecer suas dúvidas e fornecer-lhe informações sobre a pesquisa antes, durante ou depois que a mesma for encerrada. Posso ser localizada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, campus Jardim Botânico, localizada na Rua Coração de Maria, 92 nos seguintes dias e horários: segundas, terças, quartas e quintas das 7:30 às 11:50 e das 13:30 às 15:45 ou nas sextas feiras das 13:30 às 16:00 horas. Ela pode também ser contatada no seguinte telefone (41) 3360-4325 ou endereço de e-mail: desouzdo@post.harvard.edu. BR 116 - KM 95, Jardim Botânico.

A aluna Amanda Paola Velasco de Oliveira, colaboradora principal desta pesquisa, poderá ser localizada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, campus Jardim Botânico, localizado na Rua Coração de Maria, n 92 – Jardim Botânico, nos seguintes dias e horários: terças e quartas das 13:30 às 17 horas e nas quintas das 09:00 às 17:00 horas. Ela pode também ser contatada no seguinte email: amandavelasco.18@gmail.com.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo serão conhecidas por outros membros do grupo de pesquisa coordenado pela minha pessoa. No entanto, quando divulgarmos a pesquisa em forma de relatório, artigos científicos ou congressos, utilizaremos um nome fictício ou um código para que a sua identidade seja preservada.

O material obtido – entrevistas - será utilizado unicamente para essa pesquisa. Os questionários serão picotados e descartados no lixo e as entrevistas deletadas ao término do estudo, no prazo máximo de 4 anos.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres

Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360- 7259.

Eu, li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, __ de _____ de _____

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]

| |
|---|
| Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [rubrica] |
| Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica] |
| Orientador [rubrica] |